



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO

LEILA JANAÍNA PEREIRA DA SILVA

JESUS PROFETA NA DINÂMICA NARRATIVA DO TERCEIRO EVANGELHO

RECIFE

2022

LEILA JANAÍNA PEREIRA DA SILVA

JESUS PROFETA NA DINÂMICA NARRATIVA DO TERCEIRO EVANGELHO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em teologia.

Área de concentração: Teologia sistemático-Pastoral

Linha de pesquisa: Hermenêutica Bíblica e Teológica

Orientadora: Profa. Dra. Rita Maria Gomes

Recife

2022

S586j Silva, Leila Janaína Pereira da
Jesus profeta na dinâmica narrativa do terceiro
evangelho / Leila Janaína Pereira da Silva, 2022.
129 f.

Orientadora: Rita Maria Gomes
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia.
Mestrado em Teologia, 2022.

1. Jesus Cristo – ofício profético. 2. Bíblia. N.T. Lucas.
I. Título.

CDU 232

Luciana Vidal - CRB 4/1338

LEILA JANAÍNA PEREIRA DA SILVA

**JESUS PROFETA NA DINÂMICA NARRATIVA DO
TERCEIRO EVANGELHO**

Dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Mestra em Teologia.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior


Profa. Dra. Tânia Maria Couto Maia


Profa. Dra. Rita Maria Gomes
(Presidente da Banca Examinadora)

AGRADECIMENTOS

“É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas, a graça das graças é não desistir nunca” (Dom Helder Câmara).

A gratidão tem rosto, tem cor e tem nome;

Gratidão à professora Profa. Dra. Rita Maria Gomes que aceitou trilhar comigo este percurso de busca, descoberta e conhecimento de Jesus Profeta nas letras do terceiro Evangelho;

Gratidão à minha família biológica e congregacional que me acompanharam e incentivaram;

Gratidão aos profetas e profetisas de todos os tempos.

RESUMO

A história de Israel como povo escolhido por Deus foi profundamente marcada pelo movimento profético. Este povo, ao longo do seu processo de formação e de relação com IHWY vai ter na figura dos profetas personagens muito significativos como àqueles que, tendo recebido de Deus uma missão, falam em nome Dele. Aqueles que ajudam o povo a manter a fé e a esperança no Deus que um dia o salvara da escravidão do Egito e com quem fizera uma Aliança. No tocante a Jesus de Nazaré, em todos os Evangelhos há uma clara referência a ele como profeta mesmo não sendo de forma mais detalhada e aprofundada. Mas, é possível perceber que no terceiro Evangelho, dentre os modelos utilizados pelo evangelista Lucas para descrever e apresentar à sua comunidade, a pessoa de Jesus, a sua vida e o seu projeto de missão, encontra-se o modelo de profeta. Por isso, pergunta-se: o que a dinâmica narrativa do terceiro Evangelho revela sobre Jesus profeta? Então, com esta pesquisa pretende-se refletir sobre Jesus profeta na dinâmica narrativa do terceiro Evangelho, ou seja, refletir sobre o seu modo próprio de Ser profeta e de Proceder profeticamente. A metodologia utilizada neste trabalho consistiu na análise do terceiro Evangelho como fonte principal do estudo e em pesquisa bibliográfica. E o seu desenvolvimento se dá em três etapas: iniciou-se identificando e contextualizando a Jesus profeta no terceiro Evangelho, sendo que para essa identificação, tomaram-se as narrativas que trazem expressamente a palavra “Profeta” atribuída a Jesus, seja de modo implícito ou explícito, em narrativas provindas da fonte primária (Mc) ou propriamente lucanas. Depois, lançou-se o olhar para o modo lucano de construir a identidade profética de Jesus, dando especial atenção às narrativas propriamente lucanas que mais concretamente dão a conhecer o modo próprio de Jesus ser e proceder como profeta. E finalizou-se este percurso com a apresentação reflexiva, a partir dos elementos fornecidos pelas narrativas analisadas sobre o modo próprio de Jesus profeta ser e proceder segundo a dinâmica narrativa lucana.

Palavras-chave: Jesus-Profeta. Terceiro Evangelho. Dinâmica-Narrativa.

ABSTRACT

The history of Israel as a people chosen by God was deeply marked by the prophetic movement. This people, throughout its formation process and its relationship with IHWH, will have in the figure of the prophets very significant characters as those who, having received a mission from God, speak in His name. Those who help the people to maintain faith and hope in the God who had once saved them from slavery in Egypt and with whom they had made an Alliance. Regarding Jesus of Nazareth, in all the Gospels there is a clear reference to him as a prophet, even if not in a more detailed and deep way. But, it is possible to notice that in the third Gospel, among the models used by Luke to describe and present to his community, the person of Jesus, his life and his mission project, there is the model of a prophet. Therefore, we ask ourselves: what does the narrative dynamic of the third Gospel reveal about Jesus the prophet? This research aims to reflect on Jesus the prophet in the narrative dynamics of the third Gospel, that is, to reflect on his own way of being a prophet and how to act prophetically. The methodology used in this work consisted of the analysis of the third Gospel as the main source of the study and in bibliographical research. It began by identifying and contextualizing the prophet Jesus in the third Gospel, and for this identification, the narratives that expressly carry the word "Prophet" attributed to Jesus were taken, whether implicitly or explicitly, in narratives coming from the primary source (Mark) or from Lucan itself. Then, we looked at the Lucan way of constructing the prophetic identity of Jesus, giving special attention to the Lucan narratives that more concretely make known the proper way of Jesus to be and to proceed as a prophet. And we end this journey with a reflective presentation, based on the elements provided by the analyzed narratives on the proper way of Jesus the prophet to be and to proceed according to the Lucan narrative dynamics.

Keywords: Jesus-Prophet. Third Gospel. Narrative-Dynamic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 JESUS PROFETA NA DINÂMICA NARRATIVA DO TERCEIRO EVANGELHO	13
1.1 CONHECENDO POR DENTRO O TERCEIRO EVANGELHO.....	14
1.1.1 A Estrutura do Terceiro Evangelho.....	17
1.2.2 O Espírito Santo: Presença Ativa e Constante na Vida e na Missão de Jesus Profeta.....	21
1.2 O TRABALHO REDACIONAL LUCANO NA APRESENTAÇÃO DE JESUS COMO PROFETA.....	25
1.2.1 Narrativas Recolhidas da Fonte Primária.....	30
1.2.2 Narrativas Propriamente Lucanas	36
SÍNTESE CONCLUSIVA	39
2 A CONSTRUÇÃO LUCANA DA IDENTIDADE PROFÉTICA DE JESUS	41
2.1 A IDENTIDADE PROFÉTICA DE JESUS.....	42
2.2.1 Jesus e Moisés	43
2.2.2 Jesus e Elias Redivivo	45
2.2 O PROCESSO NARRATIVO DE APRESENTAÇÃO DE JESUS-PROFETA.....	49
2.3.1 A Afirmação Profética: Multidão e Discípulos de Emaús (Lc 7,16; 24,19)	51
2.3.1.1 A primeira afirmação profética explícita: A multidão (7,16)	53
2.3.1.2 A segunda afirmação profética explícita: Os Discípulos de Emaús (24,19)	60
2.3.2 A Dúvida-Negação Farisaica da Condição de Profeta de Jesus (Lc 7,39)	65
2.3.3 A Autoidentificação Profética de Jesus (13,31-33)	73
SÍNTESE CONCLUSIVA	78
3 O MODO PRÓPRIO DE JESUS PROFETA SER E PROCEDER SEGUNDO A DINÂMICA NARRATIVA LUCANA	81
3.1 A REALIDADE CONCRETA COMO INSTIGADORA DO AGIR PROFÉTICO	82
3.1.1 A Realidade das Mulheres na Situação de Sofrimento, Exclusão e Marginalização.	83
3.1.2 A Realidade dos Discípulos na Situação de Desânimo e Desesperança	89
2.3.3 A Realidade de Jesus Profeta na Situação de Incompreensão e Perseguição	93
3.2 CARACTERÍSTICAS QUE EXPRESSAM PROFUNDAMENTE O SER DE JESUS PROFETA.....	96
3.2.1 O Messianismo	97
3.2.2 A Salvação.....	107
3.3 ATITUDES INTERNAS QUE SE EXTERIORIZAM COMO RESPOSTA NO AGIR PROFÉTICO	111
3.2.1 A Compaixão como Impulsionadora do Agir Profético	112

3.2.2 A Acolhida Como Gesto Primordial do Agir Profético.....	116
3.2.3 A Presença como Compromisso no Caminho Profético	119
SÍNTESE CONCLUSIVA	122
CONCLUSÃO	124
REFERÊNCIAS	127

INTRODUÇÃO

O desejo de conhecer profundamente a identidade profética de Jesus, tal qual é apresentada pelo evangelista Lucas foi a motivação primeira para a escolha da temática a ser estudada, já que o mesmo, ao longo do terceiro Evangelho apresenta, através dos diferentes interlocutores, o aspecto profético de Jesus e o do seu profetismo, representado no modo como as pessoas o viam realizando curas, ressuscitando alguém e, até mesmo, quando falava com autoridade. A segunda motivação provém do desejo de descobrir como essa identidade pode iluminar e guiar o agir profético do cristão e da cristã hoje, já que todos os cristãos, pelo batismo, participam não somente do múnus sacerdotal e régio de Cristo, mas também do múnus profético.

E conhecer em profundidade este aspecto da vida e da missão de Jesus de Nazaré é muito importante e relevante, tanto para o espaço acadêmico, que proporciona mais fundamentos teóricos e reflexivos sobre ele e sua missão, a partir do todo de um Evangelho, quanto para o espaço pastoral. Visto que, Jesus de Nazaré é o fundamento da vida de milhares de pessoas ao redor do mundo.

Por isso, propõe-se como título desta dissertação: Jesus Profeta na Dinâmica Narrativa do Terceiro Evangelho. Sendo que, ao propor esse título, pretende-se refletir sobre o modo próprio de Jesus ser profeta e proceder profeticamente, segundo a dinâmica narrativa lucana. E o processo de reflexão se inicia com o seguinte questionamento: O que a dinâmica narrativa do terceiro Evangelho revela sobre o modo próprio de Jesus de Nazaré ser e proceder como profeta?

Cada escritor que se propõe a escrever algo, sobre algum tema tem como horizonte um público alvo, e alguma situação concreta que carece de respostas ou esclarecimentos. O evangelista Lucas não foge à regra, ou seja, quando se propôs a escrever a história dos acontecimentos sobre a pessoa de Jesus e a sua missão, ele revela desde o início a sua intenção, ou seja, que o

seu amigo Teófilo¹, a quem dedica o trabalho verifique a solidez dos ensinamentos recebidos (cf.1,4).

Por isso, para refletir sobre Jesus profeta e responder à questão acima levantada, faz-se necessário adentrar no terceiro Evangelho como quem entra numa casa. Uma casa que abre suas portas e dá passagem a todo aquele e aquela que deseja conhecer mais de perto o viés profético de Jesus de Nazaré, buscando perceber nas entrelinhas das narrativas criadas ou organizadas pelo evangelista, o modo próprio de Jesus ser e proceder como profeta.

A dissertação está estruturada em três capítulos interligados que proporcionam a identificação, a análise e a reflexão sobre Jesus profeta. O primeiro capítulo traz como título: Jesus profeta na dinâmica narrativa do terceiro Evangelho, e se destina a identificar contextualizando a Jesus profeta no todo do terceiro Evangelho. Isso significa seguir de perto as dicas e pistas oferecidas pela própria narrativa: Onde e como na organização/estruturação do Evangelho, Jesus de Nazaré é apresentado/identificado como profeta? Quais os meios utilizados por Lucas para dar a conhecer à sua comunidade e às comunidades cristãs de hoje a personalidade profética de Jesus?

E para melhor delimitar o percurso da identificação contextualizada de Jesus profeta no todo do terceiro Evangelho, utilizar-se-á de modo prioritário as narrativas que trazem expressamente a palavra Προφήτης / prophētēs (profeta) no reconhecimento dele nessa categoria. Narrativas que Lucas recolheu da fonte primária (Evangelho Segundo Marcos) ou narrativas exclusivas do terceiro Evangelho, e que de modo implícito ou explícito dizem algo sobre a identidade profética de Jesus.

O segundo capítulo se intitula: A construção lucana da identidade profética de Jesus, e se propõe a examinar analisando o modo próprio utilizado pelo evangelista na construção da identidade profética de Jesus. Sendo analisadas as narrativas propriamente lucanas, com o intuito de conhecer a fundo o modo como Jesus profeta exerceu a sua missão profética junto ao

¹“Teófilo, ao qual Lucas dedica o evangelho e também os Atos dos Apóstolos (1,1), é um personagem desconhecido. Daí várias hipóteses: trata-se de um funcionário pagão ao qual Lucas quer apresentar numa luz positiva o cristianismo e a vida da Igreja para dissipar suspeitas e boatos? O título ‘ilustre’, ‘egrégio’, no livro dos Atos, aplica-se a pessoas que ocupam cargos oficiais (At 23,26; 24,3; 26,25). Mas, correspondia a esta finalidade um escrito teologicamente elaborado como o evangelho de Lucas? Mais crédito merece a hipótese de que se trata de um cristão influente, ou protetor de Lucas. No Evangelho, ele poderá encontrar uma confirmação válida de sua formação cristã” (FABRIS, 2006, p. 25).

povo com quem se encontrava em seu próprio caminho. Que tipo de profeta o autor considera e adota em sua macronarrativa na construção da identidade profética de Jesus? O que as narrativas propriamente lucanas revelam sobre o modo próprio de Jesus profeta ser e de proceder?

Já o terceiro capítulo: O modo próprio de Jesus Profeta ser e proceder segundo a dinâmica narrativa lucana, destina-se a apresentar refletidamente os principais elementos fornecidos pelas narrativas que foram analisadas. Elementos esses, que revelam em profundidade o modo concreto de Jesus ser profeta e de proceder profeticamente. Quais são os principais elementos reveladores do modo próprio de Jesus profeta ser e de proceder? E qual a mensagem que transmitem sobre o modo próprio de Jesus profeta ser e proceder?

Jesus profeta com seu modo de ser e de proceder tocou todas as dimensões da vida humana, ensinando assim, o ser humano a ser mais humano. Tocou e se deixou tocar por cada pessoa com quem se encontrava em seu caminho, sem fazer distinção. Ele tocou de modo particular e especial às vidas mais ameaçadas e pouco valorizadas pela sociedade de sua época. A metodologia deste trabalho consistiu na análise do terceiro evangelho e na pesquisa bibliográfica.

Ao longo da dissertação foram utilizados como referência, alguns autores de língua espanhola. E a tradução das citações do espanhol para o português é de autoria própria, sendo que o texto na língua original se encontra na nota de rodapé, possibilitando assim, a conferência do mesmo. E os textos bíblicos utilizados neste trabalho foram retirados da Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2019.

Espera-se que este trabalho possa inspirar e ajudar a cada pessoa que deseja conhecer em profundidade a Jesus de Nazaré a partir do seu viés profético, deixando-se questionar por ele e por seu modo próprio de ser e de proceder, tomando como guia iluminador o Evangelho Segundo São Lucas que continua tão atual, apesar da distância existente entre a sua comunidade e o hoje da sociedade humana.

1 JESUS PROFETA NA DINÂMICA NARRATIVA DO TERCEIRO EVANGELHO

Pensar na dinâmica narrativa do terceiro Evangelho possibilita pensar no movimento e no dinamismo que o autor, o evangelista Lucas, imprimiu ao longo dessa obra, na apresentação para a sua comunidade, da pessoa de Jesus de Nazaré e do seu projeto de vida e de missão.

E dentro desta perspectiva, do movimento e do dinamismo, esta primeira parte se propõe a identificar contextualizando a Jesus-profeta no terceiro Evangelho. Alguns questionamentos iluminam o percurso, tais como: Onde e como na organização/estruturação do Evangelho, Jesus de Nazaré é apresentado/identificado como profeta? Quais os meios utilizados por Lucas para dar a conhecer à sua comunidade e às comunidades cristãs de hoje a personalidade profética de Jesus?

Para responder às questões acima levantadas, faz-se necessário conhecer por dentro o terceiro Evangelho, pois buscar e identificar a Jesus profeta, a partir da dinâmica narrativa dessa obra, somente é possível se houver uma aproximação efetiva e afetiva da mesma. E mais ainda, se houver o adentramento nessa, pois “a obra lucana é uma autêntica proclamação do acontecimento Cristo, dirigida a uns leitores nos quais se tenta provocar uma reação de fé e de aceitação cristã”² (FITZMYER, 1986, p. 36). E não é olhando desde fora e à distância que se consegue uma relação de fé autêntica e uma aceitação cristã verdadeira.

Para iniciar o processo de identificação e contextualização da pessoa de Jesus profeta na dinâmica narrativa do Evangelho Segundo Lucas, segue-se então, a dinâmica do adentramento passo a passo nessa obra que oferece suas narrativas e histórias; a vida e o movimento que brotam do encontro e do desencontro entre o personagem principal, Jesus de Nazaré, e os diferentes interlocutores. Oferece a possibilidade do acompanhamento próximo e profundo dele, Jesus de Nazaré, em sua missão de buscar e salvar a todas as pessoas, já que para Lucas, Deus que é o Criador e Redentor de Israel tem uma mensagem e um desejo de Salvação não somente para os judeus, mas para todas as nações. Por isso, no Evangelho de Lucas, “Jesus fala e age

²La obra lucana es una auténtica proclamación del acontecimiento Cristo, dirigida a unos lectores en los que intenta provocar una reacción de fe y de aceptación cristiana.

imediatamente para ser visto, ouvido e compreendido pela humanidade em geral; Jesus fala da tribuna da Palestina para o mundo inteiro, e suas palavras, seus gestos valem imediatamente para todos” (COMBLIN, 2010, p. 56).

Para realizar a identificação contextualizada de Jesus profeta no Evangelho Segundo Lucas, segue-se neste capítulo o seguinte percurso: o adentramento passo a passo nessa obra para conhecer a sua estrutura e temáticas que ajudarão no aprofundamento do tema em estudo. Seguido da análise do trabalho redacional feito pelo evangelista na apresentação de Jesus como profeta, possibilitando assim, responder aos questionamentos Onde e como na organização/estruturação do Evangelho, Jesus de Nazaré é apresentado/identificado como profeta? Quais os meios utilizados por Lucas para dar a conhecer à sua comunidade e às comunidades cristãs de hoje a personalidade profética de Jesus?

1.1 CONHECENDO POR DENTRO O TERCEIRO EVANGELHO

Desde o início de sua obra, as narrativas organizadas por Lucas vão ajudar no reconhecimento do modo próprio de Deus agir. É a história humana o lugar privilegiado do agir de Deus - na vida das pessoas e nas situações que as afetam. Desde sempre foi assim: Deus agiu junto ao povo de Israel libertando-o, ficando ao seu lado e o conduzindo a uma terra nova, terra onde mana leite e mel (cf. Ex 3, 7ss).

Lucas, cristão da terceira geração dos seguidores e seguidoras, que aderiram à fé em Jesus Cristo, é herdeiro da tradição das primeiras testemunhas e dos primeiros escritores, que não deixaram cair no esquecimento histórico os acontecimentos a respeito da pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo, em sua vida terrena. Segundo Bovon, “Lucas é um grego que se interessou pela religião judaica. Pertence ao âmbito dos simpatizantes denominados, tementes de Deus. Foi nesse âmbito onde começou a conhecer o evangelho e se fez cristão”³ (BOVON, 2015, p. 39).

Foi um escritor muito habilidoso, pois soube apresentar, de modo sereno e profundo, para a comunidade do seu tempo, a pessoa de Jesus Cristo e a

³Lucas es un griego que se interesó por la religión judía. Pertenece a ese ámbito de simpatizantes denominados “temerosos de Dios”. En este ámbito fue donde comenzó a conocer el evangelio se hizo Cristiano.

sua missão no mundo. Soube construir uma obra que, valorizando e respeitando o trabalho de seus antecessores (Evangelho Segundo Marcos, a fonte dos Ditos de Jesus e uma fonte particular), abrisse o leque para tantos elementos da vida e da missão de Jesus que muito contribuíram e contribuem para a edificação da fé da comunidade.

Os autores destacam, porém, que Lucas sabe muito bem elaborar o material recebido pela tradição, imprimindo nele o seu cunho particular e seu estilo. No produto final, é, pois, difícil distinguir, por meio de critérios estilísticos, o que pertence à sua redação específica e o que ele recebeu das fontes, estando tudo perfeitamente harmonizado e unificado (CASALEGNO, 2003, p. 40).

Lucas escreve para os cristãos que vivem fora de Israel e no seu entendimento a mensagem cristã é para todos os povos e culturas, ou seja, é universal. A distância cronológica que separa Lucas e sua comunidade, do acontecimento Jesus de Nazaré, o Cristo, que é objeto de sua fé e da fé da comunidade, em sua vida terrena, é reconhecida pelo autor e com certeza é sentida pela comunidade que enfrenta os desafios e os percalços para se manter firme na fé em Jesus morto e ressuscitado. Mosconi faz um detalhamento claro sobre os destinatários do terceiro Evangelho e as situações que os afetavam. Segundo ele, os destinatários são principalmente:

As pessoas e comunidades localizadas em grandes cidades, onde havia fortes contrastes sociais; pessoas convertidas ou em processo de conversão do paganismo ao Evangelho de Jesus Cristo; pessoas com dúvidas acerca de Jesus Cristo, das celebrações, da oração, do fim do mundo e do engajamento nas realidades sociais e pessoas muito perplexas e desanimadas com o futuro das comunidades cristãs (1997, p. 32-33)

Lucas foi então, um cristão atento aos problemas enfrentados por sua comunidade. Uma comunidade que teve que buscar e encontrar sentido para a vivência da fé em Jesus Cristo. Uma comunidade que teve que dizer para si e para muitos outros o motivo/razão de sua fé naquele a quem Deus Ressuscitou (cf. At 2,32). Comunidade que se fortaleceu no encontro, na partilha e, principalmente, no cultivo do que recebera do seu mestre. Que se fortaleceu no embate com outros grupos religiosos e que se abriu a universalidade da salvação, tão querida, anunciada e vivida por Jesus.

Lucas está consciente do momento crítico. Sabe que pode ser um momento muito fecundo e enriquecedor. Enfrenta os desafios. Sente que as comunidades são chamadas a se encarnar cada vez mais, na realidade em que vivem, mas não podem, por nenhum motivo, perder de vista o sonho bonito de Jesus. É um sonho viável, urgente e necessário. Lucas é uma pessoa realista e, ao mesmo, utopista. É pé no chão e se lança para a frente. Para ele, é a pessoa de Jesus que deve orientar toda a vida do (a) discípulo (a). Por isso atualiza a memória de Jesus, tendo presente a realidade de seus destinatários (MOSCONI, 1997, p. 33-34).

Também foi um escritor preocupado e desejoso em demonstrar a seu amigo Teófilo, nele e com ele, a toda a comunidade, a solidez dos ensinamentos que recebera. Por isso, expressa no prólogo a sua intenção e motivação profundas:

Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós conforme- no-los transmitiram os que desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra- a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebestes (Lc 1,1-4).

Três qualidades, segundo Fitzmyer (1978a, p. 14) são ressaltadas por Lucas para sua investigação e que ele expressa no prólogo: a exaustividade (desde o princípio), a exatidão (acurada investigação) e a integridade (tudo), além de uma qualidade para a sua composição: método (modo ordenado).

Lucas quer convencer mais do que informar [...] não quer relatar nem a história de um povo nem a de uma cidade; seguindo a tradição da Igreja primitiva, quer mostrar como Deus, por meio de seu Filho, realizou o ato decisivo de salvação e como se estendeu esta notícia por meio das testemunhas com a ajuda do Espírito de Deus⁴ (BOVON, 2015, p. 35).

Seria então, pelos anos 80 ou 90 da era cristã, quando Lucas escreve sua dupla obra: o Evangelho, que narra à história e a missão de Jesus de Nazaré em sua vida terrena e o livro dos Atos dos Apóstolos, que narra à história, missão e a expansão da comunidade cristã, levada a cabo pelos

⁴Lucas quiere convencer más que informar [...] no quiere relatar ni la historia de un Pueblo ni la de una ciudad; siguiendo la tradición de la Iglesia primitiva, quiere mostrar como Dios, por medio de su Hijo, realizo el acto decisivo de salvación y como se extendió esta noticia por medio de los testigos con la ayuda del Espíritu de Dios.

seguidores e seguidoras de Jesus, após a sua morte, ressurreição e ascensão ao céu. Sobre isso Comblin ressalta:

Há uma correspondência entre a narração da vida e da morte de Jesus, por um lado, e o surgimento e os primeiros anos da Igreja, por outro lado. Lucas enxerga o livro sobre Jesus à luz da Igreja, cujas origens estão no livro dos Atos dos Apóstolos (2010, p.53).

Segue-se agora o processo de conhecimento interno e profundo do terceiro Evangelho, a partir de sua estrutura, pois essa revela o modo como o autor pensou e organizou o seu trabalho, possibilitando assim, o reconhecimento de temáticas caras ao mesmo na identificação de Jesus como profeta.

1.1.1 A Estrutura do Terceiro Evangelho

O terceiro Evangelho constitui-se de 24 capítulos bem estruturados, segundo o propósito pretendido por Lucas, que “não é anunciar a salvação à margem da situação histórica, mas dar testemunho da história da salvação segundo a vontade de Deus que acontece dentro da própria história concreta”⁵ (BOVON, 2015, p. 35). Tem o prólogo como pórtico de entrada (1,1-4) e a ascensão de Jesus como porta de saída do Evangelho para o mundo (cf. 24,50-51).

Tomando por base estruturas propostas por diferentes autores e por Bíblias diversas, elaborou-se uma proposta de estrutura simples, mas que possibilita uma visão clara do todo. Considerando que Lucas apresenta a Jesus de Nazaré como um personagem itinerante, é possível ver esta estrutura sob a ótica geográfica. E, nessa itinerância, Jesus vai se dando a conhecer como mestre que ensina, chama seguidores, envia em missão e como taumaturgo que cura e ressuscita. Eis a estrutura literária proposta:

Preliminares: 1,1—4,13

1,1-4: Prólogo

1,5–2,52: Evangelho da Infância: João Batista e Jesus

⁵ No es anunciar la salvación al margen de la situación histórica, sino dar testimonio da la historia de la salvación Según la voluntad de Dios a través de la historia concreta.

3,1–4,13: Narração da atividade de João Batista e preparação para o ministério de Jesus.

A vida itinerante de Jesus em etapas 4,14—24,53

4,14–9,50: Jesus na Galileia

9,51–19,27: Jesus a caminho de Jerusalém

19,28–24,53: Jesus em Jerusalém

Claro que, dentro dessa estrutura em grandes seções, como está apresentada acima, é possível proporcionar estruturas em blocos menores. Mas, acredita-se que com essa proposta é possível detectar os temas caros a Lucas e desenvolver a pesquisa de modo adequado.

Nas preliminares (1,1–4,13), além de reconhecer a intenção profunda que habita o coração de Lucas quando assume a empreitada de escrever o evangelho: demonstrar a Teófilo a solidez dos ensinamentos que recebera, é possível destacar a noção de promessa-cumprimento perpassada pela figura de João como o homem da promessa e a figura de Jesus como o homem do cumprimento. O paralelismo entre os dois, somente será visível nas preliminares, mesmo assim, Lucas se esforça para demonstrar e dar enfoque maior ao personagem principal, Jesus de Nazaré.

Lucas apresenta a vida e a missão de Jesus de Nazaré, como ele mesmo se propusera desde o início: de modo ordenado e até cronológico, mas bem dinâmico. A infância de Jesus e os aspectos que rodeiam essa etapa de sua vida são importantes para o conhecimento profundo, daquele que se tornara o fundamento da fé e da esperança de milhares de pessoas na história humana.

Sobre as etapas da vida e da missão de Jesus 4,14—24,53, é importante destacar que a visão do Evangelho, a partir da ótica geográfica ressalta a importância dos lugares: Galileia e Jerusalém. A etapa da Galileia (4,14–9,50) vai ser marcada pela intensa atividade de Jesus junto ao povo, principalmente, junto aos mais necessitados de sua ação, ou seja, os pobres, os presos, os cegos e oprimidos (cf. 4,17ss). Ela é iniciada por um sumário (4,14-15) e nele Lucas apresenta de modo breve a atividade de Jesus. Além de destacar temas caros ao evangelista, tais como: a força do Espírito e o ensinamento de Jesus em suas sinagogas.

A presença do Espírito é um tema importante para a compreensão da missão profética de Jesus, pois é pela força do mesmo, que tanto Jesus quanto os seus seguidores levarão a cabo a missão confiada pelo Pai. O Espírito se faz presente desde o início do Evangelho, desde o anúncio do nascimento de Jesus; seguindo no seu batismo; na sua condução ao deserto e agora no seu ministério público (cf. 1,35; 3,21-22; 4,1-2.14-15.18). E pela importância que o tema desempenha na vida e na missão de Jesus profeta, ele será aprofundado mais detalhadamente em outro momento da dissertação.

Outro elemento destacado no sumário é o ensinamento de Jesus em suas sinagogas: pela força do Espírito vê-se a atividade de Jesus, que se descreve como ensinamento, sendo realizada. “Dentro da intenção global da obra lucana, Jesus tem que aparecer ensinando essas mesmas coisas, cuja garantia se oferece a Teófilo⁶” (FITZMYER, 1987a, p. 418). Também está presente neste sumário, a ideia de universalismo, que perpassa toda a obra e a missão de Jesus.

É muito significativo que o evangelista conduza Jesus, após a experiência de discernimento no deserto, para junto dos seus em Nazaré, sua cidade natal (Lc 4,16-30). Seu modo de ser e de proceder no mundo serão apresentados em primeira mão para os seus, no espaço sagrado, a sinagoga. Local onde a comunidade se reúne para ler, ouvir e refletir a Lei e os Profetas. Uma nova etapa, na vida de Jesus e na vida do povo eleito, é inaugurada neste momento: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (Lc 4,21b).

O primeiro passo para a concretização de um projeto de vida, foi dado por Jesus junto a seus conterrâneos. O que fará, encontra-se expresso na citação do profeta Isaías, que Lucas põe na boca de Jesus (4,18-19). Ao assumir para si e para os outros o seu projeto de vida e de missão, ele assume os riscos e as consequências que esse traz consigo. Jesus não foi compreendido pelos seus, mas ele não se deixou abater, “Ele, porém, passando pelo meio deles, prosseguia seu caminho” (4,30).

Na dinâmica externa, Jesus percorrendo cidades e povoados... num processo interno, percorrendo seu próprio interior no encontro pessoal com o

⁶Dentro de la intención global de la obra lucana, Jesús tiene que aparecer «enseñando» esas mismas cosas, cuya garantía se ofrece a Teófilo.

Pai; e na dinâmica da compreensão e incompreensão das pessoas em relação à pessoa e à missão de Jesus, o autor o apresenta realizando curas e milagres como um taumaturgo e ensinando e chamando seguidores como um verdadeiro mestre. E não é por voluntarismo que Jesus faz tudo isso, mas movido pela certeza de ser Filho (3,22; 9,35) e ter sido ungido para isto (3,21-22; 4,18). No caminho vão surgir encontros, desencontros e dificuldades, pois nem todas as pessoas estarão abertas ao Espírito que guia a Jesus e a seus seguidores e seguidoras.

As escolhas que Jesus foi fazendo dia a dia, o modo de conduzir a sua missão e de ensinar os seus seguidores e seguidoras vai agradar a muitas pessoas, mas também vai desagradar a outras tantas, que se encontram insensíveis à novidade por ele apresentada. Fechadas ao Espírito de Deus e que não medirão esforços para eliminar aquele que, para elas, é pedra de tropeço. Após esse período de intensa atividade, no qual o personagem principal se tornara de fato conhecido por muitos, pode-se dizer que a informação apresentada por Lucas no sumário da seção de Jesus na Galileia “sua fama espalhou-se por toda a região circunvizinha” (4,14c) ganha sentido e razão de ser.

Mas, é preciso dar um passo a mais. É preciso continuar caminhando. E é precisamente isso que Jesus vai fazer. Numa única viagem a Jerusalém, tem-se a Jesus que caminha em direção à cidade Santa, juntamente com seus discípulos (9,51–19,27). Segue-se a dinâmica do ensinamento profundo sobre o que significa se fazer discípulo e discípula de Jesus. Como eles e elas devem agir e reagir diante das situações desafiantes da vida e da missão. Como não se deixar levar pelas ilusões da riqueza, da grandiosidade e das facilidades.

Pelo caminho da Galileia a Jerusalém, o evangelista apresenta traços e novidades do Deus apresentado por Jesus. Um Deus que é escandaloso no amor, na acolhida, no perdão e na misericórdia. Um Deus que tem um desejo de salvação para todos os povos e nações. No caminho para Jerusalém Jesus toma consciência de que o seu destino está em perfeita sintonia com o destino dos profetas.

No caminho de seguimento e discipulado podem surgir muitos obstáculos que dificultam e até impossibilitam a aceitação e a vivência do amor de Deus, é preciso estar atento e atenta para não se deixar levar pelo apego ao

dinheiro; não ficar preocupados com o atraso da parusia, provocando nos cristãos relaxamento e descuido. Parábolas que orientam para a escatologia também serão destacadas neste percurso itinerante de Jesus (17,11–19,27).

Lucas tenta abarcar, na missão e na vivência de Jesus e dos com Jesus, todos os aspectos necessários para que a fé Nele floresça e dê frutos, provocando assim, uma verdadeira transformação no mundo. Jerusalém, a cidade Santa representa para Lucas, mais que um lugar geográfico, é uma verdadeira expressão teológica. Tudo isso é destacado por Lucas na seção/etapa de Jesus que caminha em direção a Jerusalém. Uma única viagem a Jerusalém e quantos ensinamentos para antes, para hoje e para as gerações futuras.

É Jerusalém o local onde a narrativa lucana tem seu início (1,5ss) e é lá também onde termina (24,13-51). Em Jerusalém situa-se o terceiro período da vida de Jesus (19,28–24,53). Jesus não age inocentemente. Ele age consciente de que seu modo de ser, de proceder e de defender a vida pode lhe trazer perseguição, incompreensão e até a morte. Mas, a história não chega ao fim com a morte de Jesus na cruz, ao contrário, “ela foi ressuscitada” com a ressurreição dele; ela continua com ele e nele por meio de suas testemunhas, de antes e de hoje. Das terras de Jerusalém é de onde deve partir a evangelização do mundo (24,47; At 1,8). É na cidade Santa onde a Salvação deve se realizar (9,31; 13,33; 18,31; 19,11), a mesma cidade Santa que mata a seus profetas (13,34).

O conhecimento interno do terceiro Evangelho destaca a presença do Espírito Santo como temática importante para a compreensão da vida e da missão de Jesus profeta. Aborda-se agora, mesmo que, de forma suscita o modo como o evangelista deixa entrever nas letras do Evangelho a ação do Espírito Santo na vida-missão de Jesus profeta.

1.2.2 O Espírito Santo: Presença Ativa e Constante na Vida e na Missão de Jesus Profeta

O tema do Espírito Santo é de suma importância para a compreensão da vida e da missão de Jesus profeta. O evangelista Lucas, ao longo do seu texto evangélico vai fazer referência ao Espírito Santo como presença que revela,

guia e atua em personagens distintos como, por exemplo: Maria, a mãe de Jesus, Isabel, Simeão, Ana, João Batista. E de modo muito especial, em Jesus profeta. Em quase todas as etapas da vida e missão dele, faz-se menção à presença do Espírito Santo. Isso mostra a relevância do tema nessa obra.

A palavra pneûma, “espírito” (em hebraico *rûaj*), significa em seu sentido original “sopro” ou “vento”. Empregada com o complemento “de Deus” ou “santo”, pneûma designa aquela força divina que, residindo no crente, o purifica ou recria, enchendo-o de carismas e capacitando-o para ações extraordinárias em ordem à evangelização do Reino. (RETAMALES, 2005, p. 92).

Na apresentação que o anjo faz de João Batista, aquele que prepararia os caminhos do Senhor, a seu pai Zacarias, destaca que a criança “ficará plena do Espírito Santo ainda no seio de sua mãe” (1,15). Em seguida, o evangelista apresenta a cena da anunciação em que Maria, a jovem de Nazaré irá conceber a Jesus pela ação do Espírito (1,35). E este anúncio feito a Maria, com destaque para o modo como se daria a concepção virginal pela ação profunda do Espírito não somente, consagra a criança a Deus como acontece com outros personagens bíblicos, cujos nascimentos também foram anunciados, por exemplo: Sansão (Jz 13,5), Samuel (1Sm 1,11) e o próprio João Batista (Lc 1,15), mas faz dele, o Filho de Deus, o salvador de Israel e de toda a humanidade.

Assim, já se tem a intervenção profunda do Espírito na vida de Jesus desde o momento de sua concepção. Dufour explicita que “os juízes, os profetas e os reis se veem um dia, invadidos pelo Espírito, João Batista é possuído por ele três meses antes de nascer; em Jesus, o Espírito não determina uma nova personalidade; desde o seu primeiro instante nele habita e o faz existir” (2002, p. 300).

Outros personagens também vão ser tocados pela presença do Espírito, de modos distintos, mas bastante revelador sobre a pessoa e a missão de Jesus. Vê-se isso acontecendo com Isabel, que após sentir o filho estremecer de alegria no seu ventre, ao ouvir a voz de Maria, a mãe do seu Senhor, fica repleta do Espírito e exclama em primeira voz o reconhecimento da divindade da criança que habita no seio de Maria: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre! Donde me vem que a mãe do meu Senhor me

visite?” (1,42). Zacarias também vai ser beneficiado com a presença do Espírito Santo que o inspira, após algum tempo de mudez, a profetizar (1,67)

Jesus vai ser reconhecido como a salvação que vem do próprio Deus, por Simeão em quem o Espírito Santo se faz presente, faz-lhe revelação e o conduz ao templo no dia exato da apresentação de Jesus (2,22-32). E João Batista não perderá a oportunidade de ensinar ao povo que o Messias batizará, não com a água como ele, mas com o Espírito Santo e com o fogo (3,16).

Em Lc 3,21-22 tem-se a Jesus, que diretamente recebe a manifestação do Espírito Santo, ungindo-o assim como foram ungidos os profetas antigos. Mas diferentemente dos antigos profetas, essa manifestação em Jesus, revela-o como o Messias prometido, como diz o salmista: “Publicarei o decreto de lahweh: Ele me disse: ‘Tu és meu filho eu hoje te gerei’” (Sl 2,7). Além de apresentá-lo como o Filho de Deus “Tu és o meu Filho, eu, hoje te gerei” (Lc 3,22). Dufour explicita sobre esse assunto que “O batismo de Jesus não é uma cena de vocação, mas a investidura do Messias e a apresentação que Deus faz de seu Filho, o servo que ele tinha reservado conforme o anunciavam os ‘eis’ proféticos (cf. Is 42,1; 25,13)” (2002, p. 300).

E deste momento em diante, ele vai atuar em Jesus de modo muito dinâmico. Jesus pleno do Espírito Santo será conduzido de volta do Jordão, pelo deserto (4,1), depois disso, será a Galileia a próxima parada de Jesus (4,14). Na Galileia, mais especificamente, em Nazaré, Jesus fará a proclamação profética de estar totalmente habitado pelo Espírito, quando utilizando as palavras que em tempos atrás, o profeta Isaias pronunciara no reconhecimento de sua vocação de profeta, diz: “O Espírito do Senhor está sobre mim” (4,18). Aqui se tem claramente a sua vocação profética sendo apresentada e ressaltada, pois Jesus de Nazaré é o Messias de Deus, mas é também o profeta esperado. Codina reforça o entendimento sobre a importância do Espírito na missão de Jesus quando expressa:

A missão de Jesus é incompreensível e inseparável de sua unção messiânica pelo Espírito. Quando Jesus ensina, cura, faz milagres, come com pecadores, enfrenta-se com os escribas e fariseus, retira-se para orar, expulsa demônios (Lc 11,20)..., o fará sob a unção do Espírito⁷ (2008, p. 44).

⁷La misión de Jesús es incomprendible y inseparable de su unción mesiánica por ele Espíritu. Cuando Jesús, enseñe, cure, haga milagros, coma con los pecadores, se enfrente a los

É numa crescente que se vê o processo de entendimento e discernimento que Jesus profeta faz de sua vida e de sua missão, e neste processo, a presença do Espírito Santo foi fundamental, como o que dá a iluminação necessária para assumir a missão que lhe fora confiada. A partir de agora se verá com mais nitidez a Jesus atuando sob a ação do Espírito, por isso disse: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra...” (10,21). E no reconhecimento da importância da oração, Jesus vai deixar claro, que o Pai, dará o Espírito Santo a todo aquele e aquela que o pedir (11,13). Sendo que, não ficará impune aquele que blasfemar contra esse mesmo Espírito (12,10). No momento de dificuldade e de perseguição, que não falte aos seguidores e seguidoras de Jesus a certeza de poder contar com a presença do Espírito indicando-lhes como devem proceder (12,11-12). E finalmente, antes de findar o terceiro Evangelho, Lucas apresentará a Jesus anunciando o envio do Espírito como uma promessa: “Eis que eu enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu...” (24,49).

Lucas é, portanto, conhecedor, através dos oráculos proferidos por Isaías e Miquéias de que o Pai prometera o Espírito para o seu Messias (cf. Is 11,2; 42,1; 61,1-3; Mq 3,8). Por isso, não passará despercebido à lógica de entendimento proposta para o Evangelho, no tocante à presença do Espírito na vida e na missão de Jesus. É uma presença plena e perene, e Jesus, o profeta esperado, o Messias de Deus será muito bem atendido pela presença ativa do Espírito. Comblin expressa que “O Espírito veio em Jesus e tomou posse dele, dando-lhe uma força totalmente nova e fazendo que o reino de Deus já estivesse ativo nele. Essa vinda do Espírito foi anunciada desde antes do seu nascimento” (2010, p.74). Sendo que, Espírito que acompanhará os seguidores e seguidoras de Jesus na empreitada da difusão da fé/crença Nele ressuscitado é o mesmo que o conduziu em sua vida terrena.

Após esta exposição sobre a presença ativa e constante do Espírito Santo na vida e na missão de Jesus profeta, dá-se um passo a mais na busca por identificar contextualizando a Jesus profeta no todo do terceiro Evangelho.

escribas y fariseus, se retire a orar, expulse demônios (Lc 11,20)..., lo hará bajo la unción del Espíritu.

Propõe-se focalizar a atenção no trabalho redacional realizado por Lucas para apresentar para a sua comunidade a pessoa de Jesus como profeta.

Sabendo que o evangelista utiliza muitos meios para dar a conhecer a identidade profética de Jesus: palavras, gestos, através de alusões, da intertextualidade, entre outros, faz-se necessário delimitar o modo como será realizado o processo de identificação e contextualização de Jesus profeta. Opta-se por tomar como condutoras deste percurso as narrativas, que trazem expressamente a palavra “Προφήτης / prophētēs” como identificação de Jesus nessa categoria, quer seja de modo implícito ou explícito, provindas da tradição evangélica ou propriamente lucanas, pois dessas serão recolhidas as informações necessárias para a realização da reflexão sobre o modo próprio de Jesus de Nazaré ser e proceder como profeta, segundo a narrativa lucana.

1.2 O TRABALHO REDACIONAL LUCANO NA APRESENTAÇÃO DE JESUS COMO PROFETA

Com a seguinte afirmação: “Lucas não é partidário de um messianismo puramente real, seu Cristo é certamente o filho de Davi, mas apresenta também alguns traços proféticos”⁸ (BOVON, 2015, p. 304), inicia-se o processo de reconhecimento profundo do modo próprio utilizado por Lucas para realizar a apresentação de Jesus como profeta. É na dinâmica da vida, no ser e no proceder de Jesus, que o evangelista vai construindo em sua macronarrativa a apresentação de Jesus como profeta.

A palavra Προφήτης / prophētēs, segundo pesquisa realizada na Bible Work com correspondência na Bíblia de Jerusalém aparece no todo da macronarrativa umas 29 vezes de modos distintos, tanto no plural quanto no singular. No plural, aparece relacionada muitas vezes ao cumprimento das promessas e a exemplificações sobre o destino dos profetas. Já no singular, faz referência aos nomes dos profetas (citações) e para associar como profeta tanto a João Batista como a Jesus. E quando esta palavra aparece relacionada a Jesus é para dizer algo sobre a sua identidade, o modo como as pessoas o reconheciam e o enquadravam nesta categoria.

⁸Lucas no es partidario de un mesianismo puramente real. Su Cristo es ciertamente el Hijo de David, pero presenta también algunos rasgos proféticos

E aqui se retomam os questionamentos levantados no início do capítulo: em que lugares do terceiro evangelho o evangelista, deixa transparecer a pessoa de Jesus como profeta? Como ele faz, na macronarrativa, a apresentação de Jesus profeta? E quais os meios e os recursos utilizados por Lucas para dar a conhecer à sua comunidade e as comunidades cristãs de hoje, a personalidade profética de Jesus?

Reconhece-se que o modo como o evangelista faz a apresentação da identidade profética de Jesus ao longo da macronarrativa, engloba palavras e gestos de Jesus profeta, em narrativas recolhidas da fonte primária e em narrativas propriamente lucanas. O uso de alusões aos profetas antigos e da intertextualidade são também comumente utilizadas pelo autor na elaboração da apresentação de Jesus como profeta ao longo do seu texto.

Muitas das falas de Jesus profeta remetem a textos bíblicos com acentos proféticos. Vê-se isso acontecer já no evangelho da infância, quando aos doze anos, Jesus se encontra no templo em prosa com os doutores. Ele expressa aos pais que o buscam uma palavra profética: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?” (2,49), o templo é “sua casa, a morada do seu Pai” (FABRIS, 2006, p. 27). E na mesma narrativa, têm-se alusões que recordam a Samuel que crescia em “estatura e em beleza, diante de Iahweh e diante dos homens” (cf. Lc 2,52; 1Sm 2,26).

Em sintonia com a narrativa de Jesus no templo no início do Evangelho é possível ver em 19, 45-46 a Jesus que expulsa os vendedores do templo, pois, esses transformaram a casa de Deus em algo terrível: “Está escrito: Minha casa será uma casa de oração. Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões” (19,46), essa fala remete a outros profetas que expressaram esse mesmo sentir (cf. Is 56,7; Jr 7,11).

Não poderia deixar de mencionar as bem-aventuranças, que em Lucas, vêm acrescentadas das ameaças- os ais. As bem-aventuranças são comumente usadas pelos sábios e pelos profetas. Jesus expressa com elas afirmações valiosas sobre os destinatários de sua missão profética, assim como faz o profeta Isaias (cf. Lc 6,20-23; Is 61,1-2. 65,13-14), bem como repreende duramente aqueles que se julgam seguros por causa dos bens que possui (cf. Lc 6,24-25; Is 5,8-25).

O momento de decisão ao seguimento de Jesus precisa ser tomado e assumido por cada pessoa, mesmo que isso cause divergências e separações no seio da família. É o que Jesus revela quando expressa: “Ficarão divididos: pai contra filho e filho contra pai, mãe contra filha e filha contra mãe, sogra contra nora e nora contra sogra” (12,53), em sintonia com Mq 7,6. Além das falas de Jesus, têm-se também narrativas com alusões comparativas sobre o nascimento de alguns personagens importantes como o anúncio do nascimento de Samuel, Isaac, Sansão (cf. Jz 13,5; 1Sm 1,11; Lc 1,15).

Mas, como fora dito antes, para melhor delimitar o processo de identificação de Jesus profeta, segue-se a partir de agora as pistas fornecidas pelas micronarrativas (perícopes), observando-as no todo da macronarrativa, para assim, identificar as narrativas que propriamente dizem algo sobre a identidade profética de Jesus de Nazaré,

E seguindo então, essas pistas oferecidas pelo terceiro Evangelho é possível reconhecer que da tradição evangélica é que Lucas recolhe o título de profeta atribuído a Jesus (cf. Lc 4,24 correspondente a Mc 6,4 e Lc 9,8.19 correspondente a Mc 6,15) mas ele, com muita liberdade e autonomia amplia a compreensão segundo a visão de profeta que considera e adota em sua narrativa.

Ao longo de toda a narração lucana, a pessoa de Jesus, seu modo de ser e de agir no mundo diante das diferentes realidades e situações vão despertar reações diversas nos interlocutores, quer seja a multidão, pessoas individuais ou integrantes dos diferentes grupos religiosos existentes. Reações que variam desde a aceitação, o questionamento, a dúvida e até a rejeição. A missão de Jesus, assim como a missão de muitas figuras veterotestamentárias que anunciavam a palavra de Deus, não vai se mostrar tarefa fácil.

E a identidade profética de Jesus vai sendo descortinada na trama narrativa do terceiro Evangelho, a partir do modo como as pessoas iam vendo Jesus agir. Modo que recordava em algumas situações a outros personagens importantes para Israel, como os profetas Elias e Eliseu (cf. 1Rs 17; 2Rs, MI 3, 1. 23s). Modo que apontava para a concretização da esperança de Israel na vinda do Messias esperado ou do profeta prometido (cf. Dt 18, MI 3,). Facilmente as pessoas vão classificar a Jesus na categoria de profeta. O que Lucas quer revelar a partir desta fácil identificação? Visto que:

Um profeta não era nada comum no ambiente de Jesus. Para a linha dominante do judaísmo farisaico-sinagoga, o espírito da profecia havia desaparecido desde a época de Esdras. Os essênios aceitavam uma inspiração, mas apenas o 'Mestre da Justiça' como profeta escatológico. A profecia restrita a vultos excepcionais como João ou a alguns entusiastas entre os zelotes. Por isso, não é de estranhar que os contemporâneos de Jesus, vendo sua atuação, se tenham lembrado de Elias, aplicando a Jesus de maneira bastante vaga a esperança generalizada de sua volta (GOPPELT, 2003, p. 183).

Na apresentação da identidade profética de Jesus, o modo como que o autor expressa o seu reconhecimento como profeta é utilizando o reconhecimento implícito ou explícito em narrativas provenientes da tradição evangélica ou em narrativas propriamente suas. Segundo a dinâmica narrativa proposta pelo evangelista na elaboração e apresentação de Jesus como profeta, tem-se no discurso programático de Jesus na sinagoga de Nazaré (4,16-30) o primeiro momento em que é apresentada a sua identidade profética. Apresentada para a comunidade ali reunida, apresentada aos leitores e leitoras de todos os tempos.

De modo implícito o próprio Jesus se reconhece na categoria de profeta (4,24), mesmo sendo a expressão proveniente de Mc 6,4, a narrativa contém muitos elementos que corroboram a intenção lucana em apresentar na abertura do ministério público de Jesus, os traços de sua personalidade profética.

Seguindo a dinâmica proposta por Lucas, em 7,11-17, um episódio propriamente lucano, tem o reconhecimento explícito pela multidão da identidade profética de Jesus (v.16). Ainda em 7,36-50 a identidade profética de Jesus vai ser posta em suspeita (v.39b) pelo fariseu Simão, por causa da acolhida atenta com que recebe a mulher e os seus gestos, uma pecadora sentada aos seus pés. Mais adiante, no capítulo nove, em dois momentos- 9,8.19, passagens que derivam de Mc 6,15 e 8,25, a multidão não tem outra identificação para Jesus, senão na categoria de profeta.

Assim, como aconteceu em 4,24, em que Jesus, de modo implícito se identifica como profeta, em 13,31-33, texto lucano, Jesus vincula, de modo também implícito o seu destino ao destino dos profetas (v.33). Fitzmyer diz: "Quando esse destino começa a se fazer realidade, os sarcasmos e os maus tratos dos soldados giram em torno ao referido caráter profético do prisioneiro:

‘Adivinha profeta, quem te bateu?’⁹ (1986, p. 358). E antes de findar o terceiro Evangelho, num episódio propriamente lucano também (24,13-35) a pessoa e a missão de Jesus é sintetizada por dois de seus seguidores como “um profeta poderoso em obras e palavras” (v.19b).

As narrativas que implicitamente expressam algo sobre Jesus profeta dizem: “Mas, em seguida acrescentou: ‘Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria” (Lc 4,24) e “Mas hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém” (Lc 13,33). Ambas as afirmações estão postas na boca de Jesus e dizem respeito a aceitação quanto a sua missão, a sua pessoa como profeta e ao seu destino, que se assemelha ao dos profetas.

Já as narrativas que explicitamente expressam algo sobre a identidade profética de Jesus afirmam: “Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo” (Lc 7,16); “Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora!” (Lc 7,39b); “É um dos antigos profetas que ressuscitou” (Lc 9, 8.19) e, por fim, “O que aconteceu a Jesus Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e diante de todo o povo” (Lc 24,19b). Essas afirmações expressam o pensar e o sentir do povo quanto a Jesus como profeta.

Dentro dessas narrativas que deixam transparecer a Jesus como profeta é possível separá-las em duas categorias: as que Lucas recolheu da tradição evangélica e as inseriu em sua macronarrativa como melhor serviam a seu propósito, que são: (Lc 4,16-30; 9,7-9 e 9,18-21), e as narrativas propriamente lucana, que são (7,11-17; 7,36-50, 13,31-33 e 24,13-35).

Já identificadas, no interior da construção evangélica lucana, quais as narrativas que, provindo das fontes primitivas ou de construção do autor, dizem algo sobre Jesus profeta, passa-se para um segundo momento que é perceber e destacar como elas se relacionam no todo do Evangelho.

⁹cuando ese destino comienza a hacerse realidad, los sarcasmos y los malos tratos de la soldadesca giran en torno al presunto carácter profético del prisionero: «Adivina, profeta, ¿quién te ha pegado?» (Lc 22,64).

1.2.1 Narrativas Recolhidas da Fonte Primária

Os textos/narrativas que dizem algo sobre a identidade profética de Jesus recolhidas de Marcos, sua fonte primária, encontram-se no capítulo quatro (4,16-30) e no capítulo nove (9,8-9.18-19) do terceiro Evangelho. A narrativa de Lc 4,16-30 apresenta, de modo implícito, a Jesus que se reconhece na categoria de profeta, e também apresenta muitos elementos que ajudam a compreender o ser e o proceder de Jesus como Messias do Pai, mas também como profeta.

Por isso, acredita-se que se faz necessário lançar um olhar atento para essa narrativa que é apresentada por Lucas como um evento programático. Com ela, Lucas abre o ministério público de Jesus e apresenta o projeto de vida e de missão assumido por ele. É um texto representativo de todo o ministério público de Jesus, tendo sido prefigurado já em Lc 2,34 quando Simão proclama o seu oráculo.

Em Nazaré, Jesus dá a conhecer o primeiro passo do seu projeto de vida: O que fará? Jesus se expõe, aceita a missão que recebera do Pai. Aceita e demonstra também a sua vocação profética. O texto não é propriamente lucano, ele o recolhe de Marcos 6,1-6a, mas Lucas o retira do seu contexto original e o introduz onde melhor se enquadra com sua intenção e estrutura proposta na obra, no início do ministério de Jesus. A importância dessa narrativa é reforçada quando se reconhece que:

É um discurso e uma narração bem mais desenvolvidos do que nos outros evangelhos, revelando assim, a importância que Lucas atribui a este relato. Em seguida, porque o colocou no começo do ministério de Jesus e porque são as primeiras palavras em público que Lucas põe na boca de Jesus. De certa maneira é o seu programa, um programa profético. Neste texto, Jesus se apresenta como o profeta. Efetivamente, não só ele se compara a Elias e a Eliseu— figuras típicas do profeta do Antigo Testamento— mas situa sua missão e sua ação à luz do célebre texto de Isaías 61,1 e seguintes. (ASURMENDI, 1988, p. 124)

A perícopé está bem estruturada e no início tem-se a introdução (v.16) seguida da apresentação de Jesus como Messias (vv.17-22), os nazarenos não se mostram muito abertos para acolher a mensagem trazida por Jesus (vv. 23-24), a partir das figuras de Elias e Eliseu, percebe-se que a missão de

Jesus vai se direcionar a outros povos (vv.25-27) e finaliza com a conclusão (vv.28-30).

Destacando os elementos que na construção lucana despertam o interesse sobre o viés profético de Jesus, tem-se o primeiro que diz respeito à citação do profeta Isaías 61,1-2 (58,6), posto por Lucas na boca de Jesus. Em seu contexto original, faz parte de todo um poema que explicita a vocação/missão do profeta para consolar a Sião (Is 61,1-11). Um profeta escolhido por Deus e que cheio do Espírito é enviado para levar aos pobres a boa nova. Fabris em relação ao texto de Isaías que Jesus proclama e comenta na sinagoga de Nazaré diz:

No texto de Isaías, encontram-se os dois aspectos que qualificam Jesus como profeta: o homem da palavra e do Espírito. Ele é aquele que anuncia a palavra de salvação autorizadamente e age sob o sinal do Espírito Santo (4, 1.14.18; 10,21). A palavra de Jesus, o profeta, é a “palavra de Deus” por excelência, que soa como “boa nova”, isto é, a palavra de salvação prometida para os últimos tempos (20,1; 4,43; 7,22; 8,1; 16,16) (2006, p. 17).

Não é por puro voluntarismo que Jesus realizará sua missão, mas é movido pela certeza de ser “Filho muito amado” (3,21-23), certeza essa que, no discernimento realizado no deserto, é ratificada (4,1-13). E também porque ele foi ungido para isso, e desde o seu batismo. No texto do profeta Isaías, está clara a motivação que levou o profeta a agir; ter sido ungido pelo Espírito para isso. Mas, a que tipo de unção o texto se refere? Compreender o tipo de unção a que o texto se refere muito ajudará na compreensão de que tipo de Messias foi e é Jesus de Nazaré. Analisando a citação de Is 61,1, no que se refere à unção, Fitzmyer, em seu estudo, conclui:

O primeiro que se pode afirmar é que não há referência à dinastia davídica ou a uma possível função de Jesus como rei. Em algumas passagens do Antigo Testamento, talvez se possa ver uma aplicação do título ungido aos profetas (cf. Sl 105,15; 1Cr 16,22); mas nem todos os comentaristas estão de acordo com esta interpretação. No entanto, a concepção dos profetas como “servos do Senhor, ungidos por ele” não é estranha ao judaísmo palestinese pré-cristão [...] Já se deve entender essa ‘unção’ de Jesus em um sentido de consagração profética ou como unção do arauto da boa notícia, o fato é que não contém o mais mínimo tom político, em linha com a unção do rei, descendente de Davi. Essa interpretação esclarece, ao mesmo tempo, porque se compara Jesus a Elias e Eliseu nos vv. 25-27. Eliseu em particular vem apresentado explicitamente como profeta v.

27, e isso supõe implicitamente que Jesus é considerado como tal¹⁰ (1987a, p. 430-431).

Seguindo adiante, e destacando outros elementos que também favorecem a leitura e o reconhecimento de Jesus na categoria de profeta, tem-se o próprio Jesus que de modo implícito se autodefine como profeta quando diz: “Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria” (v.24). E o reforço para a compreensão profética da pessoa de Jesus é apresentado na narrativa quando Lucas traz para a roda da palavra as figuras proféticas de Elias e Eliseu (v.25-27), profetas importantes para o povo de Israel.

Após a admiração (v.22) e rejeição do seu povo (v.29), Jesus vai exercer seu ministério por outros lugares. Saindo de lá vai pôr em prática as demais etapas próprias para a concretização desse projeto: como, onde e com quem. Passos efetivos para a realização de qualquer projeto de vida e de missão. Nas aldeias da Galileia, em Cafarnaum, na Judéia ele vai curar a muitos (cf. Lc 4,33-37; 4,38-39; 4,40-42; 5, 12-16; 5,17-26; 6,6-11), ensinar a outros (cf. Lc 4,31-32; 4,42-44), chamar pessoas para segui-lo nessa aventura itinerante de proclamar a boa notícia do Reino (cf. 5,1-11; 5, 27-28; 6,12-16; 7, 1-10).

O falar de Jesus vai lembrar em alguns momentos o falar de profetas antigos de Israel e “no sermão da planície, é apresentado como profeta, que traz uma mensagem de fraternidade, filiação, amor e misericórdia (cf. 6,12-49)” (PINHEIRO. A; LIMA. N, 2019, p 34). É de se pensar que todos estes elementos proféticos visíveis no agir e no falar de Jesus, despertem no povo a sensibilidade para o reconhecimento dele como profeta.

O que acontece no pequeno microcosmo da cidade da Galileia antecipa a realidade do macrocosmo da obra lucana. Com efeito, na perícope, faz-se uma apresentação de Jesus, destacando que ele é o

¹⁰Lo primero que se puede afirmar es que no hay ninguna referencia a la dinastía davídica o a una posible función de Jesús como «rey». En algunos pasajes del Antiguo Testamento, tal vez se pueda ver una aplicación del título *masiah* (— «ungido») a los profetas (cf. Sal 105,15; 1 Cr 16,22); pero no todos los comentaristas están de acuerdo en esta interpretación. Sin embargo, la concepción de los profetas como «siervos del Señor, ungidos por él» no es extraña al judaísmo palestinese precristiano, [...] Ya se deba entender esa «unción» de Jesús en un sentido de consagración «profética» o como la unción del «heraldo» de la buena noticia, el hecho es que no contiene el más mínimo matiz político, en línea con la unción del «rey» descendiente de David. Esa interpretación aclara, al mismo tiempo, por qué se compara a Jesús con Elías y Eliseo en los vv. 25-27. Eliseo, en particular, viene presentado explícitamente como «profeta» (v. 27), y eso supone, implícitamente, que Jesús también es considerado como tal.

profeta escolhido por Deus, o pregador itinerante que anuncia a palavra, procura a libertação do seu povo, uma atitude que caracteriza Jesus ao longo de todo o evangelho (CASALEGNO, 2003, p. 109).

Passa-se agora para os outros momentos em que, no terceiro Evangelho, Jesus é reconhecido como profeta; estão em narrativas que Lucas recolheu do evangelista Marcos. As perícopes se encontram no capítulo nove: 9,7-8 e 9,18-21. O capítulo nove, dentro da concepção global da macronarrativa, tem muita importância, pois, nessa seção do Evangelho, a questão central gira em torno da identidade do protagonista. Mesmo que ao longo da narrativa, Lucas já fora revelando esta identidade: “Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor” (Lc 2,11).

A função de todo este bloco narrativo não consiste unicamente em preparar o grande relato da viagem a Jerusalém que começa em 9,51, mas que isso, devido a certas modificações dos materiais de Mc, esta sequência de episódios cria toda uma seção dentro do evangelho dedicada particularmente a dar toda sua relevância à identidade de Jesus¹¹ (FITZMYER, 1987b, p. 61).

É possível reconhecer na sequência narrativa 9,7-50 o tema da identidade de Jesus, pois, “Quem é esse, portanto, de quem ouço tais coisas?” (Lc 9,9b) é a grande questão norteadora da sequência narrativa. Fitzmyer ressalta que a essa questão as respostas virão implícitas ou explícitas ao longo deste capítulo.

O texto de Lc 9,7-9 reproduz Mc 6,15-16, apresentando Herodes que após ouvir sobre tudo que se passava e os diferentes modos de as pessoas reconhecerem a Jesus: “Para alguns é João que foi ressuscitado dos mortos”; e outros: ‘É Elias que reapareceu’; e outros ainda: ‘É um dos antigos profetas” (vv.7-8), frente a estas respostas Herodes fica muito intrigado e se questiona: “Quem é esse, portanto, de quem ouço tais coisas?” E queria vê-lo (v 9b).

Esse desejo de Herodes de certa forma já prepara sinalizando para Lc 13,31 quando esse personagem persegue a Jesus e, em 23,8, quando, de fato, o desejo de ver a Jesus se concretiza. Um desejo motivado não pela fé ou

¹¹La función de todo este bloque narrativo no consiste únicamente en preparar el gran relato del viaje a Jerusalén, que comienza en Lc 9,51, sino que además, debido a ciertas modificaciones de los materiales de Marcos, esta secuencia de episodios crea toda una sección, dentro del evangelio, dedicada particularmente a dar toda su relevancia a la identidad de Jesús.

reconhecimento da pessoa de Jesus como Messias ou como profeta, mas motivada pela curiosidade e pelo desejo de presenciar um espetáculo.

Ao contemplar a pergunta central do episódio posta na boca de Herodes, sobre quem é esse, é possível ver aí o sentido cristológico do episódio. Também não escapa aos sentidos a conotação profética do ministério de Jesus presente no episódio de 9,7-9. Fitzmyer afirma:

Em quanto às respostas que se propõem, não são todas do mesmo tipo, nem têm idêntico valor. Algumas são explícitas, outras implícitas, em algumas se empregam títulos precedentes da tradição pré-lucana, enquanto que em outras os títulos são próprios de Lucas [...] As três figuras com quem se lhe compara, segundo os comentários que chegam aos ouvidos de Herodes, são de caráter profético: João, o Batista, já foi apresentado pelo próprio Jesus como “mais do que profeta” (cf. 7,26); Elias é quase um símbolo da profecia veterotestamentária e na opinião de alguns, Jesus é “um profeta dos antigos [...] Outras das figuras cuja aparição se esperava, por aqueles tempos, era Jeremias (cf. Mt 16,14)”¹² (1987b, p. 64-66).

A pergunta que Herodes profere sobre a identidade de Jesus já vem sendo preparada desde antes, em 8,25c é possível ouvir a pergunta na boca dos discípulos ao verem Jesus acalmando a tempestade: “Quem é este, que manda até nos ventos e nas ondas, e elas obedecem?” e também em 5,21 quando os escribas e fariseus ao verem Jesus perdoando pecados, raciocinam: “Quem é este que diz blasfêmias?”.

Em 7,20, o próprio João Batista envia dois de seus discípulos ao encontro de Jesus para perguntar-lhe: “És aquele que há de vir ou devemos esperar outro?” e ainda, em 7,49, os convidados de Simão, o fariseu, ao verem Jesus enviando a mulher pecadora para casa em paz e com os pecados perdoados refletem: “Quem é este que até perdoa pecados?”

A pergunta posta na boca de Herodes neste capítulo, nesse exato momento da narrativa, é fundamental, muito mais do que todas as vezes em que ela aparece ao longo da macronarrativa. A pergunta vai retornar em Lc

¹²En cuanto a las respuestas que se proponen, no todas son del mismo tipo ni tienen idéntico valor: unas son explícitas, otras implícitas; en unas se emplean títulos procedentes de la tradición pre-lucana, mientras que en otras los títulos son propios de Lucas [...] Las tres figuras con que se le compara, según los comentarios que llegan a oídos de Herodes, son de carácter profético: Juan, el Bautista, ya ha sido presentado por el propio Jesús como «más que un profeta» (Lc 7, 26); Elías es casi un símbolo de la profecía veterotestamentaria, y, en opinión de algunos, Jesús es «un profeta de los antiguos». Otra de las figuras cuya aparición se esperaba, por aquel entonces, era Jeremías, cf. Mt 16,14, 2

9,18-19 mas, agora na boca do próprio Jesus. Uma perícopete que traz a declaração/reconhecimento de Pedro sobre a identidade messiânica de Jesus e que é paralela à Mc 8, 27-30.

No dizer da multidão, a resposta não difere da anterior em 9,7-9: “João Batista; outros Elias; outros porém um dos antigos profetas que ressuscitou” (v.19). Jesus vai além e inquire a seus discípulos: “E vós quem dizeis que eu sou?” e, aqui, tem a resposta/reconhecimento da identidade messiânica de Jesus por parte de Pedro, quando ele lhe diz que é “o Cristo de Deus”.

É importante destacar que diferentemente do texto de Mc 8,27-30 que tem na declaração de Pedro sobre a identidade messiânica de Jesus o ponto culminante na macronarrativa, no terceiro Evangelho, não é bem assim que se vê este episódio. Aqui, o texto todo de Lc 9,18-21 apresenta uma resposta decisiva à questão levantada por Herodes em 9,9, visto que desde 2,11 a identidade de Jesus como Messias já fora anunciada.

A imagem de Jesus entre o povo é a de um profeta e não precisamente a de uma figura messiânica. Isto serve de contraluz à declaração de Pedro. Convém recordar, a este propósito, as indicações do quarto evangelho sobre as reações das pessoas diante do prodígio da multiplicação dos pães: aclamam a Jesus como o profeta que tinha que vir ao mundo e querem proclamá-lo rei (cf. Jo 6,14-15)¹³ (FITZMYER, 1987b, p. 95).

Após tantas perguntas sobre a identidade de Jesus: Quem é este? e após tantas e tão variadas respostas ao longo do Evangelho até esse momento, tem-se em Lc 9,28-36, na cena da transfiguração, onde Jesus se encontra em diálogo com duas personalidades proféticas, Moisés e Elias e sem que haja pergunta sobre a identidade de Jesus, uma elucidação perfeita à questão, pois provém da boca daquele que é pura perfeição. A voz divina que diz: “Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-o” (Lc 9,35b). A identidade filial de Jesus é reafirmada, visto que, no momento em que Jesus, também batizado, já ouvira a voz que diz: “Tu és meu filho, eu, hoje te gerei” (Lc 3,22).

¹³La imagen de Jesús, entre el pueblo, es la de un «profeta » y no precisamente la de una figura «mesiánica». Eso sirve de contraluz a la declaración de Pedro. Conviene recordar, a este propósito, las indicaciones del cuarto Evangelio sobre la reacción de la gente ante el prodigio de la multiplicación de los panes: aclaman a Jesús como «el Profeta que tenía que venir al mundo», y quieren «proclamarle Rey» (cf. Jn 6,14-15).

Assim, é possível observar como as narrativas providas de Marcos e utilizadas por Lucas com liberdade ajudam no reconhecimento e na compreensão da identidade profética de Jesus e a sua relação com o todo. E as narrativas propriamente lucanas, o que revelam?

1.2.2 Narrativas Propriamente Lucanas

Dentro da construção global do terceiro Evangelho para favorecer o reconhecimento de Jesus como o Cristo, o capítulo sete se apresenta de modo muito eloquente para o reconhecimento da identidade profética de Jesus. Por várias vezes, na sequência narrativa de Lc 7,1-50, a temática sobre a identidade profética é retomada. O capítulo é composto por materiais que o evangelista compartilha com Mateus (1,1-10.18-35) e por materiais de sua fonte particular (7,11-17.36-50).

E vai ser justamente nesse capítulo que surge a primeira identificação explícita de Jesus como profeta. Precisamente no enredo episódico de 7,11-17 que narra a ressurreição do filho da viúva de Naim. Nesse trecho, escuta-se a afirmação positiva e no passado sobre a identidade profética de Jesus: “Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo” (7,16). Ainda reverberando na comunidade a afirmação do surgimento de um grande profeta, em 7,11-17, chega-se então, à residência do fariseu Simão, em 7,36-50, que convida Jesus para comer em sua casa. Mas, ao ver a atitude acolhedora de Jesus para com a mulher pecadora, logo suspeita da afirmação de antes e no seu íntimo pensa “Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é pecadora!” (7,39).

Passa-se aqui de uma afirmação, em 7,16, para uma dúvida-negação, em 7,39, gerada pela atuação de Jesus. É o modo de ser e de proceder de Jesus que vai despertando o reconhecimento ou a dúvida sobre a sua identidade profética. E entre a afirmação e a suspeita quanto à autoridade e à identidade profética de Jesus, há o movimento de um pêndulo indeciso e questionante. Uma dúvida expressa na pergunta de João Batista levada a Jesus por meio dos discípulos de João: “És aquele que há de vir ou devemos esperar outro?” (7,20) reforça a ideia desse movimento persistente e questionante sobre a identidade de Jesus.

Com isso, é possível reconhecer que na sequência narrativa de Lc 7,1-50, há uma progressão narrativa que possibilita ver uma confirmação crescente na atuação de Jesus no que diz respeito a sua autoridade e a sua identidade profética. Na perícopa inicial do capítulo 7,1-10, Lucas apresenta a Jesus realizando a cura de alguém que estava muito doente, à beira da morte, o servo do centurião romano. Um texto que lembra outro episódio narrado em 2Rs 5, a cura de Naamã.

Agora, em 7,11-17, Jesus não somente cura alguém que está prestes a morrer, mas ele devolve ao jovem, filho único da viúva de Naim, a vida. E ainda, utilizando a técnica do comentário implícito, feito a partir da transtextualidade¹⁴, Lucas desperta facilmente no imaginário do povo a lembrança de outro episódio de tempos antigos, envolvendo o profeta Elias e a viúva de Sarepta (1Rs 17,17-24), bem como de outras cenas que envolvem o ciclo de Eliseu (cf. 2Rs 4,1-37).

Também esse acontecimento serve de exemplo real dado por Jesus aos discípulos de João, quando lhes diz: “Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam...” (Lc 7,22). Com isso é possível reafirmar que no capítulo 7, o evangelista Lucas apresenta a Jesus pelo paradigma profético e os textos: 7,16; 7,20 e 7,39 reforçam esta compreensão. Mas não é somente nesse momento, nem somente nesse capítulo que o viés profético de Jesus é reconhecível. Tolentino diz: “Interessa-nos sublinhar que o modo como o paradigma se embrenha no texto é muito mais totalizante” (2018, p. 123).

Outro momento em que aparece a identificação de Jesus como profeta acontece na narrativa de Lc 13,31-33. O episódio que no contexto da macronarrativa se encontra inserido no segundo período da vida de Jesus, que abarca os acontecimentos ocorridos no percurso da viagem empreendida por ele e seus seguidores da Galileia até Jerusalém. É um episódio exclusivamente

¹⁴“A transtextualidade se define, com Gérard Genette, como tudo que põe um texto “em relação manifesta ou secreta, com outros textos” (Palimpsestes, p. 7) [...] Inclui-se nesse sentido ampliado tanto a simples reminiscência como repetição da estrutura, a repetição de uma matriz literária” (MARGUERAT, D; BOURQUIN, Y. Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa. p. 131)

lucano e expressa que o destino de Jesus vai sendo percebido cada vez mais próximo.

Quando surgem as ameaças, Jesus não foge delas e nem titubeia, ao contrário, enfrenta-as e segue o seu caminho. Na narrativa, Jesus é alertado a respeito da perseguição de Herodes e com a declaração feita no versículo 33, ele vincula o seu destino ao destino dos profetas: “Não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém”. Quando assim o faz, ele não somente vincula o seu destino ao destino dos profetas que ao longo da história foram perseguidos e até mortos, mas ele identifica a si mesmo como profeta. A esse respeito, Bovon diz que para Lucas: “O título de profeta não lhe parece indigno de Jesus, ainda que não abarque a todos os aspectos de seu Senhor”¹⁵ (2002, p. 549).

Mas, como em todas as etapas da vida de Jesus, em algum momento ele é reconhecido como um profeta, na terceira etapa, que abarca o tempo de sua estadia em Jerusalém, a narrativa de Lc 24,13-35 resumindo toda a macronarrativa, dois dos discípulos de Jesus reconhecem e fazem uma síntese expressando numa frase lapidar, a sua experiência sobre o ser e o proceder daquele homem que havia abalado a vida de muitos - “um profeta poderoso em obras e em palavras...” A perícopé faz parte dos relatos sobre a ressurreição (Lc 23, 56-24,53). E, com esse episódio, o autor abre as narrações próprias sobre as aparições de Jesus ressuscitado.

Para melhor visualizar, aqui estão as afirmações contidas nos episódios narrativos que são exclusivos do terceiro Evangelho e que favorecem o reconhecimento e a compreensão da identidade profética de Jesus, São elas:

7,16: “Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo”

7,39b: “Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora!”

13,33: “Mas hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém”

24,19b: “O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e diante de todo o povo”.

¹⁵ El título no le parece indigno de Jesús, aunque no abarca a todos los aspectos de su Señor.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Assim, pode-se perceber que a narrativa evangélica construída por Lucas e compreendida pelo viés profético de Jesus de Nazaré, oferece uma possibilidade de conhecimento em profundidade sobre a identidade messiânica de Jesus e as opções que ele fez sobre o modo de ser e proceder como Messias, que foi assumindo fortes traços proféticos. Uma macronarrativa de vinte e quatro capítulos organizados de modo ordenado e que, do início ao seu final, traz elementos explícitos e implícitos sobre Jesus-profeta tem muito a revelar.

O percurso de identificação e contextualização de Jesus-profeta na dinâmica narrativa do terceiro evangelho também possibilitou destacar com muito vigor o modo dinâmico com o qual Lucas apresenta Jesus profeta em sua narrativa. Não o faz separando o ser do proceder de Jesus. É na combinação de quem Jesus é, e do que ele faz, que se vai reconhecendo o seu modo próprio de ser Messias e também de ser profeta. Jesus assume o seu projeto de vida e de missão acolhendo e expressando todas as esperas e esperanças, quanto às promessas de IHHW para com o povo eleito, mas sem se fechar aos outros povos a quem a salvação chegaria por meio dele.

Desde o início até o final de sua narrativa, Lucas vai apresentando, de modo sereno, a identidade profética de Jesus. Vê-se assim, que desde o momento em que Jesus anuncia o seu projeto de vida e missão como Messias, em 4,16-30, o faz apresentando traços proféticos. Seguindo a dinâmica narrativa tem-se o agir e o falar de Jesus que desperta nos diferentes interlocutores reações diversas e reconhecimento diferenciado da pessoa de Jesus, sendo a categoria de profeta a preferida pelo povo. O próprio Jesus se assume como um profeta de modo implícito (4,24; 13,30-33).

Com as narrativas recolhidas da fonte primária e as narrativas exclusivamente do terceiro Evangelho, viu-se que a identidade profética de Jesus foi sendo descortinada para o seguidor e para a seguidora de Jesus, ao longo de todo o percurso narrativo, a partir do modo como os diferentes interlocutores reagiam a Jesus e a sua atuação profética. Entre afirmação, dúvidas, suspeitas e autorreconhecimento, o evangelista vai apresentando os traços de Jesus, o Cristo e Profeta.

São três as narrativas que implícita ou explicitamente ressaltam algo sobre a identidade profética de Jesus e que provém da fonte primária utilizada por Lucas- o Evangelho segundo Marcos; e são quatro as narrativas que dizem algo sobre a identidade profética de Jesus e que são exclusivamente lucanas, totalizando assim, num número de sete narrativas que, na construção lucana, dizem algo sobre a identidade profética de Jesus. E reconhecendo que o número sete na tradição bíblica significa a plenitude/totalidade é muito significativo ver essa plenitude na construção da identidade profética de Jesus.

Após reconhecer os textos que revelam algo sobre a identidade profética de Jesus, recolhidos de sua fonte primária (4,16-30; 9,7-9 e 9,18-19) e os que são exclusivamente lucanos e que expressam algo sobre Jesus profeta, quer seja por meio de afirmações, suspeitas e até autoidentificação, de modo implícito ou explícito (7,11-17; 7,36-50; 13,30-33 e 24,13-35) é possível dividir os textos em duas categorias: os textos que expressam o dizer e o sentir dos diferentes interlocutores, que são: 7,11-17; 7,36-50; 9, 7-9; 9,9,18-21 e 24,13-35. E os textos que expressam a consciência do próprio Jesus como profeta, que são: 4,13-30 e 13,30-33.

Depois de contextualizados na obra lucana, os momentos em que Jesus é identificado como profeta, e depois de ressaltar a relação das narrativas no todo do terceiro Evangelho, faz-se necessário dar um passo a mais para realizar a reflexão sobre Jesus profeta na dinâmica narrativa do terceiro Evangelho.

Por isso, é chegado o momento de centrar a atenção no modo próprio lucano de construir a identidade profética de Jesus de Nazaré. O percurso sugerido para o segundo capítulo é: examinar analisando o terceiro Evangelho, mas principalmente as narrativas propriamente lucanas, para reconhecer o modo próprio de Lucas construir e apresentar a identidade profética de Jesus, a fim de que, reconhecendo, possa-se destacar o tipo de profeta que o autor considera e adota em sua macronarrativa, bem como, destacar as atitudes e características que Jesus revela/expressa como profeta.

2 A CONSTRUÇÃO LUCANA DA IDENTIDADE PROFÉTICA DE JESUS

A identidade diz respeito ao que a pessoa é em profundidade. Ela expressa a originalidade e a singularidade da pessoa humana. E o processo de crescimento e amadurecimento humano, passa pela construção e fortalecimento da identidade pessoal. Portanto, trazer como título, para a segunda parte deste trabalho, a construção lucana da identidade profética de Jesus, supõe ir a fundo ao modo como o evangelista revela o ser de Jesus como profeta.

Por isso, para este segundo capítulo, propõe-se examinar analisando o modo como o evangelista Lucas construiu a identidade profética de Jesus, para reconhecer o tipo de profeta que o autor considera e adota em sua macronarrativa, bem como, destacar a partir das narrativas propriamente lucanas, que serão analisadas, as atitudes e características que Jesus revela/expressa como profeta.

E, seguindo a metáfora da construção, levantam-se questões como: sobre qual base/alicerce a construção se fundamenta e se sustenta? Quais os materiais necessários para que a construção seja segura e autêntica? Como os materiais foram utilizados pelo construtor em sua obra? Ao transpor essas questões para o terceiro Evangelho, em sua construção da identidade profética de Jesus, vê-se que as perguntas são semelhantes. Sobre qual base/alicerce a macronarrativa sustenta a figura de Jesus-profeta? Como o evangelista utilizou os materiais que dispunha, ou seja, os materiais tradicionais, os textos de seus antecessores e de sua fonte particular para construir e dar sentido à identidade profética de Jesus?

Como ponto de partida, retoma-se a questão levantada sobre a base, o alicerce que dá sustentação à figura de Jesus-profeta no terceiro Evangelho e chega-se, num primeiro momento, ao reconhecimento de que, o povo de Israel pode ser caracterizado como um povo que vive na dinâmica da espera e da esperança. No tempo de Jesus, os seus contemporâneos nutriam a esperança na vinda do Messias, o ungido do Senhor, igualmente ansiavam pela vinda do profeta prometido nos tempos antigos: “lahweh teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos, e vós o ouvireis” (Dt 18,15).

Num segundo momento, chega-se ao reconhecimento de que a temática promessa-cumprimento perpassa todo o Evangelho, e essa temática, fundamenta-se na tradição bíblica judaica. Sendo assim, é possível ver que a base que dá sustentação e fundamenta a construção lucana da identidade profética de Jesus é a própria tradição bíblica e as promessas que alimentaram e guiaram o peregrinar do povo eleito.

E como o evangelista Lucas deixa transparecer na pessoa de Jesus e em sua personalidade, a concretização da espera e da esperança do povo de Israel? Que tipo de profeta o evangelista considera e adota em sua macronarrativa? Inicia-se assim, o reconhecimento da visão de profeta que o evangelista considera e adota em sua macronarrativa na construção da identidade profética de Jesus, pois isso muito contribuirá para o alargamento do conhecimento e da compreensão do modo próprio de Jesus ser e proceder como profeta.

2.1 A IDENTIDADE PROFÉTICA DE JESUS

A identidade profética de Jesus ao longo do terceiro Evangelho foi sendo descortinada pelo autor pouco a pouco, e de vários modos. Quer seja pelo reconhecimento que as pessoas faziam dele como profeta, quer fosse pelo uso de textos proféticos. Sendo os textos do profeta Isaías muito bem utilizados por Lucas (cf. Is 61,1 par com Lc 4,18; Is 5,8-25 par com Lc 6,20-26; Is 35, 5-6 para com Lc 7,22) e alusões que relembram aos profetas antigos de Israel, como por exemplo: Moisés, Samuel, Elias, Eliseu. Jeremias.

Com o profeta Jeremias, já desde o início do Evangelho é possível destacar alusões, tais como 2,32 quando Simeão, dirigindo-se a Maria, explicita que Jesus será sinal de contradição e sinalizando assim, a dureza da missão de seu filho, recorda a Jeremias em sua vida de sofrimento e incompreensão, diante de sua missão profética (cf. Jr 15,10; Lc 2,23 e 12, 49-53). Jesus profeta será condenado, como os antigos profetas por causa de sua fidelidade ao Pai e o seu projeto de vida (cf. Jr 18,18-19; Lc 20,10. 14-19). E mesmo em meio às dificuldades, a presença de Deus que não abandona a seus profetas será constante (cf. Jr 1,7-10).

Mas, é precisamente retomando o tema da espera e da esperança na vinda do profeta prometido por Deus e esperado pelo povo, que o evangelista vai trabalhar com mais detalhe e profundidade a construção da identidade profética de Jesus. E por mais que a convicção de que já não existiam profetas estivesse presente no judaísmo, à espera e a esperança na vinda do profeta prometido (Moisés, Elias redivivo) também estavam presentes. Como a tipologia profética (Moisés, Elias redivivo) é utilizada pelo evangelista para construir a identidade de Jesus como profeta? Como as narrativas por ele organizadas e elaboradas ajudam a perceber a tipologia adotada?

É visível que, ao longo do terceiro Evangelho, a personalidade profética de Jesus tenha sido construída levando em conta as figuras proféticas veterotestamentárias (Moisés e Elias redivivo), cuja volta era esperada pelo povo. Algumas narrativas vão ajudar no reconhecimento e na compreensão do modo como o evangelista, usando as diferentes tipologias, apresenta a Jesus como profeta que supera, através do seu ser e do seu proceder, as figuras antigas. O que se pode aprender de Jesus-profeta, a partir da tipologia Jesus-Moisés.

2.2.1 Jesus e Moisés

Moisés, chamado por Deus, quando estava no deserto, cuidando do rebanho do seu sogro Jetro (Ex 3,1-6). É considerado boca de Deus, pois é em nome Dele, que fala ao povo ao qual foi enviado. No exercício da missão de conduzir o povo eleito e ajudar para que, a vivência da Aliança seja mantida, Moisés vai enfrentar as dificuldades próprias da missão (Nm 11, 4ss; 14,1-4), fazendo com que apresente a Deus as suas queixas (Nm 11,12s). Vai enfrentar também a perseguição. O dicionário teológico ressalta que “O exercício dessa missão faz também dele o primeiro dos servos de Deus perseguidos (cf. At 7,52s)” (DUFOUR, 2002, p. 610). Mas, com tudo isso, Moisés, não deixa de ser solidário com o seu povo e como profeta, intercede por esse, junto a Deus (cf. Ex 17,9-13; 32,11-14; Nm 14,13-20).

Para o povo de Israel, não há um profeta igual a Moisés (Dt 34,10ss), e o surgimento de um profeta como ele, é aguardado com expectativa por todo o

povo, já que, é o próprio Deus quem promete ao dizer: “Vou suscitar para eles um profeta como tu, do meio dos seus irmãos. Colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo que eu lhe ordenar” (Dt 18,18). Centrando o olhar para o terceiro Evangelho, principalmente para a cena da transfiguração de Jesus (9,28-36), um texto que Lucas recolhe de sua fonte primária (Mc 9,2-10) é possível reconhecer que a tradição pré-lucana, de algum modo, reconhecia na pessoa de Jesus, traços característicos desse profeta sem igual, que é Moisés.

A cena evoca através de alguns elementos, a figura desse profeta de Israel. O episódio começa indicando que Jesus e seus três discípulos: Pedro, João e Tiago, sobem a montanha (v.28). A montanha é o local do encontro pessoal com Deus (cf. Ex 3,1;24,39), é onde Moisés recebe de Deus a Lei (Ex 24,39). Em seguida, o texto apresenta os detalhes da transfiguração de Jesus: aspecto alterado do rosto e as “vestes de fulgurante brancura” (v. 29), o que facilmente recorda a Moisés, enquanto descia da montanha do Sinai, com as tábuas do Testemunho, a pele do seu rosto resplandecia a ponto de os israelitas, temerem se aproximar dele (Ex 24,30).

Na sequência da narrativa lucana, tem-se a presença das duas ilustres figuras: Moisés e Elias, em prosa com Jesus. O encontro entre três grandes personalidades. Duas delas já haviam realizado com perfeição a missão que lhes fora confiada por Deus. Moisés, o profeta, chamado e enviado com a missão de conduzir o povo eleito na dura travessia pelo deserto, em direção à vida em plenitude, numa terra boa. Elias, um grande profeta de Israel, defensor do verdadeiro Deus, enviado por Deus para atuar junto aos mais sofridos da sociedade, principalmente aos estrangeiros. Sua volta era também esperada para os últimos tempos, já que fora arrebatado em vida (2Rs 2,11).

O novo êxodo está para se realizar com a morte de Jesus em Jerusalém. Não é apenas sua partida, sua glorificação, mas o início de uma nova caminhada de liberdade do povo de Deus, sob a guia do novo Moisés (cf. 7,37). Ele toma também o lugar do antigo profeta Elias para restabelecer uma autêntica comunidade fiel a Deus, mas com um espírito bem diferente do de Elias (cf. 9,54) (FABRIS; 2006 p. 104).

Agora os dois profetas saem de cena para que, Jesus, o Filho, o Eleito, a quem todos devem ouvir de agora por diante, realize a sua própria missão de

conduzir todo o povo, israelitas e estrangeiros no caminho da vida e da salvação. E o faz como profeta, mas principalmente como Filho, que recebe do Pai a autoridade. Fabris diz que “a palavra de Deus declara a verdadeira identidade e missão de Jesus: ele é o filho, que na sua tarefa única, substitui os antigos profetas. Assim como ele já fora apresentado na revelação do batismo (3,22b)” (2006, p. 104).

Na proclamação divina “Este é o meu Filho, o eleito; ouvi-o” (v 35b), é possível perceber a alusão à promessa deuteronômica do envio de um profeta como Moisés e a escuta por parte do povo desse enviado (Dt 18,15). Esse é um indício importante, pois, o evangelista retoma textualmente a citação deuteronômica em At 3,22-23. O mesmo ocorre em At 7,37 quando Estevão, na defesa da fé cristã, evoca a tradição.

Na construção lucana da identidade profética de Jesus, segundo a tipologia de Moisés, o evangelista apresenta Jesus superando a Moisés como profeta: Moisés tem a missão de conduzir o povo de Deus para uma vida em liberdade, mas é uma liberdade territorial (do Egito à terra prometida), Jesus também tem a missão de conduzir o novo povo messiânico para a libertação, mas é uma libertação de tudo que é opressão, tanto física quanto espiritual. Moisés realiza a sua missão basicamente junto e para o povo de Israel. Em Jesus, não só os israelitas que se beneficiam de sua ação salvífica, mas todos os povos e nações. Para o evangelista Lucas, ao mesmo tempo em que Jesus é um profeta como Moisés, ele o supera, pois, além de profeta, também é filho de Deus. Por isso, é a Jesus como Filho e profeta a quem todos os povos devem ouvir e seguir. E quanto a tipologia Jesus e Elias redivivo, o que o evangelista apresenta?

2.2.2 Jesus e Elias Redivivo

Elias é um personagem importante para o povo de Israel por sua atuação profética em defesa da fé no verdadeiro Deus, e pela denúncia das idolatrias praticadas pelo rei e pelo povo. Ele aparece em 1Rs 17,1, quando anuncia ao rei Acab o período da grande seca, que durará uns três anos. O zelo por IHHWH marca a personalidade e a atuação desse profeta (1Rs 19,10).

É um profeta que procura insistentemente fazer o povo recordar a Aliança feita com Deus para que, assim, possa viver de acordo com ela.

Elias é uma testemunha/presença de Deus entre os pagãos. Em sua pessoa e no seu envio à cidade de Sarepta, onde encontra com uma mulher viúva e pagã (1Rs 17,1ss), apresenta-se a ação benevolente do verdadeiro Deus, o Deus de Israel, que não restringe o seu cuidado e proteção ao povo eleito, mas que os oferece a todos os povos e nações. O verdadeiro Deus é senhor da vida e morte. Isso fica claro no episódio da ressurreição do filho da viúva de Sarepta (1Rs 17,17-24). Mas, não é somente o verdadeiro Deus quem sai desse episódio com a imagem fortalecida, pois o próprio Elias vai ser reconhecido como “o homem de Deus”, o verdadeiro profeta, que fala em nome do verdadeiro Deus (1Rs 17,24).

O homem de Deus não conhece a morte, pois foi arrebatado. É o que diz o texto de 2Rs 2,1-18. Sobre esse arrebatamento, o dicionário teológico destaca: “Ao misterioso arrebatamento corresponderá um retorno escatológico” (DUFOR, 2002, p. 268). Essa espera escatológica não passa despercebida ao evangelista Lucas que, em sua macronarrativa, no tocante à apresentação de Jesus-profeta, o faz utilizando muitos elementos que facilmente fazem lembrar a figura do profeta Elias. Mas, ao mesmo tempo em que aproxima a Jesus-profeta da figura do profeta Elias, ele também distancia para que não haja equívocos sobre quem de fato é Jesus e como nele se realiza essa espera, demonstrando a superação de Jesus em relação a Elias.

Lucas faz a aproximação entre essas duas personalidades proféticas já na narrativa de Jesus na sinagoga de Nazaré (4,16-13), quando o próprio Jesus compara a sua ação/missão com a missão de Elias e Eliseu, dois grandes profetas de Israel, enviados por Deus para estar ao lado dos mais sofridos e desvalidos. Com isso, o evangelista apresenta o caráter universal da missão salvífica de Jesus, oferecida primeiramente ao povo de Israel, mas em vista da sua recusa, estende-se a todos os povos.

Outro texto no qual o evangelista faz a aproximação entre eles é o relato da ressurreição do filho da viúva de Naim (7,11-17). É um episódio rico em detalhes que faz alusão à ressurreição do filho da viúva de Sarepta (1Rs 17,17-24). São alusões que levam as pessoas presentes a recordarem com facilidade

aos profetas Elias e Eliseu, mas principalmente Elias por causa da semelhança latente entre narrativas. Bovon explicita:

A ressurreição do jovem, sinal da manifestação repentina (surgir), como no versículo 14, de um grande profeta, suscita a fé. A expressão “grande profeta”, ao vir após um milagre que recorda 1Rs 17, cria evidentemente uma relação com Elias. Mas “grande profeta” está sem artigo: o povo vê certamente a mão de Deus atuando em um enviado humano, mas não o identifica expressamente como Elias redivivo [...]. Em uma palavra, o autor põe nos lábios do povo uma confissão todavia, imperfeita, mas suficiente para descobrir em Jesus a um profeta, do qual ele opina que é o profeta escatológico (Dt 18,15) e Elias que tem que vir (Mt 3, 23-24)¹⁶ (2015, p. 515-116).

Aos olhos do povo, Jesus é visto como Elias que reapareceu, Lucas 9, 8.19 expressa bem essa visão e esse sentir do povo. E também o modo de agir e a conduta de Jesus reforçam a identificação de Jesus-profeta com o profeta Elias. Os dois personagens, em momentos críticos de suas vidas, experimentam o cuidado, o consolo e o conforto de Deus. No Monte das Oliveiras, Jesus vai orar, pois se aproxima o momento crucial e aí é confortado pelo anjo do Senhor (Lc 22,43). Já Elias terá o consolo do anjo quando, após as ameaças de Jezabel, parte para o deserto, para salvar a sua vida (1Rs 19, 5.7). Mas, é preciso ressaltar uma importante diferença entre os dois. No momento da dificuldade e da angústia, Elias pede a Deus que lhe tire a vida (1Rs 19,4) enquanto Jesus, reafirma a entrega e a confiança, não pede para si a morte, mas a acolhe (Lc 22,42).

Mas, o evangelista também tem o cuidado de distanciar a Jesus- profeta, não da pessoa de Elias redivivo, mas da compreensão que se tinha dele, do modo como o viam. É o que se vê, por exemplo, em Lc 9,54-55, dois discípulos de Jesus, Tiago e João, à recusa dos samaritanos em receber Jesus que marchava para Jerusalém em seu povoado sugerem: “Senhor queres que ordenemos fogo do céu para consumi-los?” (9,54) ao que Jesus os repreende. Esse episódio ressoa facilmente a outros que envolvem o profeta Elias (Cf. 1Rs

¹⁶La resurrección del joven, una signo de la manifestación repentina (levantarse), como en el versículo 14, de un gran profeta, suscita la fe. La expresión "gran profeta", que viene después de un milagro que recuerda 1 Re 17, crea evidentemente una relación con Elías. Pero “gran profeta” está sin artículo: el Pueblo ve ciertamente la mano de Dios actuando en un enviado humano, pero no lo identifican expresamente con Elías renacido [...]. En una palabra, el autor pone en labios del pueblo una confesión todavía imperfecta, pero suficiente para descubrir en Jesús un profeta, del que él opina que es el profeta escatológico (Dt 18,15) y Elías que ha de venir. (Mt 3, 23-24) (2015, p. 515-116).

18,36-38; 2Rs 1,9-14). Segundo Fitzmyer, Jesus aceita alguns aspectos da personalidade profética de Elias, mas rejeita outros, quanto à identificação dele com aquele.

O que Jesus rejeita é a interpretação de sua vinda como a de um fogo reformador social (cf. Eclo 48,10); o único que tolera em sua identificação com Elias é sua atuação por meio de sinais prodigiosos, especialmente quando o povo o reconhece como “um grande profeta”, depois de haver ressuscitado ao filho único de uma viúva na cidade de Naim (Lc 7,16; Cf. 1Rs 17,23)¹⁷ (1986, p. 359).

Segundo a explanação feita até este momento, é possível dizer que o entendimento, a visão e a apresentação lucana de Jesus-profeta, leva à compreensão de Jesus com traços que lembram as figuras de Moisés e de Elias, mas ele ultrapassa essas imagens e figuras. Em Jesus todas as expectativas e esperas são plenamente realizadas, basta saber olhar para ele e para as suas ações, reconhecendo nelas os traços dos antigos profetas de Israel, mas superando-os.

Assim, é possível dizer que o evangelista considera e adota, em sua macronarrativa, a imagem do profeta escatológico. Ele apresenta a Jesus como esse profeta escatológico, no qual o Espírito de Deus é derramado nos últimos dias (At 2,17. 33). Não é Moisés e nem Elias redivivo, é Jesus, o messias, o Filho, o Eleito a quem toda a humanidade deve ouvir.

Jesus não é um profeta a mais que aumenta a longa lista dos profetas verdadeiros do AT, mesmo do porte de Oséias, Isaías ou Jeremias. Diferentemente dos profetas, Jesus é o enviado definitivo por ser o “profeta como Moisés” anunciado por Javé para o tempo escatológico, e, mais ainda, diferentemente de Moisés e dos profetas, Jesus fala com uma autoridade que tem raiz nele mesmo e não na tradição profética ou legal de Israel. Finalmente, ele os supera não somente porque é profeta quando revela a Palavra de Deus, mas porque é feito Palavra profética sempre viva em virtude de sua ressurreição (RETAMALES, 2005, p. 93).

Dando um passo a mais na compreensão do modo como o evangelista construiu a identidade profética de Jesus, centra-se agora a atenção nas

¹⁷Lo que Jesús rechaza es la interpretación de su venida como la de un fogo reformador social (cf. Eclo 48,10); lo único que tolera en su identificación con Elias es su actuación por medio de signos prodigiosos, especialmente cuando el pueblo le reconoce como «un gran profeta», después de haber resucitado al hijo único de una viuda en la ciudad de Naín (Le 7,16; cf. 1 Re 17,23)

narrativas próprias do terceiro evangelho, para ver o que elas revelam do processo narrativo de apresentação de Jesus-profeta, e assim, destacar as atitudes e características que Jesus revela como profeta.

2.2 O PROCESSO NARRATIVO DE APRESENTAÇÃO DE JESUS-PROFETA

A primeira parte deste trabalho, Jesus profeta na dinâmica narrativa do terceiro Evangelho, possibilitou a identificação e o reconhecimento das narrativas que revelam algo sobre a identidade profética de Jesus. Narrativas provindas da tradição evangélica e narrativas propriamente lucanas.

Relembrando então, Lucas apresenta quatro narrativas próprias nas quais traz a questão do reconhecimento de Jesus profeta: três delas são afirmativas e uma como suspeita. São elas: 7,11-17; 7,36-50; 13,31-33 e 24,13-35. Entre elas, três expressam o pensamento de diferentes interlocutores (7,11-17; 7,36-50 e 24,13-35) e uma expressa o sentir do próprio Jesus (13,31-33).

Tomando as informações fornecidas por essas narrativas é possível observar que a primeira (7,16) e a última (24,19) trazem afirmações sobre a identidade profética de Jesus, ambas formuladas com verbos no passado. Elas expressam o mesmo sentir sobre Jesus: “um grande profeta” e “um profeta poderoso”. Por isso, é possível considerar essas duas afirmações como moldura de uma exposição sobre esse tema que enquadram as duas outras perícopes que abordam diretamente o tema. No interior da moldura, tem-se então, uma dúvida (7,39) sobre a identidade profética de Jesus e uma autoidentificação profética (13,32-33).

Levando em conta que essa dúvida parte de um fariseu e que a autoidentificação de Jesus é uma resposta aos fariseus, que tentam alertá-lo sobre a má intenção de Herodes para com ele, é possível ver a relação entre esses dois episódios centrais. Para melhor visualizar essa exposição, apresenta-se, abaixo, a estrutura que se formou:

A: Afirmação: “Um grande profeta surgiu entre nós...” (7,16)

B: Dúvida: “Se este homem fosse profeta saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora” (7,39)

B': autoafirmação: "eu expulso demônios e faço curas hoje e amanhã... preciso caminhar hoje, amanhã e depois de amanhã, pois não convém que um profeta morra fora de Jerusalém" (13,32-33)

A': afirmação: "O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e diante de todo o povo" (24,19)

Observando esta estrutura é possível identificar uma espécie de quiasma. Centrando a atenção nas narrativas que ocupam o interior da moldura, confirma-se o modo lucano de construir a identidade profética de Jesus, a partir da síncope, ou seja, de pensamentos contrários sobre a identidade profética. Assim, a estrutura revela que entre afirmações, dúvidas e autoafirmação, o evangelista vai dando a conhecer a identidade profética de Jesus.

A estrutura quiástica revela também que as narrativas no interior da moldura, relacionam-se entre si, pois ambas trazem a figura de Jesus em sua relação com os fariseus. A dúvida levantada pelo fariseu Simão, em 7,36-50, vai ser tirada totalmente com a autoidentificação profética de Jesus, dirigida não apenas a um fariseu, mas a muitos (13,31-33).

Percebe-se também a relação das narrativas centrais com as que compõem a moldura. A dúvida levantada pelo fariseu encontra-se na narrativa da mulher pecadora (7,36-50), no mesmo capítulo da primeira afirmação, que está no episódio da ressurreição do filho da viúva de Naim (7,11-17). O capítulo é construído com um tema norteador, a saber: a autoridade e a identidade de Jesus. Em ambas narrativas, tem-se a presença de uma mulher que sofre. Na primeira, tem uma viúva que padece a perda do filho; na segunda, tem uma pecadora que sofre o peso do julgamento e da exclusão. As duas são alvos da ação misericordiosa e benevolente de Jesus. Ação que promove vida, libertação e salvação.

A outra narrativa que compõe o interior da moldura, a autoidentificação profética de Jesus, tem profunda relação com a segunda parte da moldura, a afirmação dos discípulos de Emaús. Já que, na autoidentificação profética de Jesus, o autor expressa a compreensão que tem do destino de Jesus em perfeita sintonia com o destino dos profetas. E a segunda afirmação, acontece justamente após a morte de Jesus. O que pode facilmente ressoar na mente e

no coração dos discípulos, que o destino de Jesus-profeta, de fato se cumpriu com sua morte na cruz.

Na construção da identidade profética de Jesus, o evangelista não deixa ninguém de fora do processo. Parte da multidão, segue para um indivíduo da sociedade, passando pelo próprio Jesus e chegando aos discípulos. Todas as classes de pessoas estão representadas nessa construção.

Após reconhecer, através da estrutura quiástica, a profundidade do modo lucano de construir a identidade profética de Jesus, é chegado o momento de analisar o conteúdo dessas narrativas para assim, compreender mais a Jesus-profeta, bem como destacar as atitudes características que o revelam como profeta. A análise partirá das informações fornecidas pela estrutura quiástica, primeiro as afirmações proféticas, seguida da dúvida e finalizada com autoidentificação profética de Jesus.

2.3.1 A Afirmação Profética: Multidão e Discípulos de Emaús (Lc 7,16; 24,19)

As multidões e os discípulos são dois grupos de interlocutores que, ao longo do terceiro Evangelho, vão se fazer presentes e se relacionam com Jesus. Mas, é possível reconhecer e destacar que a relação desses dois grupos com Jesus não se encontra no mesmo nível.

A multidão se faz presente em muitos momentos da atividade de Jesus, mas num nível distante, sem implicação pessoal com a pessoa e a missão dele. A busca da multidão por Jesus é motivada por muitas situações que afetavam as suas vidas. Após ver as curas que Jesus realizara em Cafarnaum, as multidões querem retê-lo (4,42). Em outros momentos, já esperam por Jesus (8,40) e mesmo quando Jesus se propõe a estar a sós como os discípulos, a multidão os precede (9,11). É importante destacar que o evangelista, quando se refere à multidão, utiliza denominações diversas, mas que expressam o mesmo sentido, tais como: todos (4,36; 5,25; 7,16; 9,43); multidão (6,19; 8,40); povo (7,1); numerosa multidão (7,11; 8,4; 9,37).

No caso dos discípulos, o nível de relação é outro, é o da proximidade, da configuração e da implicação pessoal com Jesus e com o seu projeto de vida e de missão. No discipulado, há o diferencial do chamamento. A iniciativa é de Jesus que chama a cada pessoa pelo nome para segui-lo, para estar com ele e aprender dele (cf. 5,8.27; 6,12-16) formando um grupo mais íntimo e

próximo, o grupo dos doze, a quem Jesus dá poder e autoridade para agir como ele (cf. 9,1-2). Sendo que o destino dos discípulos também se configura ao destino do mestre (9,23-26). Mas, o grupo dos discípulos não se restringe aos doze, ele é numeroso e Jesus, também os envia em missão (cf. 6,17; 10, 1-16.17-20).

Mesmo com todo o diferencial acima exposto, é possível dizer que em Lc 7,16, na afirmação sobre a identidade profética de Jesus, o reconhecimento dele nesse paradigma, procede dos dois grupos, a multidão e os discípulos, que ali estavam presentes: “Todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus dizendo: ‘um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo’”.

As ações e palavras, o ser e o proceder de Jesus despertam nas pessoas aceitação ou objeção de sua pessoa como profeta. As duas afirmativas sobre a identidade profética ressaltam a aceitação dele nesse paradigma e, encontram-se em 7,11-17 e 24,13-35. Duas narrativas, que mesmo separadas pelo tempo e pelo espaço, a primeira se encontra na primeira etapa da vida de Jesus, na Galileia (4,14–9,50), na cidade de Naim, e a segunda na terceira etapa da vida de Jesus, em Jerusalém (19,28–24,53), no caminho de Emaús, encontram-se unidas pelo personagem principal: Jesus de Nazaré, o Cristo.

Ambas narrativas envolvem situações de morte e de vida. Na primeira, Jesus chega à cidade de Naim e se encontra com a situação da morte de um jovem, filho único de uma mulher viúva. Na segunda, Jesus, põe-se a caminhar com os dois discípulos que vão tristes pelo caminho, acobardados pela dor que a sua morte causara neles. Na primeira, Jesus ressuscita ao jovem, devolvendo à sua mãe a razão para viver. Na segunda, é Jesus ressuscitado, quem devolve aos discípulos a alegria e a razão para voltarem para a comunidade.

As duas narrativas expressam o movimento e a dinâmica que o evangelista imprimiu em todo o evangelho, ou seja, Jesus em sua itinerância, sempre a caminho. E no caminho, vive a experiência do encontro com as diferentes realidades e situações. A primeira e a última identificação explícita de Jesus como profeta (7,16; 24,19). Agora, propõe-se observar atentamente a cada uma dessas narrativas separadamente, para ao final recolher o que as duas revelam sobre Jesus-profeta.

2.3.1.1 A primeira afirmação profética explícita: A multidão (7,16)

A afirmação profética: *“Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo”*, proferida pela multidão (discípulos, numerosa multidão, grande multidão) foi motivada pelo gesto realizado por Jesus, de ressuscitar um jovem, filho único de uma mãe viúva.

A ressurreição do filho da viúva de Naim como é intitulada a perícopos 7,11-17, no contexto amplo da macronarrativa, encontra-se na primeira etapa da vida de Jesus, que apresenta o seu ministério na Galileia (4,14–9,50). Desde a sua apresentação pública na sinagoga de Nazaré até esse ponto do evangelho, muitas coisas Jesus já havia ensinado, muitas curas já havia realizado, e tudo isso despertou reações diferenciadas nas pessoas: acolhida, alegria e júbilo nos mais simples e beneficiários primeiros de sua ação; incompreensão e dúvida daqueles que se consideravam os sábios e justos da sociedade e do Reino.

No contexto próximo se encontra no capítulo sete. A sua inserção nesse ponto da macronarrativa demonstra, num primeiro momento, a intenção lucana em apresentar a progressão narrativa do capítulo, visto que, a perícopos que a antecede (7,1-10) traz a Jesus em sua poderosa atuação, restabelecendo a saúde a alguém que estava à beira da morte: o servo do centurião. Agora, na narrativa em questão, tem-se a Jesus devolvendo a vida a alguém que estava de fato morto, e que já ia ser sepultado: o filho da viúva de Naim.

Essa narrativa aponta para o desenvolvimento que virá na narrativa seguinte (7,18-30), pois na resposta dada por Jesus à pergunta dos discípulos de João Batista se ele seria o que devia vir, entre os tantos sinais realizados por ele, explicita: *“Ide contar a João...os mortos ressuscitam...”* Jesus só pôde fazer esta afirmativa porque ele de fato ressuscitou a alguém.

Lucas não se contenta em ilustrar a resposta de Jesus unicamente com a ressurreição da filha de Jairo, que vai ser narrada posteriormente em Lc 8,40-42. 49-56, mas que já neste momento introduz o relato de uma ressurreição. Desse modo, quando os enviados de João Batista voltarem a seu mestre para comunicar a resposta de Jesus, não somente poderão transmitir-lhe uma palavra (Lc 7,22), mas também um caso concreto, já narrado no Evangelho

segundo Lucas, de uma ressurreição já realizada¹⁸ (FITZMYER, 1987a, p. 641).

A períclope anterior (7,1-10) traz como tema a cura do servo do centurião romano e indica que Jesus se encontra em Cafarnaum (7,1). A períclope em análise apresenta o deslocamento de Jesus para outra cidade, por isso, é possível ver que uma indicação temporal (algum tempo depois), de lugar (cidade chamada Naim) e de tema (ressurreição) marca o início da narrativa: *“Ele foi em seguida a uma cidade chamada Naim. Seus discípulos e numerosa multidão caminhavam com ele. Ao se aproximar da porta da cidade”* (vv.11-12a).

Um sumário conclusivo com uma proclamação solene do poder de Deus, que atua por meio de Jesus encerra o episódio: *“Todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus, dizendo: ‘Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo’. E essa notícia difundiu-se pela Judeia inteira e por toda a redondeza”* (vv.16-17). Corroborar esse limite final o fato de que a períclope seguinte apresenta o indício literário de mudança de personagens, Jesus, o jovem e sua mãe viúva ficaram para trás e entram em cena João e seus discípulos.

A estrutura da narrativa possibilita o reconhecimento dos personagens que dão vida, cor e movimento à narrativa, e principalmente favorece o reconhecimento da teologia do autor, de suas preocupações e interesses particulares, no tocante a apresentar a pessoa e a missão de Jesus. Seguindo o esquema quinário, apresentado por Marguerat e Bourquin em seu livro: *Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa*, têm-se então os seguintes passos: situação inicial (ou exposição), o nó, a ação transformadora, o desenlace e a situação final. A narrativa estrutura-se como segue:

Situação Inicial - exposição: chegada do cortejo da vida- Jesus-discípulos-numerosa multidão à cidade de Naim pela porta da cidade (vv.11-12a)

¹⁸Lucas no se contenta con ilustrar esa respuesta de Jesús únicamente con la resurrección de la hija de Jairo, que se va a narrar posteriormente en Lc 8,40-42.49-56, sino que ya en este momento introduce el relato de una resurrección. De este modo, cuando los enviados de Juan vuelvan a su maestro para comunicarle la respuesta de Jesús, no sólo podrán transmitirle una palabra (Le 7,22), sino también un caso concreto, ya narrado en el Evangelio según Lucas, de una resurrección ya realizada.

Nó-complicação: saída do cortejo da morte - filho único- mãe viúva- grande multidão da cidade (v.12b)

Ação transformadora: Jesus dirige o olhar para a mulher, comove-se e a consola, depois dirige a palavra ao jovem morto, e o ressuscita (vv.13-14)

Desenlace: Jesus entrega o filho plenamente restabelecido para mãe (v.15)

Situação final: presentes dos dois cortejos expressam temor, júbilo e reconhecimento.

Espalham a notícia (vv.16-17)

Recordando a itinerância de Jesus é muito significativo ver que ele continua realizando o que se propusera na sinagoga de Nazaré, expressar a salvação, os gestos de libertação previstos para os últimos tempos sendo realizados no hoje. E nenhum gesto de libertação pode faltar, nem mesmo a libertação da morte.

A situação inicial ou exposição diz que: *“Ele foi em seguida a uma cidade chamada Naim. Seus discípulos e numerosa multidão caminhavam com ele. Ao se aproximar da porta da cidade”* (vv.11-12a). Jesus, em sua itinerância, sai de Cafarnaum e chega a Naim. O narrador abre a narrativa preparando o leitor para viver com Jesus a experiência do encontro inesperado entre duas realidades que afetam a vida humana, sem que ninguém tenha controle, ou seja, a vida e a morte. Na porta da cidade de Naim, o narrador apresenta o encontro entre dois cortejos.

Em seguida, tem-se o Nó-Complicação, e nele o narrador continua apresentando e introduzindo o leitor cada vez mais na cena ao expor a situação: *“coincidiu que levavam a enterrar um morto, filho único de mãe viúva: e grande multidão da cidade estava com ela.”* (v.12b): Um cortejo que chega à cidade e um que sai da cidade.

O cortejo da vida é encabeçado por Jesus, acompanhado de seus discípulos de numerosa multidão que caminhava com ele. O cortejo da morte é encabeçado por uma mulher e viúva que leva para ser enterrado seu único filho e grande multidão da cidade estava com ela. A porta da cidade é o ponto do encontro, ela que dá passagem para o cortejo da vida entrar e para o cortejo da morte sair.

O encontro tem lugar na zona perigosa entre os dois terrenos da vida humana, entre a cidade e o campo. Enquanto ao caminho de Jesus, tem para Lucas uma significação no desenvolvimento da história da

salvação. Jesus se encontra à vez em seu próprio caminho até Jerusalém (cf. 9,51; 13, 22) e no caminho do seu povo, a quem quer socorrer¹⁹ (BOVON, 2015, p. 510)

Jesus no seu desejo de buscar e salvar a todas as pessoas não vai perder tempo, por isso, restaura a vida e a dignidade das pessoas. O encontro com Jesus acontece no tu a tu, não há distâncias e nem barreiras. No encontro entre os dois cortejos, da vida e da morte, a situação é realmente trágica. As tragédias se acumulam sobre os ombros dessa mulher. Uma mãe, viúva que perde o filho único vê se esgotando a possibilidade de viver com dignidade numa sociedade onde ser mulher, sem filhos e viúva é expressão de aniquilamento pessoal.

Na ação transformadora (vv.13-14), a situação trágica toca não somente ao leitor que com certeza, sente com aquela mãe a sua dor e sabendo tudo que ela ainda ia sofrer com a morte do filho, toca principalmente a Jesus, o texto diz: *“O Senhor, ao vê-la, ficou comovido e disse-lhe: “Não chores!” Depois, aproximando-se, tocou o esquife, e os que carregavam pararam. Disse ele então: “Jovem, eu te ordeno, levanta-te!”*

O texto diz que *O Senhor, ao vê-la, ficou comovido e disse-lhe: “Não chores!” (v.13)*. Ver a pessoa, ver a realidade que a afeta e deixar-se afetar por essa é muito importante para que haja uma ação. Na parábola do Samaritano (Lc 10,29-37), o evangelista explicita que o ver com os olhos e com o coração é fundamental para despertar no interior da pessoa identificação e reciprocidade. Na parábola relata que algumas pessoas passaram, viram, mas não agiram, mas um samaritano “chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão” (10,33).

Essa parte central da narrativa está marcada por verbos de movimento que revelam o ver, o sentir e o agir de Jesus. Ele vê, não aquele que está efetivamente morto, mas a mãe que chora. Ele se comove com ela, sente com ela a sua dor e por isso, consola: “não chores”. É um consolo de quem sabe que pode e vai fazer algo, não é da boca para fora. É a compaixão de Jesus para com aquela mulher que o leva a agir. O verbo comover, encher-se de

¹⁹ El encuentro tiene lugar en la zona peligrosa entre los dos terrenos de la vida humana, entre la ciudad y el campo. En cuanto al camión de Jesús, tiene para Lucas una significación en el desarrollo de la historia de la salvación. Jesús se encuentra a la vez en su propio camino hacia Jerusalén (cf. 9,51; 13, 22) y en el camino de Pueblo al que quiere socorrer.

compaixão, no terceiro Evangelho aparece somente em narrativas propriamente lucanas (cf. 7,13; 10,33; 15,20).

Aqui é importante destacar que em muitas narrativas, o evangelista apresenta a fé como um elemento importante, mas na narrativa em estudo, a fé não aparece como uma exigência, já que, em nenhum momento é apresentado alguém na narrativa suplicando a Jesus para agir em favor daquele jovem, devolvendo-lhe à vida. É Jesus quem toma a iniciativa, como o próprio Deus que sempre tomou a iniciativa para salvar e conduzir o povo eleito para uma vida em libertação profunda.

Depois de olhar, de ver, de se compadecer e de consolar, Jesus atua transformando a situação de morte em situação de vida. Com a liberdade de suas ações, toca o esquife, sem levar em conta as recomendações prescritas em Nm 19,16, sobre a lei da impureza por tocar num morto. E com a autoridade de sua palavra ordena: “Jovem, levante-se”. É importante destacar que a ação transformadora acontece quando Jesus toma para si a situação, deixa-se afetar por ela.

Tem-se assim, o desenlace (v.15) *“E o morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe”*, a reação do morto à palavra de Jesus é imediata, ele senta e fala, comprovando assim, que de fato ele está vivo, pois morto não senta e nem fala. Jesus se volta de novo para a mulher consolando-a em definitivo, entregando o seu filho, vivo. Assim, devolve a ela também a vida e a razão para continuar vivendo.

Na conclusão (vv.16-17), tem-se a reação das pessoas dos dois cortejos, e vai ser a mesma: espanto/medo e júbilo/reconhecimento da identidade profética de Jesus, por isso exclamam: *“um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo”*. Diante de tal acontecido, como era de se esperar, a notícia se espalhou por todos a Judeia e redondeza.

Na exclamação final: “Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo”, o evangelista oferece a chave de interpretação de todo o episódio. Jesus é o “grande profeta” esperado para os últimos tempos, Elias redivivo, o grande taumaturgo restaurador do povo de Deus (cf. 4,25; 9, 54.61-62). [...] Mas, diferentemente de Elias, grande profeta esperado para o tempo messiânico, Jesus é o Senhor; e por meio dele é o próprio Deus quem agora intervém, de maneira eficaz, para a salvação do seu povo (FABRIS, 2006, p. 83).

Tem-se a Jesus, o protagonista da cena, que chega à cidade acompanhado dos personagens figurantes (discípulos e grande multidão). Depois tem a mãe, que mesmo sem dizer uma única palavra na narrativa pode ser considerada, diante de Jesus, como protagonista, pois é por causa dela, por causa de todo o sofrimento que a morte de seu filho único lhe causaria, que Jesus se comove e atua ressuscitando o jovem e devolvendo-o para a mulher. Tem-se também o filho, os carregadores (personagens cordões) e a multidão, que para Marguerat e Bourquin é considerada como figurante. Mas tendo em vista que, no estudo em questão, é da multidão que provém a afirmação profética sobre Jesus, acredita-se que a ela não se pode, nesse caso, atribuir-lhe um papel de figurante, mas de protagonista no reconhecimento e expansão da identidade profética de Jesus.

A perícopé, segundo a história das formas, classifica-se como um relato de milagre (ressurreição), sendo o primeiro dos três relatos que o autor apresenta em sua obra (7,11-17; 8, 40-42. 49-56; At 20, 7-12). Bovon diz sobre a cena: “Esta ressurreição é, com a da filha de Jairo, a única que nos refere Lucas: por um lado, mãe-filho; por outro, pai-filha [...] trata-se sempre de jovens, cuja morte é particularmente trágica²⁰” (2015, p. 505).

E para a compreensão do modo como Lucas constrói e apresenta a identidade profética de Jesus, essa narrativa é sem dúvida muito importante. A respeito disso, Fitzmyer diz que “este episódio da ressurreição do filho de uma viúva da cidade de Naim, marca uma nova etapa na descrição das atitudes frente ao ministério de Jesus na Galileia²¹” (1986, p. 640).

Fitzmyer considera o versículo introdutório da narrativa (v.11) como sendo de elaboração, produção do próprio Lucas. No tocante aos versículos treze e quinze, que compõem a parte central da narrativa, há autores, que veem neles a mão do evangelista, porque no v. 13, o autor deixa transparecer as emoções de Jesus e também apresenta o tema relacionado às mulheres, que é um tema preferido pelo evangelista. Mas, Fitzmyer lembra que também

²⁰ Esta resurrección es, con la de la hija de Jairo, la única que nos refiere Lucas: por un lado, madre-hijo; por otro, padre-hija [...] Se trata siempre de jóvenes, cuya muerte es particularmente trágica.

²¹ Este episodio de la resurrección del hijo de una viuda, en la ciudad de Naín (Le 7,11-17), marca una nueva etapa en la descripción de las actitudes frente al ministerio de Jesús en Galilea.

há, na narrativa lucana, episódios em que as emoções de Jesus não são explícitas.

É uma narrativa com muitos elementos que fazem alusão à atuação profética de grandes profetas antigos. Sobre isso, Bovon diz: “Foi, sobretudo, o milagre de Elias o que serviu de modelo, já que este homem de Deus era, para os judeus, ao mesmo tempo o maior profeta do passado e aquele cuja volta se esperava para os últimos tempos (Ml 3,23-24)”²² (2015, p. 506). É possível detectar semelhanças e diferenças entre as narrativas 7,11-17 e 1Rs 17,17-24.

Quanto às semelhanças: assim como Elias que chega à cidade de Sarepta (1Rs 17,10), Jesus chega à cidade de Naim (7,11). O encontro de Elias com a viúva de Sarepta, e de Jesus com a viúva de Naim, dá-se na porta da cidade (1Rs 17, 10; 7,12). Nos dois episódios, tem-se a morte do jovem, filho único, da viúva e que é ressuscitado, um pelo profeta, o que produz a confissão de fé da mulher no “verdadeiro profeta e no verdadeiro Deus” (1Rs 17,24; cf. 2Rs 4, 33-37) e o outro por Jesus, que produz nos interlocutores o reconhecimento dele como “um grande profeta”. Em 7,15, Jesus entrega o menino à sua mãe, é possível reconhecer nisso, uma alusão explícita à atuação de Elias, que após ressuscitar o menino, o entrega a sua mãe (Lc 7, 15c; 1Rs 17,23).

Quanto às diferenças, existem poucas quando se leva em conta a quantidade. No entanto, a qualidade da diferença é muito importante, pois tanto o profeta Elias, na ressurreição do filho da viúva de Sarepta, quanto Eliseu, na ressurreição do filho da sunamita (cf. 1Rs 17,17-24; 2Rs 4, 33-37) precisaram fazer gestos simbólicos sobre o menino, além de clamar a Deus. Com Jesus não há necessidade de gestos simbólicos, pois é pela autoridade da palavra dele, que o menino volta à vida (Lc 7,14). Essa diferença é suficiente para demonstrar a superação de Jesus em relação às figuras dos antigos profetas. Em Lucas, o reconhecimento da identidade profética de Jesus se dá pelas pessoas que, em coro, exclamam: “um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo” (7,16).

²²Fue, sobre todo, el milagro de Elías el que sirvió de modelo, ya que este hombre de Dios era, para los judíos, al mismo tiempo el mayor profeta del pasado y aquel cuya vuelta se esperaba para los últimos tiempos (Mal. 3,23-24)

A estratégia narrativa do encontro, utilizada aqui, revela muito da intenção teológica do evangelista. Temos nessa narrativa um encontro inesperado na porta de uma cidade. Esse encontro produz uma transformação radical no modo de apresentar a pessoa de Jesus até agora, pois, percebe-se uma passagem, uma mudança radical da morte para a vida. Mas, e a segunda afirmação, o que revela sobre Jesus profeta?

2.3.1.2 A segunda afirmação profética explícita: Os Discípulos de Emaús (24,19)

A segunda afirmação profética sobre Jesus: *“O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e diante de todo o povo”*, parte da boca de um discípulo, Cléofas, que juntamente com um outro discípulo, viaja de Jerusalém para um povoado chamado Emaús. Diferentemente da primeira afirmação, essa não é motivada por alguma ação realizada por Jesus, mas por uma sofrida por ele: a morte na cruz.

A narrativa se encontra no último capítulo do terceiro Evangelho. Esse capítulo está destinado a apresentar os acontecimentos acerca da ressurreição de Jesus. Tudo acontece em um único dia, o primeiro da semana. As aparições do ressuscitado vão se dar, precisamente, a partir da narrativa em estudo, ou seja Lucas 24,13-35. Os episódios anteriores apresentam os indícios da ressurreição, mas ao ressuscitado ninguém ainda viu.

O deslocamento da cidade de Jerusalém para o povoado Emaús dos dois discípulos de Jesus marca o início da perícopos no v.13. Nele há uma indicação espaço-temporal: *“Eis que dois deles viajavam nesse mesmo dia para um povoado chamado Emaús, a sessenta estádios de Jerusalém”*. E levando em conta a situação inicial da perícopos, os discípulos partindo de Jerusalém para Emaús, acredita-se que a sua finalização no v. 33a, os discípulos partindo de Emaús para Jerusalém, demarca melhor: *“Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém”*

Os vv. 33b-35, mesmo contando com a presença dos dois discípulos da narrativa em estudo, apresenta outros personagens (os onze) reunidos em outro lugar (Jerusalém). Assim, acredita-se que esses versículos se enquadram

muito bem como introdução da perícopre seguinte (24,36-42). Organizando então a narrativa no esquema quinário, tem-se:

Situação Inicial - exposição: partida dos dois discípulos de Jerusalém para Emaús (v 13-15)

Nó-complicação: Os olhos dos discípulos estavam impedidos de reconhecer a Jesus, que se põe a caminhar com eles (vv. 15-24)

Ação transformadora: Jesus toma a palavra e uma vez mais se põe a ensinar a seus discípulos, como um verdadeiro mestre (vv. 25-27)

Desenlace: Os olhos dos discípulos se abriram e agora reconhecem a Jesus (vv. 28-32)

Situação final: Os discípulos voltam às pressas para Jerusalém e encontram-se com os demais discípulos (vv. 33a)

Na situação inicial (vv.13-15), o narrador introduz o leitor na narrativa, apresentando os dois discípulos que partem naquele mesmo dia, o primeiro da semana, de Jerusalém a Emaús. Eles vão pelo caminho, sem conseguir esquecer o que aconteceu em Jerusalém, o centro do poder religioso, local onde a narrativa tivera seu início (1,5), cidade que mata a seus profetas (cf. 13,34), mas é também o local onde os discípulos vão ser revestidos da força do Alto (cf. 24, 49) e de onde partirá o anúncio da boa nova de Cristo ressuscitado. Aqui, ressalta-se a importância do caminho como local do ensinamento e do encontro. O próprio Jesus se pôs a caminhar com eles, mas não o reconhecem. Jesus toma a iniciativa, colocando-se lado a lado, caminhando com eles, como tantas vezes o fizera.

O narrador continua fornecendo as informações para que ninguém se perca pelo caminho, mas consiga acompanhar de perto os discípulos e a Jesus neste percurso. Daí começa o nó da narrativa, que compreende vários versículos, por isso, merece o olhar atento e por partes. O narrador não deixa o leitor no escuro e de antemão já fornece uma informação importante: *“seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo”* (v.16). O leitor já sabe que é Jesus, mas aos discípulos essa informação está velada, assim, como os seus olhos.

Jesus, uma vez mais, toma a iniciativa e questiona sobre o que conversam (v.17), começa-se assim, um diálogo entre Jesus e os discípulos, encabeçado por Jesus. Cléofas fala, mas não responde e estranhando questiona: *“Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora os fatos que nela*

aconteceram nesses dias?” (v.18). Para os discípulos, aquele homem era somente mais um forasteiro e ainda desinformado. Jesus continua fazendo de conta que não sabe mesmo, e os motiva a falar ao perguntar: *“Quais?”* (v. 19).

Nos vv.19-24 tem-se a exposição de tudo o que aconteceu com Jesus, o Nazareno. E aqui é onde aparece a afirmação profética: *“O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e de todo o povo”* (24, 19b). Os discípulos falando de Jesus com Jesus, sintetizam o ser e o proceder dele na categoria de profeta poderoso.

É compreensível o estado de desânimo dos discípulos, pois esses esperavam que Jesus fosse restaurar a Israel, libertando o povo do jugo do poder opressor, mas ao contrário vivem a dor e a desolação causadas pela morte de Jesus na cruz. A expectativa e a esperança que habitava o coração dos discípulos em relação ao messianismo de Jesus e à restauração/libertação de Israel encontram-se em sintonia com o hino que Maria cantou, o Magnificat.

A jovem mãe canta o reconhecimento de que Deus não se esquece das promessas feitas em tempos antigos, de geração e geração, e que finalmente a intervenção definitiva dele na história estava acontecendo, causando uma reviravolta nas estruturas vigentes, ou seja, os poderosos serão depostos de seus tronos, os ricos são despedidos sem nada, de mãos vazias e os humildes serão exaltados, os famintos saciados, tudo isso é sinal da presença do enviado de Deus, o Messias prometido e esperado. Sobre o Magnificat, Fabris alarga o entendimento quando ressalta:

Surge na esperança um mundo novo, onde se transformam os esquemas costumeiros da história mundana: os que contam para Deus, os que levam à frente o projeto de justiça não são os orgulhosos e, poderosos e ricos, mas os humildes, os famintos, que coincidem com os que confiam em Deus. Anuncia-se uma reviravolta, que parte das consciências daqueles que se abrem completamente ao novo projeto de Deus, e que acomete as relações de poder e as estruturas sociopolíticas (2006, p. 34).

Então, os discípulos estavam imbuídos destas esperanças, que também era a esperança de muitos outros setores do povo de Israel. E daí como compreender então, que o seu Messias está morto? Vê-se que há uma confluência de entendimento entre a libertação tão sonhada e anunciada como canto de louvor por Maria e a compreensão que os discípulos tinham do Messias. Eles compreendiam e esperavam um Messias revolucionário e o

modo/estilo de Jesus ser e proceder não condizia com o modelo mental dos discípulos, por isso associar a perseguição e a morte de Jesus na cruz com o destino dos profetas foi muito fácil para os discípulos, já que ao longo da história de Israel se viu isso acontecendo e muito. Mas a morte do Messias era algo incomum. Eles ainda não haviam captado a novidade trazida por Jesus, no modo de ser profeta e principalmente de ser Messias.

Mas, é importante destacar que a afirmação só tem sentido se olhada de modo retrospectivo, pois remete ao que Jesus foi até esse momento da macronarrativa, segundo a compreensão dos discípulos de Emaús: “Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras”. Para a construção da identidade profética de Jesus, ela corrobora o que o evangelista apresentou sobre Jesus-profeta em outros momentos da narrativa.

No contexto da ressurreição, o paradigma profético é insuficiente para descrever a personalidade de Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Os discípulos, neles e com eles, a comunidade precisa dar um salto de fé, e abrir a inteligência, a mente e o coração para a realidade da ressurreição de Jesus, para percebê-lo e senti-lo presente, vivo e caminhando com cada uma e cada uma. Por isso, uma vez mais Jesus toma a iniciativa e ensina de novo tudo, o que gradualmente ele foi ensinando pelo caminho da Galileia a Jerusalém.

A ação transformadora (vv. 25-27) começa justamente no momento em que Jesus, tomando a palavra, vai abrir o entendimento deles, a partir das Escrituras. Somente assim, vão compreender e encontrar sentido no que aconteceu a ele, em Jerusalém. Escutam com atenção e com o coração, que se aquece na medida em que Jesus lhes fala.

Mas é somente no desenlace da narrativa (vv. 28-32), no partir do pão, que os olhos dos discípulos se abrirão plenamente, e já não restam dúvidas, Jesus ressuscitou e estava com eles. Agora que seus olhos se abriram, Jesus ressuscitado desaparece de suas vistas. Pois ter os olhos abertos, significa ter a inteligência aberta para compreender com a mente e com o coração. Agora sabem, e neles a comunidade sabe e sente que Jesus ressuscitado caminha com eles. Diante dessa descoberta não dá para ficar distante, é preciso comunicar aos demais a boa notícia. A situação final demonstra o retorno apressado desses dois.

No momento em que a comunidade se encontra, após a morte e ressurreição de Jesus, os discípulos, como continuadores da missão de Jesus, o Cristo, precisam fazer a passagem da visão e compreensão de Jesus como profeta, para a certeza de que Jesus, o Filho de Deus, o messias morto e ressuscitado caminha com eles dia a dia. Sobre isso, Casalegno explicita:

Com esse relato, Lucas alcança o seu objetivo: mostrar à sua comunidade que a fé em Jesus morto e ressuscitado corresponde perfeitamente ao plano de Deus e que ela amadurece lentamente por meio da compreensão das Escrituras e pela participação na eucaristia. Embora misterioso, como o viajante desconhecido que se aproxima dos dois discípulos, Jesus ressuscitado continua andando pelos caminhos dos homens sem os abandonar. Ele está vivo e presente nas vicissitudes da história, embora “de outra forma” (Mc 16,12), como o Senhor da vida (2003, p. 196).

E assim, mesmo reconhecendo que para a construção da identidade profética de Jesus, essa afirmação feita pelos discípulos de Emaús, remete mais ao que se viveu antes, no período da vida terrena de Jesus, acredita-se que foi importante lançar o olhar para ela em sua globalidade, porque ajudou no entendimento e compreensão de que, a identidade profética de Jesus, tal qual foi apresentada pelo evangelista ao longo da macronarrativa, possibilitou reconhecer a identidade profunda de Jesus morto e ressuscitado.

As duas afirmativas então, iluminam a compreensão do modo como o evangelista construiu em sua narrativa a identidade profética de Jesus. Do início ao final do terceiro evangelho apresenta os traços da personalidade profética de Jesus, reconhecido pela multidão e pelos discípulos. E revelam traços importantes da teologia lucana, como a salvação que se concretiza na história, através da pessoa e missão de Jesus, principalmente junto aos mais sofridos da sociedade. Jesus, em sua pessoa e em sua missão, é sinal da presença de Deus, como Filho, Messias e também como um grande profeta. Revelam também a iniciativa de Jesus em total sintonia com a iniciativa divina.

É ele quem toma a iniciativa e transforma as situações de morte em situação de vida, quer seja para uma mulher viúva, mãe de um filho único, quer seja para os discípulos. Ressalta-se também a importância do caminho. Jesus está sempre a caminho e nele se depara com situações diversas que o interpelam. Diante da situação de dor e sofrimento de uma mãe, Jesus se comove profundamente e age em benefício dessa mulher, reforçando assim, o

aspecto profundo de sentir com o outro/a. Revelam também o motivo que leva Jesus a agir como enviado do Pai, como Filho e profeta. É o comover-se, o sentir com o outro/a, ou seja, é a compaixão pelos mais sofridos da sociedade que despertam em Jesus, o desejo de agir transformando o pranto da dor e da perda em lágrimas de alegria e de vida.

No entanto, a identidade profética de Jesus não é abordada apenas nas afirmações, pois no Evangelho é possível encontrar a muitas pessoas e grupos que se encontram fechadas à novidade trazida por Jesus, por isso não reconhecem, desconfiam e até negam a sua identidade profética. Por isso, propõe-se a analisar agora a narrativa em que a identidade profética de Jesus é posta em dúvida e negação. O que a dúvida-negação, levantada pelo fariseu Simão, revela sobre a identidade profética de Jesus?

2.3.2 A Dúvida-Negação Farisaica da Condição de Profeta de Jesus (Lc 7,39)

No modo de construir a identidade profética de Jesus, o evangelista também ressalta as dúvidas levantadas por aquelas pessoas ou grupos que se encontravam fechadas à ação do Espírito de Deus, que guiou a Jesus e que continua guiando a sua comunidade através da ação de seus seguidores e seguidoras. Entre esses grupos, destaca-se o grupo dos fariseus. Um grupo religioso judaico, que observava e seguia de modo rigoroso a Lei de Moisés e tradição oral.

O significado do nome “fariseus” expressa bem o modo como se entendiam e viviam na sociedade, pois significa “os santos, os separados, a comunidade verdadeira de Israel” (MORACHO, 1994, p. 78). E, por assim se considerarem, as demais pessoas, principalmente as pecadoras, não eram vistas com bons olhos, e muito menos quem se relacionava com elas.

Então, é de um fariseu que surge o pensamento duvidoso sobre a identidade profética de Jesus. Um fariseu que o havia convidado para comer com ele em sua casa. E levando em conta que essa desconfiança versa sobre a identidade profética de Jesus é possível inquirir que o fariseu tenha convidado a Jesus para comer com ele por considerá-lo um profeta? Sendo a resposta positiva, outras questões são levantadas, como por exemplo: de onde provém esse entendimento do fariseu de Jesus ser um profeta? O que despertou nele a consciência dessa identificação de Jesus como profeta?

Como essa dúvida do fariseu ajuda a perceber o modo próprio de Lucas construir a identidade de Jesus-profeta?

Para responder a essas questões não basta olhar para o contexto próximo da perícopa, para a que a antecede e a que a segue, pois a narrativa de 7,36-50 não parece ter relação direta com a anterior (7,31-34), a não ser que seja para ratificar a informação que traz o v.34: “Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizeis: ‘Eis aí um glutão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores’”. Mas seria muito, pensar que Lucas apresentaria uma narrativa tão bem elaborada e rica em detalhes, somente para confirmar essa informação. É preciso olhar o contexto amplo do capítulo sete.

Esse capítulo é importante para o reconhecimento da autoridade e da identidade profética de Jesus. Durante toda a sequência narrativa dos versículos 1 a 50 é possível ver que o autor retoma o tema de Jesus como profeta (vv.16.26.28.39). Ele oferece a construção narrativa da ressurreição do filho da viúva de Naim, que traduz essa intenção de modo muito claro. Sobre esse capítulo Casalegno ressalta:

O interesse da unidade literária de 7,1-50 é parcialmente o de indicar a difusão da boa nova de Jesus (4,44), ou de destacar o êxito da pregação de Jesus entre as multidões (7,16). Seu propósito básico é ainda o de manifestar quem é Jesus, aprofundando a apresentação que ele faz de si mesmo em Nazaré (2003, p. 115-116).

A estrutura quiástica demonstrou a relação entre as narrativas que a compõem. E revelou que a dúvida-negação farisaica sobre a identidade profética de Jesus, presente na narrativa da mulher pecadora (7,36-50), tem profunda relação com a primeira afirmação (7,11-17). Essa em sua finalização diz que a notícia, a respeito da ressurreição do jovem, filho da viúva de Naim e que provocou a confirmação do reconhecimento de Jesus como um grande profeta, difundiu-se por toda a Judéia e regiões vizinhas.

Uma notícia que corre veloz e chega aos ouvidos de João Batista na prisão, deve ter chegado também aos ouvidos do fariseu que convidara a Jesus para comer com ele em sua casa. Para captar com maior facilidade a mensagem que o autor deseja transmitir em cada narrativa, busca-se uma estrutura que possibilite reconhecer e destacar a mensagem proposta. E levando em conta as particularidades de cada narrativa, vê-se que o esquema

quinário, utilizado nas demais narrativas analisadas, não favorece a análise da perícopes em estudo. Por isso, propõe-se, uma estruturação que tem como moldura a figura da mulher pecadora, principalmente a partir do modo como ela se encontra internamente quando chega à casa do fariseu: agitada e desolada, e do modo como sai de lá: consolada e em paz.

A: A mulher pecadora chega abruptamente à casa do fariseu e se encontra: agitada e desolada (vv.37-38)

B: A reação de dúvida-negação (em pensamento) do fariseu contra a identidade profética de Jesus, por causa da acolhida que dispensa à mulher (v.39)

C: Jesus toma a palavra e se dirige ao fariseu contando uma história que favorece a reflexão (vv.40-43)

C': Jesus, olhando para a mulher, continua falando com o fariseu, aplica aos dois personagens: mulher e Simão, a história contada a partir de suas atitudes para com ele (vv.44-48)

B': A reação de dúvida dos comensais (em voz alta) sobre a identidade de Jesus (v.49)

A": A mulher sai da casa do fariseu, consolada e em paz (v.50)

A estrutura formada revela-se um quiasma destacando a figura de Jesus-profeta em sua incansável missão junto aos mais necessitados de sua ação salvadora. A narrativa acontece no local, que para o ser humano deve ser sagrado, o lar. No momento importante do encontro e da partilha: a refeição. É uma narrativa marcada pelo movimento profundo que se dá no interior de cada um dos presentes, por ser um episódio tocante e cheio de sentido e significado. É uma narrativa que envolve e convida a cada pessoa a se implicar na intriga, percebendo-se por dentro como a situação que ela traz o afeta.

Assim diz o início da narrativa: *“Um fariseu convidou-o a comer com ele. Jesus entrou, pois, na casa do fariseu e reclinou-se à mesa”* (v. 36). Uma indicação espacial: a chegada de Jesus à casa do fariseu marca o início da perícopes no v. 36, bem como a mudança temática em relação à perícopes anterior que abordou o tema do julgamento de Jesus sobre as nações. O final é marcado por Jesus reafirmando a sua autoridade para perdoar pecados e devolver a paz interior à mulher pecadora. Isso acontece quando ele diz: *“Tua fé te salvou; vai em paz”* (v. 50). E o capítulo seguinte (8,1-13) é um sumário que apresenta a Jesus em andanças com outros personagens: discípulos e mulheres.

O que a dúvida-negação farisaica revela então sobre Jesus profeta? O que o evangelista quer ensinar e transmitir com este relato em relação à identidade profética de Jesus? Assim, a modo de contemplação é como se convida a cada pessoa para entrar na cena, ver e ouvir os personagens, sentir os cheiros e a tensão pairante no ambiente.

A narrativa é envolvida por uma situação difícil do ponto de vista social, religioso e moral. O narrador abre a narrativa e apresenta a situação: um fariseu convida a Jesus para comer com ele, e Jesus aceita. Em seguida, o texto já o apresenta na casa, reclinado à mesa. Tudo normal na cena de banquete, até esse momento: anfitrião e convidados partilhando uma refeição. Mas, como é normal em cenas de banquete (symposium)²³ algo inesperado vai acontecer e é a partir desse acontecido que a narrativa se desenvolve. E algo acontece.

Sem que ninguém saiba dizer como e nem de onde veio, a cena que parecia já estar completa, é invadida por uma personagem inesperada, uma mulher da cidade, uma pecadora. O narrador fornece os elementos para que todos saibam que se trata de uma pecadora. Essa mulher, a intrusa, adentra o recinto trazendo nas mãos um frasco de alabastro. Ela entra na sala e não perde tempo olhando para os lados. O alvo de seu olhar e de sua atenção já está marcado, é Jesus. Ela então lança-se aos seus pés, chora e com suas lágrimas, lava-os, e com os cabelos, seca-os. E os gestos não param. Ela faz mais. Ela beija e unge os pés de Jesus, que calmamente aceita todos os gestos e expressões de carinho que essa mulher lhe faz.

Imagine-se a cena: o olhar petrificado do anfitrião, um fariseu, e dos demais convidados. Uma mulher pecadora em sua casa, contaminando o seu espaço. E esse homem, a quem todos reconheceram como um grande profeta, não reconhece a condição moral dela, já que se deixa tocar por ela e seus gestos. Por isso, no íntimo pensa: *“Se este homem fosse profeta fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora”* (v.39). O detalhe do fariseu não ter pronunciado em alto e bom som o seu pensamento é muito importante para o desenvolvimento da narrativa e para o processo de revelação da identidade de Jesus como profeta. Mas, que tipo de profeta

²³BOVON. F. El Evangelio Según San Lucas I. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015

permeia o imaginário de Simão para que ele duvide de Jesus em sua identidade profética, por acreditar que ele não sabe que tipo de mulher o toca?

Jesus que até então encontrava-se calado, após acolher os gestos de cuidado e atenção que a mulher lhe dispensara, vai tomar a palavra nos vv.40-43, dirigindo-se ao anfitrião. Ele diz: “*Simão, tenho uma coisa a dizer-te*”. É importante ressaltar que Jesus ao se dirigir ao anfitrião, dirige-se nomeando, reconhecendo a sua individualidade: Simão. É a primeira vez na narrativa que se ouve o nome do dono da casa. Até então, ele estava sendo tratado como um fariseu, o fariseu, do fariseu. Mas, Jesus se recusa a tratar com as pessoas de modo genérico, sem levar em conta quem ela é. O mesmo ele faz com Zaqueu, as pessoas não se dirigiam a ele pelo nome, mas o reconheciam com o ladrão, e Jesus ao nomeá-lo lhe devolve a dignidade de filho de Deus (cf. 19,1-10).

Simão responde prontamente: –“*Fala Mestre*”. Até o v.39, no pensamento de Simão, Jesus era tido por profeta, mas depois do acontecido, em voz alta ele o reconhece como mestre. E Jesus o é. E para que Jesus possa abordar a questão sobre o acontecido até aquele momento, de modo criativo e até sem alarde, mas bem reflexivo, o evangelista introduz uma história/parábola, dentro da história. Uma história com um fundo moral. É isso que Jesus faz nos vv. 41-42, conta uma parábola sobre um credor que perdoo a seus devedores, já que esses não tinham como pagar. Era diferente a quantia que cada um devia. Um devia mais e outro menos. Então Jesus pergunta a Simão qual dos dois amará mais ao credor. E ele, usando da lógica, responde: “*Suponho que aquele ao qual mais perdoou*” (v.43). Jesus como mestre, elogia e dá por acertada a resposta de Simão. Os outros personagens estão todos em segundo plano, o foco está em Jesus e em Simão, nesse momento de ensino e aprendizado.

Agora o foco da narrativa se amplia e ainda que de modo diferenciado apresenta os três personagens: Jesus, a mulher e Simão. Jesus continua em ação, olha para a mulher, mas dirige a palavra para Simão. E lhe diz: “*Simão: Vês esta mulher?*” (v.44). Esse detalhe é importante porque Jesus está dando a oportunidade a Simão de mudar o olhar em relação às pessoas, principalmente aquelas que para a sociedade e para o seu grupo não merecem

ser vistas. Jesus tira a mulher da invisibilidade, e o convida a vê-la como ela é, uma mulher, e não como uma pecadora.

Daí prossegue o ensinamento profundo que pode gerar conversão. Todos os gestos de acolhida e hospitalidade, tão caros aos fariseus, foram deixados de lado por Simão na acolhida de Jesus em sua casa. Jesus vai então comparar o pouco caso e pouco cuidado que Simão teve para com ele, com os muitos gestos de cuidado que a mulher lhe dispensou. Agora está fácil para Simão e todos os presentes compreenderem a parábola. Quem foi muito perdoado ama mais. Há uma reciprocidade entre o amor e o perdão, entre o perdão e o amor. E no v.47 vem então a confirmação de que Jesus desde sempre sabia que a mulher que o tocava era pecadora e conhecia os pensamentos duvidosos de Simão: *“Seus numerosos pecados lhe são perdoados”*, então, não há mais motivos para duvidar de Jesus como profeta, se era o suposto não saber de Jesus que o retirava dessa categoria.

A narrativa tem prosseguimento com Jesus reafirmando para a mulher: *“Teus pecados são perdoados”* (v.48). Os demais convidados que até esse momento estavam em terceiro plano, começam a refletir sobre a identidade e a autoridade de Jesus para perdoar pecados: *“Quem é este que até perdoa pecados?”* (v.49). E Jesus, uma vez mais, vai demonstrar o conhecimento do que se passa no íntimo de cada pessoa e despede aquela mulher de modo sublime: *“Tua fé te salvou, vai em paz”* (v.50). A mulher que havia chegado angustiada, desolada e cheia de sofrimento, sai consolada, em paz e renovada. Sobre a narrativa, Tolentino expressa:

Lc 7,36-50 relata, portanto um encontro, mas um encontro na nova perspectiva de Jesus: por um lado, a manifestação salvadora de um Deus que acolhe e reabilita quem se reconhece pecador e, por outro, o desafio a que se experimente a conversão não unicamente com um sentido escatológico, mas como uma dimensão histórica de todo o caminho crente (2018, p. 89)

Os personagens da narrativa: Jesus, o fariseu Simão e a mulher pecadora, revelam em profundidade a vivência social, marcada por separações e estereótipos. Jesus continua realizando a sua missão de buscar e salvar a todos os filhos e filhas de Deus. E quando ele não busca, elas o encontram. Na realização do seu projeto salvífico, Jesus se encontra aberto a construir

relações transformadoras, possibilitando a cada homem e a cada mulher a mudar de postura. Ele sabe acolher sem prejuízos ou preconceitos às pessoas com quem se encontra em seu caminho, seja um fariseu, que se considera justo, seja uma mulher, acabrunhada pela dor do pecado.

Ao longo da macronarrativa, o evangelista vai apresentar o modo como alguns representantes desse grupo se relacionavam com Jesus. Na maioria das vezes questionando o seu modo de ser e de proceder. Questionam a Jesus, principalmente por ele descumprir, segundo o seu entendimento, os preceitos legais do sábado, das regras de pureza ou impureza, que para eles eram tão importantes. Mas, para Jesus essas coisas são secundárias, pois é a vida e a pessoa em sua totalidade o que mais conta.

Já no início da atividade de Jesus, em Lc 5, 21, quando Jesus age em benefício de um sofredor, um paralítico, principalmente perdoando-lhe os pecados, vão considerá-lo um blasfemador. Questionam por que Jesus come na casa de Levi, come com os pecadores (cf. 5,21. 30; 6,6-11). Também estavam sempre à espreita para ver se Jesus ia realizar alguma cura em dia de sábado (cf. 6,6-7). Jesus vai ser duro com eles por causa de suas incoerências e hipocrisias (cf. 11,39-45; 18,10).

Jesus revela também a falsa justiça dos fariseus e sua relação com o dinheiro (cf. 16,1.13-15). Mas também o evangelista apresenta a Jesus se relacionando com os fariseus em refeições (cf. 7,36-37; 11,37-54; 14,1-24). Jesus vai proclamar sem medo que as prostitutas e os pecadores terão precedência no reino do céu (7,36-50; 18,9-14). No relato da paixão, os fariseus não estão presentes, em 13,31-33 têm-se os fariseus alertando a Jesus das artimanhas de Herodes.

Se a relação de Jesus com os fariseus é marcada por altos e baixos, por dúvidas e questionamentos da parte desses para com Jesus, o mesmo não acontece com os pecadores e pecadoras que se aproximam de Jesus sem reservas. Dentre os beneficiários de sua ação salvífica estão os pecadores, pessoas excluídas e marginalizadas da sociedade. Aos fariseus, Jesus vai dizer: “Os sãos não têm necessidade de médico e sim os doentes; não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento” (Lc 5,32).

A mulher pecadora simboliza a todos os pecadores e pecadoras que desde cedo reconheceram e aceitaram de bom grado a Jesus e a sua missão.

Ser pecadora é ser excluída da sociedade. É ver as possibilidades de vida digna se esgotando, principalmente quando se é mulher, que por si só já tem sua conta de exclusão na sociedade. Mas Jesus, em total coerência com o projeto anunciado na sinagoga de Nazaré, continua sua missão de libertar os oprimidos. E era assim, que aquela mulher, sem nome e invisível em sua dignidade para a sociedade, estava vivendo. Uma mulher que corre todos os riscos ao entrar naquele espaço masculino e se lançar aos pés de Jesus e sai de lá justificada e renovada.

Enquanto os pecadores se mostram dispostos a reconhecer a sua condição diante da Palavra que provém de Deus, os que se têm por justos fecham-se numa ostensiva pretensão acerca da justiça que possuem e recusam a oferta da salvação (TOLENTINO, 2018, p. 152).

Como personagens, destaca-se como figurantes, os comensais, que ao final da narrativa, após verem o ato salvífico de Jesus, realizado através do perdão oferecido à mulher questionam: “Quem é este que até perdoa pecados?” (v.49). A essa pergunta, o evangelista não se preocupa em lhes dar uma resposta já nessa narrativa porque ela faz parte de algo maior, que vem sendo desvelado pouco a pouco em toda a macronarrativa. Para a questão principal, a dúvida-negação de Simão, que versava sobre o não saber de Jesus, demonstra-se solucionada quando esse, revela-se conhecedor em profundidade não somente da questão moral da mulher, mas dos pensamentos do fariseu. Principalmente se no imaginário do fariseu Simão permeia a imagem de um tipo de profeta relacionado ao que tudo indica como um vidente (ro'eh) “um homem que conhece coisas cultas” (SICRE, 2016, p. 52).

Tendo em vista que os outros evangelhos apresentam uma cena com semelhanças e diferenças da narrativa em estudo (cf. Mc 14,3-9; Mt 26,6-13; Jo 12,1-8) muitos estudiosos questionam se se trata de um único episódio ou de episódios diferentes. Bovon é partidário de que essa narrativa é a formulação de um relato já existente e que cada evangelista utilizou segundo o seu propósito.

E para a construção lucana e revelação da identidade profética de Jesus é uma narrativa que demonstra a Jesus-profeta, conhecedor dos corações humanos, que sabe acolher com graça e generosidade os gestos de todos os

que dele se aproximam, principalmente os que estão sofrendo e assim, devolve-lhes a esperança. É o que diz Asurmendi sobre a narrativa:

Em Lc 7,39, encontramos um relato espantoso que nos faz tocar com o dedo o verdadeiro papel do profeta [...] que ideia o fariseu tem do profeta! Para ele, o profeta deve ser apenas um adivinho digno e intocável, deve contentar-se em revelar o pecado, em ser acusador das faltas dos outros, sem preocupar-se com a sorte do pecador. Para o fariseu, o profeta nada tem a ver com a conversão. Mas, o profeta que não oferece a esperança, como fruto da conversão, nada é. De fato, por seu próprio gesto, por acolher a pecadora, Jesus age como verdadeiro profeta (1988, p. 123).

Assim, após acompanhar essa narrativa, ouvir, ver o agir e sentir o pensar dos diferentes personagens, tendo em mente a dúvida-negação farisaica sobre a identidade profética de Jesus, é possível destacar que o evangelista, a partir da ação de Jesus, do conhecimento que possui sobre a realidade mais profunda das pessoas, dá a conhecer o modo de Jesus ser e agir profeticamente. O fariseu julga que Jesus não é profeta, por acreditar que desconhece a condição moral da mulher que o toca. Jesus mostra-se sabedor, não apenas da condição moral da mulher, mas dos pensamentos mais profundos de Simão.

Até este momento, analisou-se três narrativas que revelam o pensamento de personagens distintos sobre Jesus profeta: multidão, discípulos e fariseus, mas e Jesus, o que pensa sobre esse assunto? O que a autoidentificação profética de Jesus pode revelar sobre o modo de Jesus ser profeta? É o que se verá agora na análise da narrativa de Lc 13,31-33.

2.3.3 A Autoidentificação Profética de Jesus (13,31-33)

Entre os motivos usados pelo evangelista Lucas para construir e apresentar a identidade profética de Jesus está a autoidentificação. Jesus, de modo implícito, se reconhece na categoria de profeta ao comparar a sua missão e seu destino, principalmente nos aspectos, da dureza, da não aceitação que gera incompreensão, perseguição e até a morte, à missão e ao destino dos profetas (cf. 4,24).

A autoidentificação profética de Jesus está em Lc 13,31-33: “...*Não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém*”. No contexto amplo, a perícopes se encontra no período da vida de Jesus que envolve a grande

viagem dele e de seus seguidores e seguidoras, da Galileia para Jerusalém (9,51–19,27). Essa viagem tem como principal motivação apresentar a Jesus a caminho de Jerusalém, local onde se consumará o seu destino, em sintonia com o destino de grandes personalidades do Antigo Testamento, principalmente dos profetas.

É de Mc 10,1-52 de onde procede a inspiração da viagem lucana, mas ao contrário dele, Lucas dá à viagem um relevo muito importante, basta observar a quantidade de capítulos que compõem a mesma. Até esse momento, Jesus tinha desenvolvido o seu ministério na Galileia. Durante o percurso, o autor retoma por três vezes a ideia de que Jesus está a caminho de Jerusalém (9,51-13,21; 13,22-17,10; 17,11-18,14), possibilitando o não esquecimento, já que, essa viagem ocupa grande parte do terceiro Evangelho. A narrativa em estudo se encontra na segunda menção que o evangelista faz ao fato de Jesus estar se dirigindo a Jerusalém.

A perícopé, no contexto próximo, se relaciona com a perícopé que a antecede, visto que Lucas, após apresentar o seu entendimento sobre a necessidade da conversão, a partir da metáfora da porta estreita, inicia a perícopé dizendo: “Na mesma hora”, ou seja, enquanto Jesus falava ainda no v.30, quando outros personagens aparecem no v.31. Mas, por causa da presença destes personagens e da mudança temática, é possível indicar o início da perícopé no v.31: “Naquela mesma hora, aproximaram-se alguns fariseus, que lhe disseram: ‘Parte e vai-te daqui, porque Herodes quer te matar”.

A finalização não é tão simples de se definir, visto que, algumas traduções da Bíblia apresentam a delimitação da perícopé abrangendo os vv. 31-35 e outras apenas os vv.31-33. Mas é importante reconhecer que há uma ligação muito forte entre a parte que trata das más intenções de Herodes (13,31-33), com as lamentações sobre Jerusalém (vv.34-35). Jerusalém e a conotação de sentido que apresenta nos dois textos se complementam.

A Bíblia de Jerusalém faz uma separação entre os textos 13,31-33 e 13,34-35, já a Bíblia, Novo Testamento, assim, como alguns autores apresentam o texto como uma unidade. A primeira unidade (vv.31-33) se caracteriza como um apotegma bibliográfico e a segunda (vv.34-35) como um oráculo de juízo sobre Jerusalém. Por isso, mesmo reconhecendo a ligação

entre as duas unidades, para a análise e estudo aqui, será considerada a primeira unidade 13,31-33. Assim, o final da narrativa é marcado no v.33, com o reconhecimento de Jesus profeta: “Mas, hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém”.

No episódio, o evangelista revela, pela boca de alguns fariseus, as más intenções de Herodes, tetrarca da Galileia, que já havia mandado prender e matar a João Batista. A narrativa revela, pela boca do próprio Jesus, a consciência que ele tem sobre o seu destino, que deve se concretizar em Jerusalém, e nem Herodes pode interromper o percurso de sua vida, pois esse faz parte do desígnio de Deus. Detalhando melhor a narrativa, tem-se:

A: alerta dos fariseus a Jesus sobre as más intenções de Herodes: “...Parte e vai-te daqui, porque Herodes quer te matar” (v.31b)

B: Resposta de Jesus a Herodes por intermédio dos fariseus: “Ide dizer a essa raposa: Eis que eu expulso demônios e realizo curas hoje e amanhã e no terceiro dia terei consumado” (v.32)

A’: Declaração solene de Jesus sobre a sua missão e o seu destino: “Mas hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém”

A estrutura concêntrica demonstra ilumina o entendimento da mensagem que o autor revela para a sua comunidade e para as comunidades cristãs no hoje da sociedade humana. A narrativa começa no v. 31 com o narrador apresentando a chegada de alguns fariseus alertando a Jesus sobre as más intenções de Herodes, indicando que ele fuja daquele local para não ser morto por Herodes: “*Parte e vai-te daqui, porque Herodes quer te matar*”. Quer matar como já fizera com João Batista (cf. 9,9). A intenção até parece boa, mas será isso mesmo? É por apreço à pessoa de Jesus que esses fariseus fazem este alerta ou tem outras motivações?

A relação dos fariseus com Jesus, ao longo da macronarrativa, é marcada de altos e baixos, de questionamentos, hostilidades e dúvidas, apesar de que em alguns momentos eles tenham compartilhado a mesa com Jesus. Importante é que agora esse grupo chega a Jesus para alertá-lo. Bovon afirma que o “farisaísmo constitui em Lucas, uma força do judaísmo interessada em

Jesus, às vezes hostil, muitas vezes crítica, mas nunca fechados ao Evangelho”²⁴ (1987a, p. 544).

Na relação com os fariseus, o evangelista destaca com segurança e profundidade a pessoa de Jesus e o seu modo de ser e de agir no mundo. Eles estão presentes no período da Galileia e da viagem para Jerusalém (cf.5,17, primeira aparição, e 19,39, última), no período da paixão eles estão ausentes.

O centro da narrativa traz a resposta de Jesus aos fariseus: “Ide dizer a essa raposa: Eis que eu expulso demônios e realizo curas hoje e amanhã e no terceiro dia terei consumado” (v.32) demonstra e reafirma que a sua missão, sua pessoa e o seu destino não estão normatizados e nem ditados por nenhuma força humana, nem mesmo por Herodes como representante do poder político, porque é somente Deus quem tem a primazia por sua vida e por seu destino.

Ele deve prosseguir o seu caminho, quando ele mesmo decidir e não por causa da alerta que os fariseus lhes fazem e muito menos por medo a Herodes (v.31-32), por isso diz com força e determinação: “Mas, hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém” (v.33b). O destino de Jesus profeta se consumará em Jerusalém, como diz Fitzmyer “Jesus não será executado em Jerusalém, mas pelas mãos de Jerusalém”²⁵ (1987, p. 565). Isso expressa o verdadeiro sentido da narrativa. É Jerusalém que recusa a última chance de ser salva, de acolher a boa nova da salvação trazida e oferecida por Jesus. Jerusalém a cidade santa, não reconhece o santo, o enviado de Deus, o profeta.

Nos vv. 32-33, tem-se a resposta/declaração de Jesus. Essas declarações estão organizadas paralelamente, como se vê:

v.32: “Realizo curas Hoje, amanhã e no terceiro dia terei consumado”

v.33: “Mas, hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir meu caminho”

Esse paralelismo marcado pelas indicações de tempo (hoje, amanhã, depois de amanhã, terceiro dia) revela em profundidade que a missão de Jesus

²⁴El fariseísmo contituye, en Lucas una fuerza del judaísmo, interesada por Jesús, a veces hostil, a menudo crítica, pero nunca cerada definitivamente al Evangelio

²⁵«Jesús no sólo será ejecutado en Jerusalén, sino por mano de Jerusalén»

e o seu peregrinar não estão e nunca estiveram condicionadas pela pessoa de Herodes e nem por suas tramas de morte. Ele não pode parar o seu percurso, o seu peregrinar até o centro de consumação de seu destino, que é Jerusalém. Jesus é consciente de que falta pouco tempo para a concretização de seu ministério

A apresentação que o autor faz da divisão em dias: hoje e amanhã simbolizam a completude, a duração total. Ele continuará realizando a sua missão fazendo exorcismos e curas e segundo Bovon (2002, p. 547) o cumprimento de seu ministério durará o tempo que tiver que durar. A referência aos três dias ressaltados na declaração de Jesus pode ser facilmente compreendida e lida na ótica apresentada pelo evangelista, dos três períodos da vida de Jesus.

No v. 32, o cumprimento do ministério de Jesus é marcado pela vida, enquanto no v. 33 esse cumprimento é marcado por sua morte em Jerusalém. Mas, antes dessa realização plena, Jesus deve prosseguir seu caminho. O prosseguir caminho para Lucas tem um sentido profundo porque expressa que o plano de Deus é um plano orientado para a vida e para a salvação humana na história. Assim, o seu ministério profético cumpre perfeitamente os três dias, antes de finalizar com a sua morte. Bovon em seu estudo diz que: “Se Jesus tem que morrer em Jerusalém, é porque cumpre fielmente a sua missão profética”²⁶ (2002, p. 550).

Até esse momento, o evangelista tinha apresentado a ação de Jesus profeta em favor do povo, principalmente dos mais sofridos, apresentou a reação dos diferentes interlocutores diante do seu agir profético, e agora apresenta com muita força e veemência que a incompreensão e a não aceitação da pessoa de Jesus, de suas palavras e de suas ações levam a consequências graves, leva à morte.

E para a temática em estudo, destaca-se a Jesus-profeta que não foge do seu destino, e leva até às últimas consequências em coerência e confiança. Jesus profeta tem a vida e a missão guiada unicamente pelo Deus da vida. Não foi fácil para Jesus, para a comunidade dos primeiros seguidores e seguidoras dele que “desejosos de recordar este episódio, o destino de Jesus se abre à

²⁶ Por tanto, si Jesús tiene que morir en Jerusalem, es porque cumple fielmente su misión profética.

dimensões da história da Salvação com os temas do envio do profeta, de seu ministério e sua repulsa²⁷ (BOVON, 2020, p. 540).

Após adentrar profundamente nas quatro narrativas é possível destacar que a análise das mesmas possibilitou compreender o modo de Jesus ser profeta e reconhecer as atitudes importantes que ele revela como profeta. Atitudes que são verdadeiras novidades em relação às características dos antigos profetas.

Jesus-profeta é movido pela compaixão, pelo sentir com o outro/a, a ponto de se comover e assim, atuar transformando a dor e o pranto, em vida e alegria. Jesus-profeta é acolhida amorosa, generosa, aberta e sem preconceito, a todas as pessoas que dele se aproximam, que o buscam como a última esperança, principalmente as que se encontram acabrunhadas pelo peso da dor e da exclusão. Jesus é também o profeta do anúncio da salvação aos pecadores e da denúncia dos enganos e dos maus juízos dos ditos justos de plantão. Tudo isso, feito de modo sereno e tranquilo. É um profeta conhecedor dos pensamentos e do coração humano, e que continua acreditando no ser humano, dando-lhe oportunidade de se conectar com a verdade que ele traz e oferece.

E é profeta presente no caminho, e nesse caminho, ele se encontra com pessoas diversas e situações diversas também. No caminho ele escuta a vida e também ensina, abrindo a mente e o coração para as coisas de Deus e da vida. Jesus é profeta coerente com a sua vida, a sua missão e o seu destino. Vai até o fim naquilo que acredita ser a vontade de Deus. E Jesus-profeta deseja fazer caminho com cada homem e com cada mulher no hoje da história humana

SÍNTESE CONCLUSIVA

O exame minucioso do modo lucano de construir e apresentar para a sua comunidade a identidade profética de Jesus, revelou que esta construção está assentada na tradição bíblica judaica e nas promessas que alimentaram e guiaram o povo de Israel em seu peregrinar pela história. Revelou também que

²⁷Para los cristianos, deseosos de recordar este episodio, el destino de Jesús de abre a las dimensiones de la historia de la salvación, con los temas del envio del profeta, de su ministerio e de su repulsa.

a profundidade do ser profeta de Jesus, encontra-se em total sintonia com a revelação de sua identidade pessoal, filial e messiânica.

Sobre o tipo de profeta que o evangelista considera e adota em sua macronarrativa, é possível destacar a partir do que foi estudado e examinado, que para Lucas, Jesus-profeta, é o profeta esperado para os últimos tempos, ou seja, é o profeta escatológico, atuando no hoje da vida humana e da sociedade. Pois, todas as esperas e expectativas do povo de Israel na vinda de um profeta como Moisés (cf. Dt 18,15) ou na volta de Elias redivivo (cf. Mt 3,22-23), concretizam-se em Jesus. Com Jesus profeta não há mais razão para esperar, por isso, o povo pôde aclamar que um grande profeta surgiu entre ele. Os profetas antigos (Moisés e Elias) saem de cena e dão espaço, não somente a Jesus-profeta, mas principalmente ao Filho, o Eleito a quem toda a humanidade deve ouvir, pois é ele quem de agora em diante se encontra apto para conduzir o novo povo messiânico à vida em plenitude.

As narrativas analisadas revelaram muito do modo como o evangelista construiu a identidade profética de Jesus, que foi entre afirmações, dúvida-negação e autoidentificação, partindo de todas as classes de pessoas e situações. Nas quatro narrativas analisadas é possível detectar que há uma profunda ligação entre elas, demonstrando assim, que o evangelista soube interligar, do início ao fim de sua construção a identidade profética de Jesus.

E entre afirmações, dúvida-negação e autoidentificação, Lucas revelou o modo próprio de Jesus agir e reagir profeticamente diante das situações concretas que afetam a vida humana. Não tem hora e dia marcados para ser profeta, é sempre quando a situação pede uma resposta e uma atuação profética. Assim, destaca-se que são as realidades e as situações concretas que instigaram o agir profético de Jesus, seja uma situação de morte, de exclusão ou de incompreensão. E se o seu modo profético de atuar, gerar além da incompreensão, a perseguição e até a morte, ele não desiste, mas segue adiante confiando plenamente naquele que é o único autor/responsável por sua vida e sua missão, o Pai.

Assim, Lucas ao construir e oferecer para a sua comunidade a identidade profética de Jesus, não parte de ideias imaginadas em sua cabeça, mas parte da vida de uma pessoa concreta, Jesus de Nazaré, de tudo que a tradição oral falou e a tradição escrita escreveu sobre ele. Por isso, conclui-se

dizendo que o movimento e o dinamismo detectado pelo exame minucioso da construção lucana da identidade profética de Jesus sugere o percurso: da vida concreta de Jesus de Nazaré como profeta, para as letras do terceiro Evangelho e assim, para a vida concreta de cada seguidor e seguidora no hoje da sociedade.

Assim, tem-se a revelação de Jesus profeta na dinâmica narrativa do terceiro Evangelho, o que possibilita dar o passo seguinte, que é a apresentação reflexiva, a partir dos principais elementos fornecidos pelas narrativas analisadas, sobre o modo próprio de Jesus e proceder.

3 O MODO PRÓPRIO DE JESUS PROFETA SER E PROCEDER SEGUNDO A DINÂMICA NARRATIVA LUCANA

O percurso trilhado até este momento possibilitou reconhecer de forma serena, tranquila e profunda o modo como o evangelista Lucas apresentou para a sua comunidade a pessoa de Jesus como profeta. Como construiu a sua identidade profética levando em consideração todas as esperas e as expectativas que alimentavam o povo de Israel em sua caminhada como povo eleito. Além de possibilitar através das narrativas exclusivas do terceiro Evangelho o reconhecimento do modo próprio de Jesus ser e atuar como profeta na realização do seu projeto salvífico.

Sendo assim, este capítulo se propõe a apresentar refletidamente o modo próprio de Jesus profeta Ser e Proceder, segundo os elementos fornecidos pela dinâmica narrativa do terceiro Evangelho. Esses elementos foram revelados pelas narrativas analisadas, já que elas apresentaram a Jesus profeta em ação, dando a conhecer o seu modo de atuar, as escolhas/opções que fez e às pessoas a quem a sua ação se destinou de modo preferencial.

E o que a dinâmica narrativa do terceiro Evangelho revelou sobre Jesus profeta? Quais são os principais elementos que, destacados, possibilitam realizar a reflexão sobre o modo próprio de Jesus ser e proceder como profeta? Os elementos que serão refletidos passo a passo são: a realidade como instigadora do agir profético de Jesus; as características que revelam em profundidade o ser de Jesus profeta e as atitudes internas que se exteriorizam no agir profético de Jesus.

A realidade como instigadora do agir profético de Jesus demonstra como esse se inseriu por inteiro no tempo e num povo que tem uma cultura e uma realidade concreta, e deixou-se tocar profundamente pelas situações que afetavam a vida das pessoas, principalmente das mais sofridas e marginalizadas. E dentre tantas realidades nas quais, Jesus profeta pôde exercer o seu ministério profético, algumas se destacaram nas narrativas analisadas, são elas: a realidade das mulheres, dos discípulos e do próprio Jesus. Cada uma dessas realidades apresentam situações específicas que serão levadas em conta no processo de reflexão.

Depois, tem-se o reconhecimento de que o ser e o proceder de Jesus profeta se encontram em perfeita harmonia com o seu ser profundo de Messias e Salvador. Por isso, destaca-se como características profundas e reveladoras da sua identidade, o messianismo e a salvação. E mesmo reconhecendo que não há separação entre quem Jesus é como profeta e como atua profeticamente, mas ao contrário, há harmonia e muita coerência, destacam-se algumas atitudes que são profundamente reveladoras do seu modo de proceder junto às pessoas com quem se encontrava em seu próprio caminho, que são: a compaixão, a acolhida e a presença.

Então, propõe-se para este capítulo o seguinte percurso: iniciar apresentando a reflexão sobre como a realidade concreta instigou o agir profético de Jesus, em seguida, dá-se atenção às características pessoais de Jesus reveladas a partir do seu ser profeta e finalizando a apresentação com a reflexão sobre as atitudes internas que Jesus profeta deixa transparecer a partir do seu proceder.

Assim, inicia-se o processo reflexivo sobre Jesus profeta a partir da realidade concreta como instigadora do seu agir profético. Dentro deste ponto será abordada a realidade de três figuras/personagens históricos: a mulher, os discípulos e Jesus profeta, em suas situações concretas.

3.1 A REALIDADE CONCRETA COMO INSTIGADORA DO AGIR PROFÉTICO

As narrativas analisadas na segunda parte deste trabalho revelaram que não existe dia e nem hora marcados para Jesus, ser e proceder profeticamente. Ele atuou como profeta sempre que a realidade e as situações concretas, assim, pediam e instigavam, quer fosse uma situação de morte física, numa refeição na casa de um fariseu, no caminho para Jerusalém ou no caminho para o povoado de Emaús. A realidade concreta do tempo de Jesus, no tocante aos principais beneficiários de sua ação salvífica, segundo o que o evangelista revelou em sua macronarrativa, é uma realidade que não se distingue muito da realidade concreta do hoje. Pois, os pobres são cada vez mais numerosos no hoje.

Os pobres não faltam no mundo de hoje e não há previsão de que o atual sistema possa solucionar a questão. Cada época fabrica os seus pobres. Na atualidade, pobres são, em primeiro lugar, todos aqueles que não conseguem entrar na economia globalizada. Eles não têm qualificações necessárias para entrar no sistema e não conseguem estabelecer as relações sociais que lhes abririam todas as portas. São rejeitados, excluídos. Estão em todos os continentes- ainda que de forma desigual. Para sobreviver, inventam mil expedientes- que nunca lhes permitem ter uma vida normal (COMBLIN, 2008, p. 262).

E Jesus em sua missão profética pelo mundo, deixou-se tocar profundamente pela realidade e pelas situações concretas que afetavam a vida das pessoas, no momento concreto em que lhes tocava viver. Dentre tantas realidades e situações que afligiam a vida humana, no tempo de Jesus, e que ainda são bem presentes no hoje, as narrativas analisadas, dão destaque a algumas, são elas: a realidade das mulheres na situação de sofrimento, exclusão e marginalização, a realidade dos discípulos na situação de desânimo e desesperança diante da incompreensível morte de Jesus na cruz e a realidade pessoal do próprio Jesus na situação de incompreensão e perseguição em relação à sua pessoa e a sua missão. Assim, pergunta-se: como Jesus profeta se deixou afetar pela realidade das mulheres? O que a dinâmica narrativa lucana revelou?

3.1.1 A Realidade das Mulheres na Situação de Sofrimento, Exclusão e Marginalização.

A narrativa evangélica vai deixar transparecer ao longo do seu percurso narrativo a presença das mulheres nas mais variadas situações. Situações que revelam em profundidade e clareza a realidade concreta dessas na sociedade do tempo de Jesus, mas que ainda refletem a realidade das mulheres no hoje da sociedade humana. Por isso, é muito significativo acompanhar de modo reflexivo e contemplativamente a ação/atuação de Jesus profeta na realidade concreta das mulheres. O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* expressa o reconhecimento do papel da mulher na Igreja e na sociedade, mas também reconhece que ainda se tem muito caminho a andar para que de fato, haja uma valorização mais plena (EG 103-104).

A realidade da mulher judia no tempo de Jesus era profundamente marcada e determinada pela cultura patriarcal. A mulher desde que nascia era considerada parte dos bens do homem, como bem especifica o Decálogo: “Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo” (Ex 20,17). A mulher não tinha, assim, autonomia, já que, enquanto solteira pertencia ao pai, quando casada ao marido e se viúva, aos filhos. Ela não era reconhecida em sua dignidade humana como pessoa e mulher.

As mulheres judias, privadas de autonomia, servas de seu próprio marido, reclusas no interior da casa, sempre suspeitas de impureza ritual, discriminadas religiosa e juridicamente, constituíam na Galileia dos anos 30 um setor profundamente marginalizado na sociedade judaica (PAGOLA, 2019, p. 151).

Em todas as dimensões que tocavam a vida humana no seu florescimento e desenvolvimento pessoal, social, econômico e religioso às mulheres eram infligidas restrições que dificultavam e muito a sua vida plena e abundante. No aspecto social a mulher tinha a sua vida ordenada para a vivência dentro da casa, no cuidado da família; no aspecto econômico, a mulher não dispunha do necessário para se sustentar economicamente por si própria; no aspecto religioso era vista como uma fonte de impurezas, devido a condição biológica da menstruação. E tudo o que ela tocasse, enquanto estivesse no período menstrual ficava igualmente impuro. E na vivência concreta do dia a dia, esses aspectos não se encontram separados, mas fazem parte de um todo que compõe a realidade. Uma realidade que traz peso, sofrimento, exclusão e marginalização.

Mas, olhando para o terceiro Evangelho em sua globalidade é possível perceber que do início ao fim de sua narrativa a presença das mulheres vai ser ressaltada, não somente como presença passiva, mas ativa. Serão elas, as primeiras a reconhecerem a identidade profunda de Jesus profeta, o Messias prometido e a salvação na história.

A começar por Maria, a jovem a quem o enviado divino leva a notícia da concepção do Filho de Deus. A narrativa deixa transparecer os pensamentos profundos desta mulher, que após ouvir o anúncio feito pelo anjo Gabriel reflete

sobre o significado daquela mensagem. E depois, desejando compreender mais e melhor, questiona: “Como é que vai ser isso, se não conheço homem algum?” (1,34). Somente após o esclarecimento necessário é que, ela em sua liberdade e disponibilidade diz Sim: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (1,38).

Logo após esse episódio, tem-se outra figura feminina, Isabel, que exclama o primeiro reconhecimento da natureza divina da criança que habita no ventre de Maria: “Donde me vem que mãe do meu Senhor me visite?” (1,43). Esse reconhecimento parte justamente por causa da alegria que encheu o ser de Isabel a da criança que estava esperando. Tem-se depois a pessoa de Ana, uma profetisa que dia e noite estava no templo e não perde a oportunidade de anunciar a todas as pessoas que viviam em espera pela restauração/libertação de Jerusalém que este dia chegara (2,36-38). Ao final da narrativa, as primeiras testemunhas e anunciadoras do Ressuscitado serão justamente as mulheres (24 1-10). Ou seja, do início ao final da macronarrativa lucana as mulheres desempenham um papel importante no reconhecimento, acolhida e anúncio de Jesus, o Messias do Pai, o Salvador. Por que isso acontece assim? O que o evangelista deseja comunicar para a sua comunidade?

Num sistema que negava totalmente à mulher o papel de testemunha em qualquer julgamento ou comprovação, Deus em sua providência elegeu várias mulheres como primeiras testemunhas do fato fundamental da vida de Jesus e do cristianismo: a ressurreição (MORACHO, 1994, p. 34).

As mulheres fazem parte dos beneficiários da missão profética, messiânica e salvífica de Jesus. Isto porque Jesus profeta sabe e sente que não dá para compactuar com uma realidade e com situações em que a vida humana, seja ela do homem, da mulher, da criança e dos idosos não seja respeitada e valorizada em sua dignidade e plenitude. Jesus profeta com sua atuação junto às mulheres causa uma verdadeira revolução no modo de se entender e viver as relações humanas.

As mulheres são, pois, parte integrante e principal da visão e da missão messiânica de Jesus, e nela aparecem como as mais oprimidas entre os oprimidos. Elas são o escalão mais baixo da escala social, sendo vistas, portanto, como os últimos que serão os primeiros no Reino de Deus. Carregam sobre seus ombros a dupla

opressão social e cultural, classista e sexista. Por isso, são destinatárias privilegiadas do anúncio e da práxis libertadora de Jesus. Por isso também a resposta que dão essas oprimidas e discriminadas à proposta messiânica é tão rápida e radical. Por estar situadas na base da rede de relações sociais de sua época, suportando o peso de suas contradições, as mulheres são as que maior razão e melhores condições têm para desejar e lutar pela não-perpetuação do status quo que as oprime e escraviza (BINGEMER, 2015, p. 48).

Por isso, não será estranho ver a Jesus em profunda relação de amizade com as mulheres (Marta, Maria, Maria Madalena); curando-as de suas enfermidades e possessões (Maria Madalena, a sogra de Pedro, a hemorroíssa); acolhendo os bens que elas dispunham em favor da missão (Joana, Susana e outras tantas), deixando-se tocar por elas (mulher pecadora), tocando-as e devolvendo-lhes a vida e a dignidade (jovem Talita, a viúva de Naim), surpreendendo-se com sua generosidade (a viúva que oferta tudo que tem para viver).

Em todos os momentos e situações ele vai reconhecer e valorizar a dignidade da mulher pelo que ela é uma pessoa, uma filha de Deus. E para Jesus profeta nenhuma pessoa passa despercebida. A mulher que padece há doze anos com fluxo de sangue acredita que se tocar apenas nas vestes de Jesus ela ficará curada. E acredita mais, que o seu gesto não será notado devido a presença da multidão que cercava a Jesus. Mas, não é assim, que acontece porque para Jesus profeta nenhuma pessoa passa despercebida. Ele sente e busca pela pessoa que o tocou. Ela percebe que foi descoberta e tremendo, apresenta-se. O foco da atenção está voltado para essa mulher, a quem Jesus lhe dirige uma palavra confortadora e sanadora: “Minha filha tua fé te salvou; vai em paz” (8,48). Essa mulher, que há doze anos não sabia o que era viver com dignidade, pois vivia num estado de impureza interminável, causando-lhe sofrimento e exclusão e que chegou até Jesus profeta às escondidas e com medo volta para casa em paz e renovada.

Por vários momentos e situações é possível ver a Jesus demonstrando o seu apreço pelas mulheres. E em duas, das quatro narrativas analisadas na segunda parte, tem-se a pessoa da mulher como a principal instigadora e beneficiária da ação profética de Jesus de Nazaré. A presença delas é de fundamental importância para o desenvolvimento da narrativa. São elas: a narrativa da ressurreição do filho da viúva de Naim (7,11-17) e da mulher

pecadora (7,36-50). Na primeira narrativa, tem-se uma mulher, viúva e mãe de um único filho que está morto, prestes a ser sepultado. Na segunda, tem-se a presença de uma mulher conhecida na cidade como pecadora.

Nos dois episódios narrados, a mulher não tem voz e isso reflete a cotidianidade da vida da mulher na sociedade patriarcal, em que a voz e a vontade predominante são exclusivamente masculinas. A mulher, como tantas outras pessoas, tais como: os pobres, as crianças, os enfermos, os pecadores etc. fazia parte da classe não valorizada na sociedade. A ela era negado o direito às escolhas, ao estudo da Lei, a ser discípula de um mestre. A ela lhe cabia o papel de ser esposa e mãe, e de preferência de filhos, pois dar à luz a uma filha era sinal de que as orações da mãe não foram atendidas.

A mulher, no judaísmo do tempo de Jesus, era considerada social e religiosamente inferior. A tríplice oração judia característica do rabinismo do século II vai refletir a mentalidade que já desde a época de Jesus é vigente no judaísmo: a oração com a qual o judeu piedoso dava graças a Deus todos os dias por três coisas: por não haver nascido gentio, nem ignorante da lei, nem mulher (BINGEMER, 2015, p. 46-47).

Nas narrativas em questão, as duas mulheres se encontram desoladas e chorosas. Uma pela morte do filho único, com quem vê morrer também a sua dignidade como mãe e como mulher. A outra por causa do peso moral e da exclusão social e religiosa que carrega sobre os ombros. As duas mulheres, em nenhuma das narrativas expressam verbalmente para Jesus as suas angústias, mas as transmitem numa linguagem que supera todas as palavras, a linguagem corporal.

Na narrativa da ressurreição do filho da viúva de Naim, Jesus-profeta dirige o olhar para a mulher e vê além do que ela apresenta naquele momento, sofrimento pela perda do filho. Ele vê tudo o que ela ainda ia sofrer. Ele vê e sente com ela. E sem que ela lhe peça alguma, Jesus age. Age primeiramente consolando-a: “Não chores”, depois age ressuscitando ao jovem e entregando-o à mulher. Ela continuará sendo a viúva de Naim, mas não será a mãe de um filho morto, mas de um filho ressuscitado, plenamente vivo.

Já na narrativa da mulher pecadora, é ela quem primeiramente fixa o olhar em Jesus, ela se dirige até ele que se encontra recostado à mesa na casa do fariseu Simão, lança-se a seus pés lava-os com as lágrimas e seca-os

com os cabelos, e os beija. Jesus-profeta também vê a mulher, sente e acolhe os seus gestos. Ele motiva o fariseu Simão também a vê-la, por isso lhe diz: “Vês esta mulher?”. É uma pessoa que está ali na frente dos presentes. É uma mulher. Jesus tratava e valorizava as pessoas como as pessoas que eram. Com certeza essa mulher como tantas outras nunca tinha estado tão próxima de um profeta e menos ainda tinha sido acolhida por um.

Sem dúvida as mulheres veem em Jesus uma atitude diferente. Nunca ouvem de seus lábios expressões depreciativas tão frequentes mais tarde nos rabinos. Nunca ouvem dele nenhuma exortação a viver submissas a seus esposos nem ao sistema patriarcal. Não há em Jesus animosidade nem precaução alguma diante delas. Somete respeito, compaixão e uma simpatia desconhecida (PAGOLA, 2010, p. 262).

Duas mulheres que representam a imensidão de mulheres sofridas, excluídas e marginalizadas de todos os tempos, pois em nenhum tempo, foi ou é fácil ser mulher. Na realidade das mulheres, Jesus profeta atua anunciando e denunciando. Anuncia para elas, o reconhecimento e a valorização de sua dignidade humana. E deixa claro, através do seu modo de atuar e de ser, que numa comunidade que o tenha como fundamento não pode haver separação e nem privilégios de uns sobre os outros, mas que todos são bem vindos e todas são bem vindas. Basta de uma sociedade marcada pela vontade e pelas regras ditadas pelo desejo masculino e patriarcal.

Com isso, ele denuncia aqueles que se firmam no poder e na divisão de classe na sociedade. Aqueles que causam e apoiam a exclusão e a marginalização. E afirma que esses estão longe da vontade e do projeto Divino. Mas não é somente o anúncio e a denúncia que Jesus profeta proporciona ao atuar diretamente na realidade das mulheres, mas uma grande novidade, a de ser o profeta que tem mulheres no seu círculo de seguidores, e como afirma Pagola:

Grande parte dos pobres que cercavam Jesus eram mulheres; privadas do apoio de um varão, elas eram sem dúvida as mais vulneráveis. Por outro lado, ser mulher naquela sociedade patriarcal significa estar destinada a viver num estado de inferioridade e submissão aos varões. É isto que quer esse Deus compassivo do qual Jesus fala? Como Jesus as vê e as sente? A primeira coisa que surpreende é vê-lo cercado de tantas mulheres: amigas íntimas como Maria, oriunda de Magdala; as irmãs Marta e Maria, vizinhas de Betânia, que ele tanto amava; mulheres enfermas como a hemorroíssa ou pagãs como a siro-fenícia; prostitutas desprezadas

por todos ou seguidoras fiéis, como Salomé e outras muitas que o acompanharam até Jerusalém e não o abandonaram nem mesmo no momento da execução. De nenhum profeta de Israel se diz algo parecido (2010, p. 255).

Mesmo havendo muitos anos de distância entre a realidade da mulher no tempo de Jesus e a realidade das mulheres no hoje da sociedade humana, constata-se que muitas coisas ainda não mudaram. Sobre as mulheres ainda caem o peso da exclusão e da marginalização. Pois, ainda se tem uma sociedade marcada pelo patriarcalismo e machismo. A elas, ainda são negados os direitos igualitários no mercado de trabalho, na política e na religião. A violência se alastra sobre a vida das mulheres, principalmente das mais pobres e pretas. O Papa Francisco é sensível a esta dura realidade de exclusão e marginalização a que as mulheres são submetidas.

A organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens. As palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra (FRATELLI TUTTI, 2020, n 23, p. 21).

O hoje da atuação profética de Jesus continua aberto a todo aquele e aquela, que como ele acredita e deseja uma sociedade com mais igualdade e respeito a todas as vidas. Mas não foi somente a realidade das mulheres que instigou o agir profético de Jesus, mas a realidade dos discípulos, na situação de desânimo e desesperança diante da morte de Jesus na cruz. O que essa realidade revela sobre o modo de ser e de proceder de Jesus profeta?

3.1.2 A Realidade dos Discípulos na Situação de Desânimo e Desesperança

Os discípulos são aqueles que, chamados por Jesus acolheram esse chamado e o seguiram de perto, participando assim de sua vida e de sua missão. A narrativa dos discípulos de Emaús que foi analisada na segunda parte deste trabalho revelou o modo como esses se encontravam abatidos e desorientados por causa da morte de Jesus na cruz. Encontravam-se incapazes de reconhecer a Jesus ressuscitado que se pôs a caminhar com eles.

Eles tomam a decisão de se afastar de Jerusalém e se dirigem ao povoado de Emaús. Mas, por mais que tenham tomado essa decisão de se afastar do local (Jerusalém) que no momento simboliza dor e tristeza,

desejando talvez deixar para trás os últimos acontecimentos, não conseguem esquecer. Vão pelo caminho conversando sobre tudo que aconteceu em Jerusalém.

Muitas vezes diante das situações que causam incompreensão e dor, a pessoa sente o desejo de abandonar aquela realidade, escapar para o mais longe possível, acreditando que tudo ficará para trás, mas nem sempre é possível esquecer e deixar para trás. Casalegno ilumina o entendimento na necessidade que os discípulos têm de se afastar da comunidade quando declara: “Seu afastamento de Jerusalém é, pois, simbólico: é sinal da falta de fé, de abandono da comunidade, da procura solitária do sentido dos desafios da vida” (2003, p. 194).

É muito significativo refletir sobre Jesus profeta atuando numa realidade em que seus discípulos, aqueles que deveriam estar preparados para o desfecho da sua vida e da sua missão, já que ao longo do percurso que trilharam com Jesus profeta, esse foi indicando que este destino seria possível e até preciso. Além de que os discípulos devem ter presenciado os muitos embates entre seu mestre e os diferentes grupos e poderes. Mas, eles não estavam preparados para acolher o duro golpe da morte do seu mestre e amigo na cruz. Isso revela que ninguém está pronto e nem imune à dor e ao sofrimento que causa desolação, desânimo e às vezes desesperança.

A situação dos discípulos está bem descrita desde o começo e reflete um estado de ânimo no qual podemos encontrar-nos também nós hoje. Os discípulos têm aparentemente tudo o que é necessário para crer. Conhecem os escritos do Antigo Testamento, a mensagem de Jesus, sua atuação e sua morte na cruz. Ouviram também a mensagem da ressurreição. As mulheres lhes comunicaram sua experiência e lhes anunciaram que Ele “está vivo”. Tudo é inútil. Eles continuam seu caminho, envoltos em tristeza e desânimo. Todas as esperanças postas em Jesus desvaneceram-se com o fracasso da cruz (PAGOLA, 2012, p. 3580).

Na situação de desânimo e desesperança na qual os discípulos se encontravam, Jesus profeta atua primeiramente colocando-se ao seu lado, caminhando com eles, e instigando-os a falar. Para que expressem toda a dor e a frustração que os habita naquele momento. E que são tão intensas que turvam os olhos e a mente e esfria o coração de tal forma que eles não reconhecem a Jesus, seu mestre, o profeta poderoso em palavras e obras que se pôs a caminhar com eles. Jesus profeta lhe dirige uma palavra

questionando: “Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?” (24,17). Como se encontravam internamente se transparenta em seu semblante: “Eles pararam, como o rosto sombrio”. E como não estar assim depois de tudo que viveram e sentiram nesses dias em Jerusalém? Dias que tinha tudo para ser de triunfo e de glória, já que em sua mente e no seu coração ainda deveriam ressoar a entrada solene de Jesus em Jerusalém (19,28-38), mas que finaliza de modo inesperado.

Em sua mente e no seu coração estava firmada a ideia de que Jesus, o profeta poderoso poderia também ser o Messias prometido, aquele que libertaria/redimiria a Israel, por isso, respondem com pesar. Jesus profeta oferece o ouvido que escuta não somente as palavras verbalizadas, mas todo o ser e o sentir dos discípulos.

Nós esperávamos que fosse ele quem redimiria a Israel; mas, com tudo isso, faz três dias que todas essas coisas aconteceram! É verdade que algumas mulheres, que são dos nossos, nos assustaram. Tendo ido cedo ao túmulo e não tendo encontrado o corpo, voltaram dizendo que haviam tido uma visão de anjos e declararam que ele está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas tais quais as mulheres haviam dito; mas não o viram! (24,21-14).

Ao longo do terceiro Evangelho, o evangelista dá, a saber, que por três vezes Jesus anunciou a sua paixão, mas parece que eles não entendiam ou não aceitavam um messias sofredor. É bem verdade que em alguns momentos enquanto Jesus falava sobre a sua paixão, os discípulos se encontravam discutindo outras coisas, como por exemplo, quem seria o maior (22,24-28), pois não é fácil assumir um estilo de vida que passa pelo serviço e pela dor ao invés do poder. Comblin reforça o entendimento de que os discípulos de algum modo não conseguiam captar a mensagem proferida por Jesus sobre a sua identidade profunda: “Sempre houve entre ele e seus discípulos uma área de incomunicabilidade. Jesus não conseguiu levar seus discípulos a compreenderem o aspecto mais desconcertante de sua missão, essa marcha tão precipitada para a morte” (2010, p. 24).

A situação de desesperança e desolação era tão grande que nada e nem ninguém conseguiu abrir o entendimento desses discípulos, nem as mulheres que contaram o que tinha acontecido cedinho, quando encontraram o túmulo vazio e nem os outros discípulos que confirmam o que as mulheres já

havia dito. Assim, ao longo do percurso, Jesus profeta explicou uma vez mais para os seus discípulos, através das Escrituras como deveria ser o seu messianismo.

Após a escuta atenta dos discípulos, Jesus lhes dirige uma palavra capaz de ultrapassar as barreiras da desolação e da desesperança e atingir o coração, o lugar do sentir. Tomando as Escrituras ele lhes fala e o texto diz que enquanto Jesus falava eles sentiam o coração arder/aquecer. Jesus profeta com suas palavras lhes devolve o calor interno, principalmente no coração. Nas situações de desolação, desesperança e desânimo, muitas vezes o que preenche o coração é o desejo de ficar sozinho e isolado, afastando-se das pessoas e da comunidade. Mas, vê-se que o movimento deve ser o contrário, não ao isolamento e à solidão, e sim à proximidade e a comunhão de vida. Por isso, após reconhecerem a Jesus no partir do pão, os olhos dos discípulos se abrem, seu coração se aquece e a alegria retorna para suas vidas, fazendo-os retornarem para a comunidade.

Vê-se que o modo de Jesus profeta ser e de proceder na realidade dos discípulos e discipulas de antes e de todos os tempos, nas situações de desânimo, desolação e frustração em que cada um e cada uma se encontram é sendo para os mesmos, presença de qualidade e efetiva. Ele acolhe os pensamentos e sentimentos que cada pessoa carrega dentro de si e deixa claro que ninguém precisa ter medo ou vergonha de expressar para ele seus medos, desilusões, desolações e sofrimentos.

Nesta realidade Jesus profeta anuncia que nenhuma pessoa está livre de viver momentos dolorosos, que causam desânimo e desesperança, nem mesmo os seus seguidores e seguidoras, é o que confirma Marques e Paro: “O cristão não é um ser alado ou intocável, no que diz respeito à realidade que o cerca. Deus não tirou o cristão das dores do mundo” (2019, p.41). Anuncia a importância da escuta atenta à verdade que o outro comunica, não somente com palavras, mas com todo o seu ser. Anuncia que o falar a partir do que o outro comunicou deve ser um falar que produz vida e esperança transformando a pessoa de dentro para fora.

Com isso ele também denuncia as ideias enganosas que seus próprios discípulos podem ter sobre o seu modo de ser e de proceder. Denuncia que não existem fórmulas mágicas e ritos extraordinários para superar aqueles

momentos difíceis que todas as pessoas na humanidade algum dia na vida passam, mas que no encontro pessoal com ele, no diálogo e na escuta de suas palavras é possível superar.

Até este momento, viu-se quão instigadora foi a realidade das mulheres e dos discípulos para o agir profético de Jesus. Em cada uma dessas realidades, tem-se o modo particular de Jesus profeta se aproximar, conduzir e oferecer saídas viáveis, pois para cada realidade e para cada situação que afeta a vida humana, a resposta deve ser contextualizada e adequada à mesma. Mas, muitas vezes agir na realidade que envolve outras pessoas parece ser mais fácil do que quando a realidade a ser vista, acolhida e compreendida é a pessoal. Como Jesus profeta agiu e reagiu, quando era ele o centro da questão?

2.3.3 A Realidade de Jesus Profeta na Situação de Incompreensão e Perseguição

Não foi somente a realidade das mulheres e a realidade dos discípulos que instigou o agir profético de Jesus, mas a sua própria realidade pessoal, na situação de incompreensão e perseguição diante de sua pessoa e de sua missão. Na narrativa analisada 13,31-33, os fariseus se encarregaram de alertar a Jesus sobre as más intenções de Herodes. E indicam que ele parta daquele local para não ser morto. Mas Jesus profeta não se deixou intimidar pelas ameaças e resolve mandar-lhe um recado pelos mesmos fariseus:

Ide dizer a essa raposa: Eis que expulso demônios e realizo curas hoje e amanhã e no terceiro dia terei consumado! Mas hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém (13,32-33).

A incompreensão diante da missão e da pessoa de Jesus profeta não vai ser uma novidade, visto que, o seu modo de ser e de proceder na realização do plano salvífico questionava as estruturas estabelecidas, causando o embate constante com os diferentes grupos existentes. O anúncio de que Jesus não teria uma vida fácil e uma missão tranquila fora feito, desde quando ele era ainda um bebê. Simeão vai profetizar dizendo: “Eis que este menino foi posto para a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e como

um sinal de contradição” (2,34). E ao longo da vida de Jesus esta profecia foi se concretizando.

Na primeira atividade de Jesus em Nazaré, os seus conterrâneos não compreendem as palavras que ele lhes fala, irritam-se e tentam acabar com a sua vida, lançando-o do alto da colina (4,28s). A atuação profética de Jesus vai ser profundamente questionadora das estruturas vigentes, seja ela política, social e principalmente religiosa. Vê-se ao longo do Evangelho a Jesus no embate com o grupo dos fariseus. Que tinham por preocupação e interesse garantir que Israel se mantivesse fiel à lei que recebeu como sinal da Aliança com Deus. Daí a preocupação com os ritos de pureza e com a santidade de Israel. Diante do rigorismo dos fariseus, a liberdade de Jesus vai ser questionadora demais. Liberdade para falar em nome de Deus e até para chamá-lo de Pai (Abba).

O final trágico de Jesus não foi uma surpresa. Fora sendo gestado dia a dia desde que ele começou a anunciar com paixão o projeto de Deus que ele trazia no coração. Enquanto as pessoas o acolhiam quase sempre com entusiasmo, em diversos setores ia soando o alarme. A liberdade daquele homem cheio de Deus revela-se inquietante e perigosa. Sua conduta original e inconformista os irritava. Jesus era um estorvo e uma ameaça. Seu empenho em anunciar uma inversão da situação e seu programa concreto para acolher o reino de Deus e sua justiça eram um desafio ao sistema. Provavelmente a atuação de Jesus desconcertava a quase todos, provocando reações diversas, mas a rejeição ia se gestando, não no povo, mas entre os que viam seu poder religioso, político e econômico correr perigo (PAGOLA, 2010, p.399-400).

Jesus foi chamado de blasfemo por aquelas pessoas que até podiam conhecer as Escrituras, mas sabiam pouco de Deus. O Deus anunciado por Jesus, que é pura misericórdia e compaixão. Jesus profeta é consciente de que o seu destino se assemelha ao destino dos grandes profetas de Israel, que também foram incompreendidos e perseguidos. Casalegno explicita: “O que aconteceu com o profeta de Nazaré não é, portanto, um absurdo, mas algo que encontra sua explicação nas Escrituras que apresenta vários casos de justos perseguidos e reabilitados por Deus, a começar por Jó e pelo servo do Senhor” (2003, p.194-195).

Em todas as perseguições e embate com os diferentes grupos, Jesus profeta vai se manter firme naquilo que ele acredita e na consciência que tem de ser Filho de Deus e que sua missão não pode ser interrompida por

nenhuma força humana, pois somente o Pai, quem lhe confiara essa missão é que pode retê-la. “A fidelidade do último profeta, que enfrenta com liberdade e coragem o seu destino, inaugura um futuro novo para todos. É esta uma garantia de esperança para todos os que, antes ou depois dele, são vítimas de opressão” (FABRIS, 2006, p. 152).

Jesus profeta em sua realidade pessoal, na situação de perseguição e incompreensão diante de sua pessoa e de sua missão procedeu como sempre, com firmeza e confiança, com entrega e liberdade. Ao assumir a perseguição e a incompreensão como marca característica de uma missão, que fundada na vontade de Divina da defesa da vida dos pequeninos, causando incômodo nas forças do mal, ele anuncia a todos aqueles e aquelas que assumem missão semelhante à dele, que não será fácil e que as atitudes da incompreensão e da perseguição apresentadas pelos poderosos sinalizam que estão no caminho certo. Ele denuncia com, isso, o descompromisso com a vida e com a dignidade humanas revelado em posturas acomodadas nas falsas seguranças pessoais.

Jesus, portanto, sofreu a perseguição, sabia por que a sofria e aonde podia leva-lo, e essa perseguição, enquanto conscientemente assumida, dá a medida de sua fidelidade a Deus. Mostra-o como um ser humano que não só anuncia a esperança aos pobres e anatemia seus opressores, mas também se mantém nela apesar da perseguição, por essa vontade de Deus. A morte violenta não lhe sobrevirá como um destino arbitrário, mas como algo sempre presente no horizonte (SOBRINO, 1994, p.295).

Assim, vê-se como a realidade concreta e as situações que afetam a vida humana foram profundamente instigadoras do agir profético de Jesus. Realidades que no seu tempo, careciam/pediam um olhar atento e misericordioso e que ainda hoje pedem atenção e resposta afetiva e efetiva para que a valorização da pessoa humana seja plena.

Jesus é condenado porque diz a verdade. Trata-se da verdade sobre o verdadeiro Deus e a verdadeira religião, que condena tudo aquilo que os chefes religiosos queriam impor ao povo. Jesus denuncia o sistema de mentiras que os chefes religiosos querem impor. Esse sistema não leva à vida, mas para a morte, querem matar a Jesus porque sentem que a verdade os condena (COMBLIN, 2005, p. 170).

Viu-se que em cada realidade em que Jesus profeta atou, ele foi resposta e presença que anuncia e denuncia. Anuncia que a vida plena,

abundante e com dignidade está acima de todo e qualquer rito legal. Anuncia que na sociedade há espaço suficiente para os homens e as mulheres e que ninguém deve ter o seu potencial criativo e transformador limitado por sua condição biológica. Também anuncia que no caminho do seu seguidor e seguidora, ele se faz presente caminhando lado a lado, escutando e acolhendo as angústias, as frustrações e as desolações que cada pessoa carrega dentro de si, em algum momento da vida. Anuncia que no encontro pessoal com ele e na vivência comunitária é possível encontrar sentido para a vida.

E com isso, ele denuncia as estruturas vigentes que se beneficiavam com a exclusão e a marginalização das pessoas. Denuncia a separação de classe existente e denuncia a falta de cuidado e atenção por parte do poder político, social e religioso, das pessoas que se encontram deprimidas e desiludidas.

Após observar refletidamente a Jesus profeta atuando concretamente na realidade dos diferentes personagens históricos, vê-se que em cada gesto realizado, em cada ação concretizada junto às pessoas, ele dava a conhecer a sua identidade profunda. Por isso, dá-se um passo a mais na reflexão sobre Jesus profeta a partir das características que revelam a profundidade do seu Ser, que são: o messianismo e a salvação.

3.2 CARACTERÍSTICAS QUE EXPRESSAM PROFUNDAMENTE O SER DE JESUS PROFETA

O ser humano é o único ser criado com a capacidade de viver livremente a abertura radical ao mundo, ao outro e a Deus. Enquanto ser no mundo em constante relação com as demais criaturas, ele se constrói/revela a partir dos aspectos da unificação e da diferenciação. Enquanto diferenciação, a pessoa humana se distingue dos demais seres criados, mas enquanto unificação, ela é parte do todo, não estando fora do mundo/universo criado, ou seja, é criatura entre as demais criaturas.

Na relação com as demais pessoas o ser humano se dá a conhecer e se reconhece como ser único e irrepetível. E as características de uma pessoa são profundamente reveladoras do seu modo de ser no mundo. Elas revelam

em profundidade algo que é próprio de cada pessoa humana e que as distingue de todas as outras pessoas e espécies.

Nas narrativas analisadas percebe-se que Jesus profeta em cada encontro vivido com as diferentes pessoas, como: a viúva de Naim, a mulher pecadora, os discípulos e consigo mesmo, revelava traços profundos de sua personalidade, do seu ser. E olhando para a identidade profética de Jesus é perceptível que essa se insere no terceiro Evangelho na globalidade da proposta lucana, que consiste em ajudar a cada pessoa que faz a experiência do encontro pessoal com Jesus, em seu próprio caminho, reconheça a sua identidade profunda como o Messias enviado por Deus e esperado pelo povo, a salvação divina encarnada na história.

Por isso neste tópico a proposta é apresentar o messianismo e a salvação como características profundas e reveladoras do ser de Jesus. Características essas, que ele dá a conhecer a partir da sua vida, das opções que fez na realização do programa de vida e de missão que ele anunciou na sinagoga de Nazaré, a partir dos encontros vividos com as pessoas mais simples e marginalizadas da sociedade e dos desencontros vividos entre as pessoas e grupos religiosos que não acolhiam o modo próprio de Jesus ser Messias e ser Salvador.

3.2.1 O Messianismo

Para a tradição bíblica o messianismo diz respeito à expectativa que um povo, neste caso, o povo de Israel mantinha na vinda do messias, o ungido, o enviado de Deus para restaurar e libertar o seu povo do jugo do opressor.

A palavra “messias” vem do hebraico mashiah, que significa “ungido”, e é traduzido pelo termo latino messias. Segundo o dicionário Aurélio, Messias tem o sentido religioso de: pessoa ou coletividade na qual se concretizavam as aspirações de salvação ou redenção; pessoa a quem Deus comunica algo de seu poder ou autoridade; líder carismático; e na linguagem coloquial, embora referido ao sentido religioso, pessoa esperada ansiosamente (BINGEMER, 2015, p. 77).

No tempo de Jesus, os diferentes grupos religiosos possuíam visões diferenciadas sobre o messianismo. Dentre esses grupos, têm-se os fariseus, com quem Jesus viveu embates constantes. Para eles as Escrituras eram a fonte que devia orientar a todo o povo, sem que o povo se desvirtue no mais

mínimo detalhe. Eles esperavam um messias que observasse em tudo as Escrituras e levasse Israel à vivência plena da lei, e assim restaurar o reinado de Davi. Eles eram nacionalistas e nada favoráveis ao império romano.

Têm-se também os essênios, homens cuja vida era admirada por causa da sua piedade e ascese. Eles viviam um estilo de vida monástico. Esperavam um messias que instaurasse o verdadeiro culto no templo, pois o que era realizado lá, segundo a compreensão desses, estava totalmente corrompido. O messias esperado pelos essênios é um sacerdote/régio. Como os fariseus também eram nacionalistas e contrários ao império romano.

Depois, destacam-se os saduceus que eram compostos pela aristocracia sacerdotal. Eles comandavam o templo. Eram fechados e totalmente apegados à Torá e desconfiavam das novidades teológicas do seu tempo, como a ressurreição dos mortos e outros. Eles não esperavam um messias e também não eram contrários ao império romano. E por último, destacam-se os zelotes-sicários, que é um grupo que está sempre pronto para enfrentar o império romano e tomavam as armas para fazer essa defesa. Eram nacionalistas mais acentuados do que os fariseus.

Mas entre a diversidade própria de cada grupo é possível perceber que há uma confluência no modo de compreender o messianismo e a pessoa do messias. Eles esperam um messias como um reformador político, capaz de destronar o império romano e promover a paz e a justiça esperada por todos. E em meio a estes grupos, ideias e expectativas, Jesus, o profeta de Nazaré, aparece, anunciado que o “Hoje da Salvação”, já está acontecendo através de sua pessoa e de sua ação. A ele a quem a comunidade cristã vai reconhecer como o Cristo (ungido). Como o evangelista faz a apresentação da identidade messiânica de Jesus e do seu messianismo?

O messianismo de Jesus vai sendo compreendido na medida em que a sua identidade messiânica vai sendo revelada na macronarrativa. E a identidade humana vai sendo construída desde muito cedo, antes mesmo do nascimento da criança, quando os pais ou responsáveis escolhem com carinho e cuidado um nome para a nova vida que se forma no ventre materno. E ao longo da vida, ela vai se formando e se fortalecendo através da pergunta que a pessoa faz: quem sou eu? Do encontro pessoal que ela faz com o outro que inquire: quem é você? E com a realidade que o cerca.

No percurso narrativo do terceiro Evangelho, o evangelista revela, pouco a pouco, a identidade messiânica de Jesus. Já no evangelho da infância (1,5–2,52), na cena da anunciação (1,26-38) apresenta pela boca do anjo Gabriel, o enviado divino, um primeiro indício da identidade do protagonista de sua macronarrativa, quando ele diz a Maria, a escolhida: “Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás pelo nome de Jesus” (v.28).

O anjo apresenta um elemento importante para o processo de construção e fortalecimento da identidade pessoal, que é o nome. O nome, além de conferir à pessoa identidade, confere também o reconhecimento. Dizer o nome é dizer quem se é. O próprio Deus, no seu desejo de salvar-libertar o povo de Israel da escravidão no Egito, não vai escapar da necessidade de se identificar, de dizer para um outro, o seu nome (cf. Ex 3,13-15).

Os pais ou responsáveis, na escolha do nome para a criança, muitas vezes levam em conta o sentido e o significado que esse possui. O nome de Jesus, que o anjo Gabriel apresenta a Maria, tem um significado profundo e diz muito do ser e proceder dele no mundo, pois significa: “O Senhor salva”. O significado que até então se encontra no conhecimento restrito, já que somente a Maria fora revelado o nome com o qual deverá chamar a criança, logo vai se tornar público, quando os anjos, no nascimento de Jesus, anunciam aos pastores uma grande alegria: “Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi” (2,11). E mais público ainda, ficará na apresentação da criança no templo (2,21), onde vai ser ratificado o nome do pequeno.

A circuncisão de Jesus, como sinal de inserção oficial no povo de Deus, é apenas uma ocasião para destacar a importância do nome. Um nome que resume toda a tarefa histórica do recém-nascido: Yehoshuah (abreviado: Yeshuah), “o Senhor é salvação ou salva”. Como o nome, assim a sua missão salvífica é uma escolha e decisão que vem de Deus (FABRIS, 2006, p. 40).

Na cena da anunciação, são apresentados outros elementos geradores de identidade: “Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai [...] O Santo que nascer será chamado Filho de Deus” (vv.31.35). A filiação é um elemento que confere identidade, identificação e pertença. Quem é do Nordeste brasileiro entende bem a

importância da filiação para o processo de identificação, pois é comum dizer sobre alguém: “é Maria, filha de fulano e fulana.” Vê-se então, que Lucas, de imediato revela a identidade filial de Jesus. O que facilita muito para o leitor do terceiro Evangelho a compreensão e o entendimento da pessoa de Jesus e de sua missão salvífica.

Na preparação do seu ministério (3,1-4,13), Jesus vai ouvir uma declaração que enche de alegria e confiança o coração de qualquer filho: “Tu és o meu Filho, eu hoje, te gerei” (3,22). Mas, não basta saber-se e se sentir Filho de Deus, é preciso encarnar em sua vida e no seu ser o modo próprio do Pai. Assim compreendeu Santa Cândida Maria de Jesus, fundadora da Congregação das Filhas de Jesus, que ao falar da relação com o Senhor diz que é preciso “Parecer-se a ele em tudo, como um filho se parece a seu Pai” (Constituição das Filhas de Jesus, 1985, n. 136, p.125).

No texto no qual o evangelista apresenta a genealogia de Jesus (3,23-38), é possível ver uma linha crescente na apresentação e compreensão da identidade do protagonista, pois Lucas inicia sua narrativa apresentando a suposição da filiação de Jesus: “Ao iniciar o ministério, Jesus tinha mais ou menos trinta anos e era, conforme se supunha, filho de José” (3,23), mas, Lucas remonta a sua genealogia até o primeiro vivente, até “Adão, filho de Deus” (v.38). “Em Jesus está concentrada toda a história humana iniciada com Adão. A imagem de Deus impressa no primeiro homem aparece agora em toda a sua verdade em Jesus” (FABRIS, 2006, p. 55).

Mas, é justamente no episódio das tentações no deserto (4,1-13), onde o evangelista, ao apresentar a Jesus vivendo uma prova de fogo, no confronto com o tentador (diabo), deixa transparecer o modo como ele compreende a Jesus em sua relação filial com Deus Pai. Por duas vezes, o diabo utilizando enganos, vai dizer a Jesus: “Se és Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão [...] Se és Filho de Deus, atira-te para baixo, porque está escrito...” (4,3; 9.10). O diabo tenta disseminar em Jesus a dúvida e a confusão interna, pois elas geram desconfiança e instabilidade.

Porém, a filiação assumida e vivida por Jesus ao longo da macronarrativa não é a do aproveitamento do Pai, mas, a da simplicidade e da verdade, e não é também, uma filiação do espetáculo, mas, da fortaleza e da confiança. Confiança ratificada até o último suspiro: “Pai, em tuas mãos

entrego o meu espírito” (Lc 23,46). Assim, é possível destacar que a identidade filial de Jesus (Filho de Deus; Filho do Altíssimo; o Filho, ou meu Filho) também expressa o modo como Lucas constrói e apresenta a identidade profunda de Jesus. Com isso, Fitzmyer recorda que:

A intenção de Lucas não se limita a apresentar a Jesus unicamente como Filho adotivo de Deus, no sentido em que essa designação era aplicável aos sucessores de Davi (cf. 2Sm 7,14; 1Cr 17,13); a relação expressa entre o título “Filho de Deus” e o momento existencial da concepção humana de Jesus, implica umas conotações que superam indiscutivelmente o mero caráter de adoção.²⁸ (1986, p. 348).

Têm-se, ainda na etapa da vida de Jesus na Galileia (4,14—9,50), muitas afirmações e dúvidas sobre a identidade do protagonista. No episódio da primeira atividade pública de Jesus, na sinagoga de Nazaré (4,16-30), os seus conterrâneos, ao ouvirem as palavras sábias, que saíam da sua boca, vão dizer admirados: “Não é este o filho de José?” (v.22). Mas, se aos conterrâneos de Jesus está velada à informação de que Jesus é Filho de Deus, o mesmo não acontece com os demônios que, ao verem a Jesus curando a muitas pessoas, reconhecem a sua filiação divina e gritam em alto e bom som: “Tu és o Filho de Deus!” (4,41).

As figuras metaterrenas (Deus e os demônios), como diz Tolentino, são os que na narrativa conhecem a identidade profunda de Jesus, aos demais personagens resta um caminho profundo de encontro e identificação com Jesus para descobrirem, a partir do seu ser e do seu proceder, a sua identidade filial e messiânica. Por isso diz:

A presença de Deus na narrativa é quase sempre indireta, e aparece ou não na boca de Jesus ou na dos contracenantes, mas também aí como reação a Jesus. Os demônios falam de Jesus como “o santo de Deus” (4,34); “o filho de Deus” (4,41); “o filho do Altíssimo” (8,28) [...] Deus como personagem, não é desenhado diretamente. Constantemente há uma “nuvem” de distância que oculta a sua definição [...] mas, mesmo oculto, Deus é uma força motora da inteira narrativa [...] A presença do demônio é descrita como uma perturbação violenta da própria vida. Um poder estranho ao homem

²⁸La intención de Lucas no se limita a presentar a Jesús únicamente como Hijo adoptivo de Dios, en el sentido en que esa designación era aplicable a los sucesores de David (cf. 2 Sm 7,14; 1 Cr 17,13); la relación expresa entre el título «Hijo de Dios» y el momento existencial de la concepción humana de Jesús implica unas connotaciones que superan indiscutiblemente el mero carácter de adopción.

apodera-se dele e dilacera a sua identidade (TOLENTINO, 2015, p. 210-211).

O processo de revelação da identidade messiânica de Jesus dá-se na dinâmica da revelação de sua identidade pessoal. É possível perceber com isso que o evangelista utiliza a dinâmica do conhecimento-desconhecimento. Pois há na macronarrativa, personagens (anjo Gabriel, Deus, demônios/diabo) que conhecem e reconhecem a identidade messiânica de Jesus, e outros que, mesmo vendo a atuação concreta dele junto ao povo, duvidam, desconhecem, ou seja, não reconhecem nele os traços do messias esperado. Por isso, em vários momentos e situações, principalmente após uma ação concreta realizada por Jesus em favor de alguém, vai surgir da boca de diferentes interlocutores o seguinte questionamento: Quem é este?

Os fariseus e os escribas, após verem a Jesus curando e perdoando um paraplégico (5,17-26) levantam o questionamento sobre a sua identidade e a sua autoridade para fazer tal coisa, dizendo: “Quem é este que diz blasfêmias? Não é só Deus que pode perdoar pecados?” (v.21). Mas, Jesus abertamente diz para eles e para todos os ouvintes: “Para que saibais que o Filho do Homem tem o poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno – disse ao paraplégico – levanta-te, toma tua maca e vai para tua casa” (v.24). Diretamente, Jesus vai se identificar sempre como “o Filho do Homem”.

Durante o seu ministério público, a frase “O Filho do Homem” faz referência à sua condição moral (5,24; 6,5; 12,10; 19,10; 22,48), com uma certa conotação de dignidade, e em (6,22; 7,34; 9,58) com um matiz (tom), de ignominia ou humilhação do protagonista. Outras vezes anunciam o sofrimento e a morte trágica do protagonista (9,22. 44; 18 31; 22,22; 24,7). Mas, também abre a uma perspectiva futura, que marca a vinda gloriosa de Jesus e sua atuação como juiz supremo (9,29; 11,30; 12 8. 40; 17,22. 26. 30; 18,8; 21,27. 36; 22,69)²⁹ (FITZMYER, 1986, p. 353-354).

Dando sequência então, na macronarrativa, tem-se a cena da pecadora perdoada (7,36-50) na qual os comensais, ali presentes, levantarão um questionamento semelhante ao dos fariseus e escribas: “Quem é este que até

²⁹ Durante el período de su ministerio público, la frase hace referencia a su condición moral (Le 5,24;6,5; 12,10; 19,10; 22,48, con una cierta connotación de dignidad, y Le 6,22; 7,34; 9,58, con matiz más bien de ignominia o humillación); otras veces anuncia el sufrimiento y la trágica muerte del protagonista (Le 9, 22.44; 18,31; 22,22; 24,7). Pero también se abre a una perspectiva futura, que marca la venida gloriosa de Jesús y su actuación como juez supremo (Le 9,26; 11,30; 12, 8.40;17, 22.26.30; 18,8; 21, 27.36; 22,69).

perdoa pecados?” (v.49). Em outro momento, na cena da tempestade acalmada (8,22-25), o questionamento partirá da boca dos próprios discípulos que, ao verem Jesus acalmando os ventos e as ondas agitadas, exclamaram: “Quem é este, que manda até nos ventos e nas ondas, e eles lhe obedecem?” (v.25). Dos lábios de Herodes, o questionamento, também vai ser levantado, após esse, ouvir muitas coisas sobre Jesus: “Quem é esse, portanto, de quem ouço tais coisas?” (9,9). E finalmente o próprio Jesus vai inquirir a seus discípulos: Quem sou eu, no dizer das multidões? [...] E vós, quem dizeis que eu sou?”(9,18.20).

Para todas as perguntas sobre a identidade de Jesus (quem é este), feitas por personagens diversos na narrativa, o evangelista oferece uma resposta que corrobora com tudo aquilo que a narrativa, até esse momento, vinha indicando: “Este é o meu Filho, o Eleito, ouvi-o” (9,35). Todo o agir de Jesus encontra razão e sentido porque é do Pai, que recebe toda autoridade. É dentro desta perspectiva da identidade filial de Jesus que se compreende a sua identidade messiânica: “Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi” (2,11).

É da misteriosa consciência de ser Filho e do fato de que essa filiação configurava seu messianismo que deriva a autoridade de Jesus. A compreensão, aliás, da autoconsciência de Jesus passa necessariamente por sua experiência de Deus [...] Portanto o que caracteriza o messianismo de Jesus é o fato de sentir-se eleito e enviado para realizar uma missão divina particular obedecer estritamente ao chamado de Deus (BINGEMER, 2015, p. 82)

A palavra Χριστός (Khristós), de origem grega, cujo significado se traduz por unguento/consagrado com a unção, é a tradução da palavra hebraica מָשִׁיחַ (messias). Segundo Fitzmyer, a utilização dessa palavra como título, deriva-se do judaísmo palestinese e ressalta o clima reinante da expectativa messiânica, ou seja, a expectativa de que um novo Davi ou um unguento, enviado por Deus, ia aparecer a qualquer momento (1986, p. 333).

No Antigo Testamento, o título unguento era aplicado a pessoas diversas, que na história eram consideradas intermediárias de Deus, para cuidar e proteger o seu povo Israel. Tem-se assim, a aplicação destinada aos reis de Israel (1Sm 24,7; 2Sm 1,14), a personagens como Ciro, rei da Pérsia (Is 45,1);

aos patriarcas (Sl 104,15), bem como ao rei messiânico, o ungido por excelência, o qual no Novo Testamento é identificado na pessoa de Jesus.

No terceiro Evangelho, Cristo não é o apelativo/título mais frequente, destinado a Jesus, mas é sem dúvida o mais importante (2,11. 26; 3,15; 4,41; 9,20; 20,41; 22,67; 23,2. 35. 39; 24,26.46). Em todas as etapas da vida de Jesus é possível ver a aplicação do apelativo, referindo-se a ele. Em Lc 2, 11 o título aparece como anúncio alegre da boa notícia. Já em 2,26 expressa a confirmação da realização das promessas feitas em tempos antigos. Tem-se também o uso do apelativo como reconhecimento da identidade de Jesus (4,41; 9,20; 23,2; 24, 26.46), sendo também utilizado para expressar a dúvida quanto a sua identidade (3,15; 20,41; 22,67).

O fator determinante da adoção do título Messias (Cristo) e sua posterior aplicação a Jesus deve ter sido o letreiro que Pilatos fez colocar sobre a Cruz: “O rei dos judeus” (Mc 15,26). A condição de rei que lhe atribui o procurador romano leva a associar a pessoa de Jesus com a expectativa messiânica contemporânea. Se Jesus foi crucificado porque era rei, então é que ele era o Messias [...] Ao atribuir a Jesus o título de Cristo, Lucas o apresenta como ‘o ungido’, o intermediário de Deus, que se proclama a si mesmo como portador de uma salvação totalmente nova destinada à humanidade³⁰ (FITZMYER, 1986, p. 334-335).

E, por fim, tem-se os questionamentos daqueles que, ao final de tudo, ainda não reconhecem a Jesus como o messias salvador, como acontece por exemplo na cena da paixão (22,1–23,56). Desde o início do processo acusatório é levantada a questão: “Se tu és o Cristo, dize-nos” (22,67). E Jesus diferente do que faz em Mc 14,62, que responde afirmativamente, não admite, mas ao contrário dá uma resposta evasiva: “Se eu vos disser, não acreditareis” (Lc 22, 67). E insistem: “És, portanto, o Filho de Deus?” (22,70).

Também surgiam as zombarias cheias de ironia e maldade: “A outros salvou, que salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito” (23,35c). O falar desse povo relembra o modo do diabo, na cena da tentação no deserto. É um

³⁰ El factor determinante de la adopción del título de «Mesías» (christos) y su posterior aplicación a Jesús debió de ser el letrero que Pilato hizo colocar sobre la cruz: «El rey de los judíos» (Mc 15,26). La condición de rey que le atribuía el procurador romano llevó a asociar la persona de Jesús con la expectación mesiánica contemporánea. Si Jesús fue crucificado porque era rey, entonces es que él era el «Mesías» [...] Al atribuir a Jesús el título christos, Lucas le presenta como «el ungido», el intermediario de Dios, que se proclama a sí mismo como portador de una salvación totalmente nueva destinada a la humanidad

falar que gera desconfiança e dúvida. Um dos crucificados ao lado de Jesus não deixa de expressar o seu questionamento: “Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós” (23,39).

Uma vez mais é reafirmada a opção de Jesus em relação ao Pai, que não é a do aproveitamento, nem do espetáculo ou estrelismo, mas da entrega radical e confiante. E é nessa entrega radical e confiante que ele se dirige ao Pai dizendo: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (23,34), e finalmente: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito. Dizendo isso, expirou” (23,46). Nada abalou a confiança de Jesus no Pai e a certeza de ser filho.

Durante o ministério público de Jesus é quando se aplica a ele a identificação de Messias, o Cristo. Vê-se isso em Lucas 9,20, quando Pedro, respondendo à pergunta de Jesus sobre quem é ele no dizer dos discípulos, afirma: “O Cristo de Deus”. Ao que Jesus ordena que não digam nada sobre isso, e ao mesmo tempo, apresenta, no anúncio da paixão, o modo como entende o seu ser messias. Um Messias que tem que padecer.

Sobre isso, Fitzmyer ressalta que Lucas, retomando talvez a ideia presente em sua fonte primária, o Evangelho segundo Marcos, sobre o sofrimento e a paixão de Jesus (Mc 8,29-31), elabora sua própria concepção de um Messias que tinha que padecer: “Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?” e “Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia” (24,26. 46).

Mas, ao longo da macronarrativa, Jesus vai ser identificado de muitas formas: como mestre, como senhor; como profeta, como filho de Davi. O percurso trilhado até este momento possibilita reconhecer que a identidade messiânica de Jesus está em perfeita sintonia com a sua identidade filial. A proclamação divina em 3,22 e 9,35: “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei” e “Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-o”, fundamenta esse entendimento. O povo de Israel tem, em Jesus, o Filho de Deus, a concretização, na vinda do messias (ungido).

Com Jesus, o Cristo-Senhor, o filho amado e eleito de Deus, está inaugurado o tempo messiânico (4,18-21) no hoje da sociedade humana. Ele já pode reconduzir o novo povo messiânico, ou seja, todo aquele e aquela, que na fé, aceita-o e o reconhece como Senhor e Salvador, o Filho, ungido para

reconduzir ao Pai, os seus filhos dispersos pelo mundo. Fabris apresenta detalhadamente a temática em questão quando diz:

Jesus é o chefe e o representante do novo povo messiânico, como filho amado, escolhido para uma tarefa única. Para ele convergem s traços do messias entronizado (Sl 2,7), e os do servo fiel (Is 42,1). Esta proclamação divina assumirá um significado pleno quando se cumprir o verdadeiro batismo de Jesus: a sua imersão na morte (cf. 12,50), como último gesto de fidelidade. Aí tem origem o novo povo messiânico, animado pela força interior do Espírito (2006, p. 53).

E o messianismo de Jesus foi revelado e reconhecido então, através de suas palavras e atuação; através da observação do seu modo próprio de ser por inteiro, do modo como ele se relacionava com as pessoas e oferecia a salvação esperada. No modo como se relacionava com Deus. Um Deus que para ele Pai, e com quem mantém contato constante, através da oração. O messianismo de Jesus profeta não é um messianismo régio, sacerdotal e menos ainda político, como acreditavam e esperavam os diferentes grupos religiosos do seu tempo. É um messianismo do serviço, da convicção de ter recebido do Pai um chamado e uma missão. E será na concretude da vida, no dia a dia em que a messianidade de Jesus profeta é visibilizada, mas para isso é necessário uma mudança de olhar e de ideias, para acolher a Jesus messias como ele mesmo se apresenta.

Em toda a sua atuação junto ao povo sofrido e marginalizado, Jesus profeta realizava o seu messianismo. Em cada cura e milagre que realizou, em cada pessoa com quem se relacionou devolvendo-lhe a capacidade de se erguer, em cada exorcismo bem sucedido, o messianismo de Jesus se tornava realidade. E a libertação esperada por todos acontece na história, em Jesus e com Jesus, o messias, o Filho de modo inovador e inesperado. A todos aqueles que mantinham na mente e no coração a ideia de Jesus como um messias poderoso, cheio de glória, viu suas expectativas sendo frustradas, pois ele se mostrou contrários a esses ideais.

Depois de apresentar refletidamente o messianismo como característica profunda e reveladora do ser de Jesus profeta, traz-se a outra característica, a salvação que se encontra intimamente ligada ao messianismo.

3.2.2 A Salvação

O anúncio da salvação constitui uma característica muito importante na missão dos profetas antigos. E diante das tragédias que se abateram sobre o povo de Israel ao longo da história, causando-lhe angústia, incompreensão e desolação, os profetas antigos foram voz de Deus, transmitindo ao povo eleito uma mensagem de esperança, um anúncio da salvação. Os profetas transmitem a certeza de que o Deus que um dia os salvara da escravidão do Egito não deixaria o seu povo entregue à própria sorte. Ele jamais se esquece do seu povo escolhido e com quem fizera uma Aliança (Ex 19,3s).

Muitos oráculos de salvação vão ser pronunciados pelos profetas (cf. Am 9, 11-12. 13-15; Is 6,13. 11,1. 25,6-10; 40-48; Mq 5,1-3; Jr 33, 10-11. 31,31-34). Sicre confirma o desejo de salvação divina quando expressa: “A certeza de que a palavra definitiva de Deus era a salvação teve influência inclusive nas coleções de maior denúncia e ameaça, como o livro de Amós. No final do mesmo encontramos diversos oráculos de salvação” (2016, p. 273).

Vê-se que os profetas antigos anunciam a salvação como promessa. Uma salvação que vem de Outro, ou seja, do próprio Deus. E com Jesus profeta como se dá o anúncio da salvação? Qual a compreensão que o evangelista revela de Jesus como salvação?

O termo Salvação (Soteria), segundo Fabris, aparece por quatro vezes na macronarrativa lucana. Pode parecer pouco, mas tendo em vista que, no Evangelho segundo São João aparece somente uma vez e nos outros sinóticos, nenhuma, isso diz muito sobre a importância que a temática tem para Lucas. O projeto de salvação trazido e oferecido por Jesus em sua pessoa e sua missão se realiza no encontro com as pessoas e situações que as afetam. E se expressa pelas palavras e gestos que curam, nos gestos de acolhida e de perdão que ele dispensa a cada pessoa com que se encontra em seu caminho.

Para a tradição judaica a compreensão de salvação está em total sintonia com a experiência do êxodo, experiência de libertação. Mas, levando em conta os diferentes grupos/ramificações do judaísmo, é possível perceber a diversidade das concepções e o modo concreto de se viver a esperança por essa salvação: “nos textos de Qumran a salvação é descrita como vitória total contra as forças do maligno; o judaísmo acentua o aspecto político-nacional da

salvação messiânica, que trará finalmente a libertação da dominação estrangeira” (FABRIS, 2006, p. 206).

Essa compreensão perdura e se espera que o messias Salvador liberte o povo do jugo opressor, que no tempo de Jesus, é o poder romano. Somente após levar em conta esses matizes que a temática da salvação traz consigo é que se pode olhar para o terceiro Evangelho e tentar reconhecer a compreensão que o evangelista tem de Jesus como Salvação.

No terceiro Evangelho, é perceptível a compreensão de que a salvação em Jesus tem no povo de Israel o seu primeiro beneficiário, mas que ela é oferecida a todos os povos, de todos os tempos. É possível destacar também que, dentre todos os povos, há aqueles preferidos, os principais destinatários desta salvação: os pobres, os excluídos, os marginalizados, as mulheres, as crianças e os estrangeiros.

Também é possível reconhecer que a salvação oferecida a todos e todas de modo gratuito, pede de cada pessoa, o acolhimento da mesma na fé. Lucas expressa esse entendimento quando apresenta a admiração de Jesus em relação à fé do centurião romano: “Eu vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé” (7,9c). Quando se dirige à mulher pecadora e diz: “Tua fé te salvou; vai em paz” (7,50b). Ou quando diz à hemorroíssa: “Minha filha, tua fé te salvou; vai em paz” (8,48). Casalegno reforça esse entendimento quando afirma: “que para Lucas a salvação verdadeira é aquela que atinge o coração, determinando um novo relacionamento com Jesus e com Deus” (2003, p.283)

A salvação oferecida por Jesus toca a vida humana inteiramente porque para Jesus a salvação é processo de libertação. Libertação de tudo que aflige o ser humano, libertação de todo o mal: o pecado, a opressão política e religiosa. O projeto de salvação de Jesus tem sua raiz no projeto de Salvação-Libertação do próprio Deus, que atua na história humana salvando e libertando o povo de Israel da opressão/escravidão no Egito (Ex 14,13). O desejo de salvação de Deus para o seu povo é presença constante ao longo da história do povo eleito

“Salvar-salvação” na Bíblia não é somente livrar de tragédias e perigos ou de um mal no qual se vive e que ameaça a existência, mas é também outorgar o bem contrário ao mal que se sofre e manter-se nesse bem com a alegria e a segurança que deriva dele. No AT, quase sempre se trata de libertação de opressões materiais, e

à medida que a revelação avança para Cristo, adquire um caráter mais espiritual e transcendente. [...] Na obra de Lucas (Evangelho e Atos), a salvação cobre as duas dimensões apontadas: é a libertação do mal e a participação dos bens divinos (RETAMALES, 2005, p.72-73).

Em Lc 1,68-75 é possível perceber que a visão veterotestamentária, da salvação como libertação das potências estrangeiras ainda se mantém viva. Já em Lc 1,76. 77 é possível ver a novidade cristã de se entender a salvação também como salvação espiritual e interior. O pecado é a raiz de todo mal e suas consequências são percebíveis na história. Dando sequência na macronarrativa é possível ouvir dos lábios de Simeão: “Agora, soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos viram a tua salvação, que preparastes em face de todos os povos, e glória do teu povo, Israel” (Lc 2,29-31), demonstrando assim, que Jesus como a salvação prometida por Deus é reconhecido e aclamado como tal por Simeão e Ana, pessoas que se encontravam em perfeita sintonia com a esperança e espera bíblica.

A missão de Jesus como salvação para o povo consiste no cumprimento das promessas destacadas no texto de Is 61,1-2 e que Lucas inseriu em sua narrativa (4,18-19), ou seja, libertar de toda prisão e opressão, curar de todos os males, recuperar a vista, entre outras coisas. Esse projeto é para hoje e não para o futuro: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura que acabastes de ouvir” (4,21); “Hoje a salvação entrou nesta casa” (19,9).

Em Jesus podemos ver, tocar, sentir e apalpar a salvação de Deus. Por isso, Lucas o apresenta ‘salvando’ do pecado (7,50), do maligno (8,36), da morte (8,50). De acordo com Lucas, Jesus ‘veio procurar e salvar o que estava perdido’ (19,10). Lucas insiste em que Jesus é o ‘hoje da salvação’. Em Cristo, Deus nos está oferecendo sua salvação hoje, agora mesmo, sempre (PAGOLA, 2012, p.14).

No terceiro Evangelho é possível ver a atuação de Jesus como Salvação tocando a cada homem e cada mulher que, naquela sociedade eram rotulados como pecadoras: “Deus está verdadeiramente interessado nisso: procurar, acolher, reintegrar o perdido na plena liberdade e comunhão de vida” (FABRIS, 2006, p. 208).

Sendo assim, vê-se que a salvação oferecida por e em Jesus se concretiza quando aos pobres é anunciada a boa nova do Reino; quando acontece a cura que liberta a vida humana de todo mal e opressão; quando a pecadora arrependida é acolhida, quando se come com os pecadores e perdoa-lhes seus pecados, reintegrando assim, cada um desses na vida em sociedade; Jesus como salvação atua libertando os oprimidos, principalmente do jugo religioso que em nada revela o rosto misericordioso de Deus. Pois, para Lucas a salvação que Jesus oferece não se esgota em curas físicas, mas toca a globalidade da pessoa (CASALEGNO, 2003, p. 280).

A salvação oferecida por Jesus se concretiza no hoje da história humana e sempre na vida de cada pessoa. A todas as pessoas é oferecida a salvação e Zaqueu vai ser tocado por ela “Hoje a salvação entrou nesta casa” (19,9a). E mesmo em meio a agonia da cruz, na hora derradeira Jesus continua oferecendo a salvação “Hoje estarás comigo no paraíso” (23,43). No oferecimento da salvação que Jesus profeta fez a cada pessoa, ele está expressando a misericórdia de Deus.

A dimensão pública e política também é assumida na missão salvífica de Jesus, pois não dá para se ter valorização da vida plena e abundante deixando de lado essas dimensões que tanto afetam a vida das pessoas. Esse processo de salvação-libertação presente no terceiro evangelho ultrapassa as fronteiras do mesmo, pois a história não termina com a morte de Jesus; ela tem continuidade. Continua ressuscitada em Jesus, que vai atuando pela mediação de suas testemunhas, por meio da Igreja e todos aqueles e aquelas que, na fé, aceitam a Jesus como Salvação.

A salvação anunciada e dada por Jesus não é um produto espontâneo da justiça humana, nem é algo que esteja às margens e na periferia da história humana. A salvação de Deus em Jesus é situada no centro da história, dos esforços e empenhos humanos, porque Jesus é o salvador na corrente das gerações humanas que remontam até o progenitor Adão (3,38) [...] Uma salvação histórica que pretendesse ser legítima sem libertar todo o homem e todos os homens da ameaça da morte e de todas as suas manifestações históricas seria a pior mistificação e caricatura do projeto evangélico de salvação (FABRIS, 2006, p. 2120).

Em Jesus profeta a salvação não é promessa para o futuro, mas é concretização no hoje, no presente da vida humana. Diferentemente dos

profetas antigos que anunciam a salvação como promessa divina para o futuro, Jesus profeta, revela-se em cada gesto que cura, que acolhe e que defende a vida como o cumprimento da salvação prometida e anunciada pelos profetas antigos. E de modo pleno, a salvação se verificará no momento escatológico como ressalta Casalegno: “A salvação, então, consiste na participação do ‘já’ e do ‘ainda-não’ do Reino” (2003, p. 285).

Em todo o percurso trilhado ao longo deste capítulo, tem-se refletido sobre o modo próprio de Jesus profeta ser e proceder na realidade concreta e nas situações que afetam a vidas das pessoas, o modo próprio em que ele se dá a conhecer através do messianismo e da salvação como características profundas e reveladoras do seu ser e agora, o convite é para refletir sobre as atitudes que Jesus profeta possui e que se extravasam em bem das pessoas através do seu proceder.

3.3 ATITUDES INTERNAS QUE SE EXTERIORIZAM COMO RESPOSTA NO AGIR PROFÉTICO

Tudo o que Jesus profeta ofereceu às pessoas que de algum modo se beneficiaram com a sua ação transformadora revela em profundidade o que habita no seu interior. E nada do que ele realizou foi motivado pelo desejo de reconhecimento ou de aplausos, mas, motivado pela certeza de que estava realizando em tudo a vontade do Pai. Um Pai que não deseja que nenhum de seus filhos se perca. Com todo o seu ser e proceder ele revela o rosto misericordioso de Deus.

A compaixão, a acolhida e a presença são atitudes que se revelaram em profundidade através do modo próprio de Jesus profeta proceder com as diferentes pessoas com quem se relacionou ao longo de sua vida. E no trato com cada uma dessas pessoas, ele expressava o que de mais profundo e autêntico preenchia o seu coração.

Por isso, ter a oportunidade de refletir sobre a compaixão, a acolhida e a presença como atitudes internas de Jesus, mas que se exteriorizam no seu agir profético é muito importante e significativo. Pois se no tempo de Jesus essas atitudes eram fundamentais para a construção de uma sociedade pautada pelo respeito e pela valorização humana, mais fundamentais, significantes e

necessárias são na sociedade atual, em que a diversidade, em todos os aspectos da vida humana é crescente, exigindo posturas e atitudes que abarque com respeito e valorização essa diversidade.

Assim, segue-se neste tópico o seguinte percurso para apresentar refletidamente o modo próprio de Jesus profeta proceder, a partir de suas atitudes: inicia-se refletindo sobre a compaixão/misericórdia como atitude fundamental que desperta o ser inteiro da pessoa, possibilitando-a sair do seu próprio amor, querer e interesse como diz santo Inácio de Loyola, em seguida, dá-se atenção a acolhida como gesto primordial no agir profético e finalmente, será apresentado a presença como compromisso no agir profético. Assim, acredita-se ser muito valioso trilhar com Jesus profeta esse caminho interno e profundo. Como a atitude da compaixão foi expressada/vivida em profundidade por Jesus profeta?

3.2.1 A Compaixão como Impulsionadora do Agir Profético

Comover-se, sentir com, entrar em comunhão com o outro e a outra a partir da situação concreta em que se encontra foi uma atitude constante na vida e na ação concreta de Jesus profeta em seu peregrinar. Ele se deixou afetar em profundidade pela situação de dor e de sofrimento que afetavam a vida humana.

Jesus foi alguém que se deixou mover e impulsionar pela compaixão/misericórdia, pois ele tem como referência o próprio Deus, o primeiro a se compadecer com a situação de opressão em que o povo vivia imerso. O evangelista Lucas revela o modo próprio como a compaixão, como atitude interna foi profundamente impulsionadora do agir profético de Jesus.

A compaixão é despertada de modo efetivo pelo olhar. Ver a pessoa na situação concreta que essa está vivendo é o primeiro passo para que a compaixão seja despertada no interior do sujeito. Mas, quando se vive numa sociedade e num tempo em que o olhar da maioria das pessoas se encontra fixado em telas de celulares e smartphone, torna-se cada vez mais difícil para a compaixão/misericórdia encontrar um espaço no interior das pessoas. Comblin confirma que, quando aceito, o olhar gera a compaixão (2005, p. 164).

É pelo olho que a compaixão entra e atinge o âmago da pessoa. Jesus profeta viu a viúva de Naim chorando e se comoveu (7,13); o samaritano viu o homem caído à beira da estrada e moveu-se de compaixão (10,33) e o Pai bondoso, enche-se de compaixão quando avista de longe o seu filho, aquele a quem se considerava perdido/morto (15,20). O próprio Deus viu o sofrimento/miséria do seu povo e desceu para libertá-lo (Ex 3,7ss). E todos estes personagens: Jesus; samaritano, o pai bondoso e Deus que se deixaram conduzir pela compaixão atuaram em prol de pessoas concretas. Pessoas que estavam passando por situações difíceis e que de algum modo colocavam em risco as suas vidas.

Com a viúva de Naim, Jesus profeta atua consolando-a; com o homem caído à beira do caminho, o samaritano atua cuidando dos seus ferimentos, com o filho pródigo, o pai bondoso atua acolhendo e com o povo de Israel, Deus atua libertando-o. Consolo, cuidado, acolhida e libertação são também expressões da compaixão/misericórdia.

A compaixão de Jesus não é triste. Não se trata de ficar triste diante dos sofrimentos dos outros, mas de assumir como próprios para superá-los, na busca de saídas—e não para chorar com os que choram sem mais. A compaixão de Jesus dirige-se à pessoa que sofre determinado mal. Não se trata de uma compaixão genérica. É uma compaixão que cria relação pessoal, compromisso ou cumplicidade. Ao mesmo tempo, nessa compaixão particularizada, Jesus atualiza e vive a compaixão mais geral pelo seu povo. Jesus vê o seu povo abandonado, sem recursos, sem rumo, sem saber aonde vai, sem pastor— como afirma. Ele veio para salvar esse povo; pra tirá-lo da miséria, da pobreza e da exclusão. Para ele, as pessoas sofredoras que encontra são provas concretas, visíveis, da miséria do seu povo (COMBLIN, 2005, p. 165-166).

Mas, não é somente o olhar que desperta a compaixão. Tem-se também outro gesto que somado ao olhar completa no ser humano o processo interno do compadecer, comover-se, sentir com. Nas narrativas lucanas que expressam a compaixão como impulsionadora do agir dos diferentes personagens ressalta-se a necessidade do gesto da proximidade. Sem proximidade do outro que sofre; do caído, e do perdido, de nada valeria o olhar. Não dá para sentir com o outro e com a outra, mantendo-se à distância.

E se aproximar do outro, do necessitado e sofrido é uma decisão que cada pessoa precisa tomar dia a dia, pois, o aproximar-se implica muitas vezes em se responsabilizar. A parábola do bom samaritano é muito iluminadora

sobre a postura com que cada pessoa se aproxima ou não do outro, na situação concreta que lhe toca viver.

O sacerdote e o levita que passavam pelo caminho e viram o homem que tinha sido assaltado caído na beira da estrada e tomaram a decisão de não se implicar, não importa o motivo que os levaram a tomar essa decisão, mas eles preferiram seguir adiante o seu caminho a parar e ajudar aquele homem, pois isso mudaria totalmente seus planos, suas tradições e ritos religiosos. Causaria transtorno que eles não estavam dispostos a passar por um desconhecido. Mas o samaritano reagiu de modo totalmente contrário, “chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão” (7,33). Chegou junto do homem, chegou bem pertinho, não teve distância e nem receios, somente pesar e sentir com aquele homem o peso da violência.

E Jesus profeta não se deixava nunca conduzir pelo distanciamento porque ele é o homem da proximidade que desperta confiança. E é somente na aproximação afetiva e efetiva do outro e da situação concreta em que está vivendo é que a pessoa poderá se afetar e assim, implicar-se. Ele se aproximou de todas as pessoas, homens e mulheres, em todas as situações: enfermidade, pecado, miséria, exclusão e marginalização. Como Deus Pai compassivo, que ao ouvir o clamor do povo, desce e o salva, Jesus profeta escuta com os ouvidos, como o coração e com todo o seu ser os clamores dos povos.

Misericórdia—como falam as Escrituras, sobretudo os profetas Oséias e Isaias— significa dar o coração aos necessitados, quer dizer, assumir a causa dos excluídos. De maneira totalmente livre e gratuita. É a solidariedade efetiva e afetiva (MOSCONI, 1997, p.58).

Outro texto significativo e que demonstra bem o modo como a compaixão impulsiona o agir de Jesus é o do endemoninhado geraseno (8,26-39). A narrativa apresenta o encontro de Jesus com um homem possesso de demônios. Um homem atormentado, vivendo de modo desumano entre túmulos. E todas as pessoas já haviam desistido dele, pois não conseguiam contê-lo. Tão logo Jesus pôs os pés em terra firme, o homem vai ao encontro dele, e numa confusão mental grita com Jesus ao mesmo tempo em que se lança a seus pés. Todos desistiram desse homem, mas Jesus, não.

A narrativa se desenvolve em torno de um diálogo entre Jesus e o possesso. Um diálogo que ao final gera uma libertação. Os demônios saem do homem e com a permissão de Jesus entram nos porcos. O resultado é imediato para o homem que se vê livre do mal que o possuía e logo ele se encontra recobrado em sua dignidade: sentado, vestido e em são juízo.

Para as demais pessoas da cidade, principalmente para os donos dos porcos, que se lançaram no abismo, a reação não foi das melhores. Nem mesmo ver aquele homem recuperado os levou a acolherem a Jesus e se compadecerem com o homem. Eles pedem que Jesus parta de seu território. Nolan explicita que “Só a compaixão pode ensinar a um homem o que significa solidariedade com outro homem” (1987, p.102).

A missão de Jesus ali naquele território estava concluída, ele já podia então voltar para Galileia. Mas antes, ele envia o homem, que deseja segui-lo, para casa, para junto dos seus. Jesus profeta assumiu o risco por esse homem e acolheu as consequências. Aproximar-se dele trouxe implicação concreta.

A única coisa que Jesus estava decidido a eliminar era o sofrimento: os sofrimentos os pobres e dos oprimidos, os sofrimentos dos doentes. A compaixão destrói o sofrimento, por nos levar a sofrer com e em benefício daqueles que sofrem. Um sentimento de simpatia para com os pobres, que não incluía a disposição de partilhar seus sofrimentos, seria algo inútil. Não podemos partilhar as bênçãos dos pobres a não ser que estejamos dispostos a partilhar seus sofrimentos (NOLAN, 1987, p. 164-165).

Em toda a vida de Jesus profeta, em tudo que fez e como fez, deixava transparecer a compaixão/misericórdia para com as pessoas. E a compaixão vivida e transmitida por ele se encontra em sintonia com a compaixão que o próprio Deus tem para com a humanidade ferida e sofrida. Jesus profeta convida a cada homem e a cada mulher a ser “misericordioso” como o Pai é misericordioso (6,36).

Ser misericordioso ao estilo do Pai de Jesus compromete diretamente a vivência da fraternidade: “Não julgueis, para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados; perdoai, e vos será perdoado. Dai e vos será dado;... pois com a mesma medida com que medistes sereis medidos também” (6,37s). A compaixão/misericórdia tem a capacidade de tocar no mais fundo do ser humano, e provocar transformações inimagináveis na pessoa que pratica de misericórdia/compaixão e para todo o entorno.

Esta experiência de um Deus compassivo foi o que levou Jesus a introduzir na história um novo princípio de ação: a compaixão. Na sociedade que Jesus conheceu os grupos e setores mais religiosos viviam a fidelidade a Deus segundo uma exigência radical aceita por todos. Aparece no Levítico com estas palavras: “Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo”³¹ O povo deve imitar o Deus santo do templo; o Deus que escolhe o povo judeu e rejeita os pagãos; que acolhe os puros e afasta os impuros [...] Movido pela sua experiência de um Deus compassivo, Jesus introduz nessa sociedade uma alternativa que transforma tudo (PAGOLA, 2019, p. 60).

Por isso é importante ter a compaixão como impulsionado não somente do agir profético de Jesus, mas de toda a vida humana. Pois somente assim será possível construir uma sociedade mais humana e de olhos abertos capazes de olhar e ver o outro, e vendo sentir e sentindo atuar concretamente naquilo que for possível. Jesus profeta foi profundamente impulsionado pela compaixão e por isso, foi possível colher tantos frutos de vida nova, abundante e plena. Agora, dá-se um passo a mais nessa reflexão trazendo a segunda atitude, que é a Acolhida como gesto primordial do agir profético.

3.2.2 A Acolhida Como Gesto Primordial do Agir Profético

O evangelista Lucas deixa transparecer ao longo do Evangelho que a acolhida é uma atitude constante de Jesus profeta, expressada no seu modo ser e proceder. Ele acolheu aos excluídos e marginalizados, aqueles e aquelas que para a sociedade e para o poder religioso estavam longe das bênçãos de Deus. E com a sua atitude de acolhida às pessoas, ele alerta que não são os pobres, os pecadores e os excluídos os que estão longe do reino de Deus, mas aqueles que firmam a suas vidas e a sua justiça em mero cumprimento legal. Sobre esse tema Pagola explicita:

Todos os evangelhos destacam a acolhida e a compreensão de Jesus para com os setores mais excluídos da bênção de Deus: prostitutas, coletores de impostos, leprosos... Sua mensagem é escandalosa: os desprezados pelos setores mais religiosos têm um lugar privilegiado no coração de Deus. A razão é uma só: são os mais necessitados de acolhida, dignidade e amor (2020, p. 143).

A acolhida que Jesus dispensava a todas as pessoas abre precedência e aponta o caminho para que em todos os tempos e lugares, ela, a acolhida como gesto primordial do agir profético encontre o espaço necessário para que

³¹ LV 19,2

a vida na sociedade possa se desenvolver de modo saudável, respeitando assim, todas as diversidades de pessoas, de culturas, de etnias e de religiões. Somente nessa acolhida verdadeira ao diferente se garantirá a sobrevivência humana e a fraternidade universal.

A mulher pecadora, como representante de todas as pessoas e grupos menos favorecidos e desprezados pela sociedade, ao entrar de forma inesperada na casa do fariseu Simão e se lançar aos pés de Jesus, demonstra para com ele todo o amor e a gratidão por sua atitude de acolhida para com ela e com todos os marginalizados. Sobre o tema, Moracho explicita que “A pecadora, consciente de seu pecado, sente-se acolhida por Jesus, respeitada e amada. Ela ama e agradece. Recobrou a sua dignidade pessoal, e para ela se abre a possibilidade de uma mudança de vida” (1994, p.39).

Outra cena que merece destaque pelo escândalo da acolhida que Jesus profeta dispensa a alguém é a cena do encontro de Zaqueu com Jesus (19,1-10). Neste episódio o narrador dá a conhecer o desejo que Zaqueu tinha de ver a Jesus. Para isso, ele põe os meios necessários. Sabe por onde Jesus e a multidão que o acompanhava iam passar, sobe num sicômoro e espera. Ele só queria ver a Jesus, mas ele ainda não sabia que Jesus profeta não se contenta com uma relação à distância e que para ele nenhuma pessoa passa despercebida. Por isso, tem-se a Jesus que vê a Zaqueu na árvore. E mais ainda lhe dirige a palavra, chamando-o pelo nome: “Zaqueu, desce depressa. Pois hoje devo ficar em tua casa” (19,5).

Qual não deve ter sido o espanto de Zaqueu, ele que acreditava que passaria despercebido no alto da árvore, agora escuta a Jesus pedindo-o para descer e mais ainda, Jesus profeta se autoconvida para ficar na sua casa. Zaqueu obedece e desce depressa. Ao acolher a Zaqueu de modo tão livre de preconceitos Jesus profeta corre todo o risco por ele. Mas, Zaqueu vai retribuir esta atitude de Jesus, sem que esse lhe peça nada em troca, ele diz: “Senhor, eis que dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei alguém, restituo-lhe o quádruplo”³² (19,8).

³² Nos textos legislativos do AT está prevista a reparação em quádruplo no caso de furto de rebanho vendido ou morto (cf. Ex 21,27; 2Sm 12,6) Em casos normais, a indenização é na medida do duplo (cf. Ex 22,3.6) Também no direito romano para furtos evidentes restituição é quádrupla. Na tradição judaica a oferta voluntária máxima em favor dos pobres era de um

Através dessa acolhida, Jesus profeta devolve a Zaqueu a pertença à família humana e a dignidade de filho de Abraão: “Hoje a salvação entrou nesta casa porque ele também é um filho de Abraão” (9,9). A Zaqueu estava sendo negado o reconhecimento como filho e como cidadão, pois a ele não se dirigiam nomeando-o, mas a partir do rótulo preconceituoso: “Foi hospedar-se na casa de um pecador” (19,7). E ele também não estava vivendo segundo o significado tão carregado de sentido que o seu nome possui. Pois o nome Zaqueu em hebraico Zakkai significa puro, limpo e inocente.

É possível compreender que o entendimento que os contemporâneos de Jesus possuíam sobre o convite à santidade em sintonia com Deus que é Santo (cf. Lv 19,2) causava muitas vezes afastamento, discriminação e marginalização das pessoas, principalmente das consideradas impuras. Daí a divisão reinante entre quem é puro e quem é impuro. Jesus profeta vai insistir não no aspecto da Santidade de Deus, mas no aspecto da misericórdia/compaixão: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (6,36).

E a partir dessa atitude da misericórdia/compaixão é impossível gerar divisão de uns contra os outros, porque essa, em sua natureza inspira acolhida, respeito e valorização da vida e das pessoas. Com isso, fica cada vez mais fácil compreender a facilidade com que Jesus profeta acolhe a todas as pessoas, porque a compaixão/misericórdia e a acolhida de Deus são as atitudes que regem a sua vida. E Deus não exclui ninguém de sua mesa, da sua vida.

Saber acolher a outra pessoa como essa se apresenta é algo que brota de dentro para fora do ser humano. Cada pessoa precisa aprender a cultivar dentro de si essa atitude da acolhida e assim, deixar que ela se exteriorize em gestos concretos, no dia a dia, principalmente quando se vive num tempo em que a intolerância vem ganhando tanta força. Assim, cultivar a compaixão e a acolhida como atitudes internas é fundamental. E Jesus profeta está indicando o caminho.

quinto dos próprios bens e rendimentos. Para reparação em caso de furto, deve acrescentar-se um quinto do valor da coisa roubada na restituição. (Lv 5,21-24). (FABRIS, 1992, p. 183)

Vê-se com tudo que foi exposto neste tópico, a importância da acolhida como gesto primordial do agir profético, pois para que a vida e a dignidade humana floresçam e o diálogo e a paz, entre as pessoas e as nações, sejam uma realidade eficaz é preciso que todas as pessoas cultivem no seu interior a atitude da acolhida. Pois do contrário, o afastamento, o desprezo e o desrespeito pelo outro continuará crescendo.

Finalizada a apresentação reflexiva dessa segunda atitude que Jesus profeta transmitiu com todo o seu ser e o seu proceder, dá-se um passo a mais, refletindo agora sobre a presença como uma atitude muito importante e necessária para que a vida humana se desenvolva plenamente.

3.2.3 A Presença como Compromisso no Caminho Profético

Jesus profeta sempre foi uma presença que marcou e tocou a vida das pessoas. Mesmo antes de nascer, ainda no ventre de sua mãe, a sua presença teve a capacidade fazer João Batista se estremecer de alegria no seu ventre. Já nascido, foi presença que trouxe salvação para todo o povo, principalmente os mais pobres. Ser presença na vida de alguém é uma escolha que cada pessoa faz e deve fazer, pois isso traz implicação e envolvimento. É possível ser presença na vida das pessoas de modo diverso, pois a presença supera o aspecto físico.

Na experiência dos discípulos de Emaús, Jesus foi a presença que eles necessitavam em cada momento do percurso. No início da caminhada, eles iam tristes, abatidos, com o rosto sombrio, os olhos incapazes de ver com clareza a realidade e o entendimento fechado por causa de tudo que aconteceu com Jesus profeta. Neste momento exato, eles precisam da presença física de Jesus. Por isso, ele chega de mansinho, aproxima-se e começa a caminhar com eles. É presença real e efetiva que acolhe, consola, mas não deixa a pessoa submersa na amargura.

Depois Jesus foi presença que ensina. Ele ensina um ensinamento capaz de abrir a inteligência e aquecer o coração. A presença física ainda se faz necessária e Jesus continua andando com eles até chegarem ao povoado de Emaús. Logo que chegam ao povoado, é chegado o momento de se separarem, mas os discípulos ainda não estão prontos para deixar Jesus partir

e dizem: “Permanece conosco, pois cai à tarde e o dia já declina”. E Jesus permanece com eles.

Os momentos em que a experiência de ser presença e de sentir a presença uns dos outros de modo alegre, agradável e descontraído acontece na maioria das vezes na partilha de mesa, nas refeições. É muito bom sentar-se à mesa com pessoas que são importantes e que fazem parte da vida uns dos outros. Os dois discípulos vão viver essa experiência uma vez mais com Jesus. Vão viver a presença através da partilha o pão com Jesus como tantas vezes o fizeram.

Jesus faz às honras, toma o pão, abençoa, reparte e dá aos discípulos. E neste momento os olhos, o coração e a inteligência dos discípulos se abrem e eles reconhecem em definitivo a Jesus ressuscitado. Ele esteve presente em todo o percurso de Jerusalém a Emaús, mas eles não o reconheceram, apesar de no íntimo sentiram algo: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (v.32).

Agora que finalmente desatou o nó que prendia a inteligência, a presença física de Jesus já não se faz necessária. Os discípulos captaram a novidade da presença dele em suas vidas e na vida da comunidade. Por isso, os dois voltam correndo alegres. Mas, Jesus como presença amiga, companheira e comprometida continua com eles e com as comunidades de todos os tempos.

A experiência de caminhar pela vida acompanhados por alguém vivo, com quem podemos contar e a quem podemos nos confiar. Só Ele nos pode fazer viver, amar e esperar apesar de nossos erros, fracassos e pecados. De acordo com o relato evangélico, os discípulos de Emaús contavam “o que lhes havia acontecido pelo caminho”. Caminhavam tristes e desesperançados, mas algo novo despertou neles ao encontra-se com um Cristo próximo e cheio de vida. A verdadeira fé sempre nasce do encontro pessoal com Jesus como “companheiro de caminhada” (PAGOLA, 2012, p. 370).

Refletir sobre a presença como compromisso do agir profético, tendo como iluminação a presença de Jesus ressuscitado na vida dos discípulos e da comunidade possibilita a cada homem e cada mulher a tranquilidade de saber que nunca estarão sozinhos, pois ele mesmo se faz presente na realidade e nas situações concretas em que cada um se encontra.

Mas não foi somente neste episódio que Jesus profeta foi presença na vida do povo de Deus. Em todo o Evangelho é possível ver o modo próprio de Jesus profeta ser presença junto aos pobres. Uma presença que transmite respeito, confiança, liberdade e valorização. Jesus profeta foi presença junto aos pecadores, oferecendo-lhes o perdão; foi presença junto às mulheres e lhes ofereceu acolhida, cura e amizade; foi presença junto aos publicanos, acolhendo-os. Jesus profeta foi presença ativa, transformadora e comprometida. Ele foi presença que simboliza a presença do próprio Deus, que visita o seu povo.

A presença de Jesus é uma presença que liberta e que cura, através da palavra. É o que se vê acontecendo com o servo do centurião romano. Jesus estava a caminho para a casa desse homem para curar o seu servo que se encontrava doente. Jesus já estava a caminho porque para ele, a vida e o bem são mais importantes. Mas, o próprio centurião romano, sentindo-se indigno e reconhecendo que a presença de Jesus supera o aspecto físico diz: "... Dize, porém, uma palavra, para que meu criado seja curado..." (8,7). A presença de Jesus abarca todo o seu ser, sempre e em todos os lugares. Mas, Jesus também foi presença junto àqueles que não compreendiam a até questionavam o seu modo de viver. Ele foi presença questionadora junto a todos aqueles que não compreendiam a liberdade que ele mantinha com as pessoas e principalmente com Deus.

E para ser presença comprometida na vida de alguém, na realidade concreta hoje e sempre, faz-se necessário, como diz Santo Inácio de Loyola; "Sair do próprio amor, querer e interesse" (EE 189). O Papa Francisco vai insistir na necessidade de uma Igreja em saída de suas comodidades para ser presença ativa junto ao povo mais sofrido nas periferias geográficas e existências da vida humana. As atitudes internas de Jesus profeta que se exteriorizam no agir profético: a compaixão, a acolhida e a presença revelaram com tanta profundidade e leveza que o modo próprio dele ser e proceder encontra-se fundamentado no próprio Deus, seu Pai, que é pura compaixão, acolhida e presença.

SÍNTESE CONCLUSIVA

O percurso proposto e trilhado neste capítulo: apresentar refletidamente o modo próprio de Jesus profeta ser e proceder, a partir dos principais elementos fornecidos pelas narrativas analisadas foi muito significativo e possibilitou percorrer uma vez o todo do terceiro Evangelho.

A ação do profeta de Nazaré se enraíza na história concreta do seu povo. Sendo que na realidade das mulheres, a atuação profética de Jesus foi muito importante e significativa, pois possibilitou e possibilita a todas as pessoas reconhecerem a dignidade das mulheres como parte integrante e importante na história humana. Além de possibilitar que cada pessoa reaja repudiando a toda e qualquer forma de exclusão, marginalização e violência contra as mulheres.

Na realidade dos discípulos, a atuação do profeta de Nazaré foi de fundamental importância, pois possibilitou refletir sobre as situações de desânimo e desesperança que muitas vezes afetam de tal forma a vida dos discípulos e discípulas de Jesus, que compromete a qualidade de suas vidas. Muitas vezes ainda não se dá a atenção que essas situações pedem, e as pessoas passam por tudo como se fosse uma provação.

O percurso proposto também possibilitou sentir com Jesus a sua própria realidade na situação de incompreensão e perseguição. Mas ele se manteve firme porque era consciente da missão recebida e de quem a recebeu. Assim, como tantos homens e mulheres de todos os tempos que são incompreendidos e perseguidos, mas seguem adiante, sem temor, mas com confiança. A realidade e as situações concretas foram profundamente instigadoras do agir profético de Jesus e devem continuar instigando o agir profético de cada homem e cada mulher no hoje.

Na reflexão sobre as características profundas e reveladoras da identidade de Jesus profeta se confirma a sua identidade profunda como o messias prometido e o salvador. Sendo imperante destacar que o seu messianismo é surpreendente e supera o modo como entendiam e esperavam o messias. O messianismo de Jesus não é o poder e da força das armas, mas do serviço e da confiança no Pai. E a salvação que oferece é sinal e presença de sua ação messiânica junto ao povo de Deus.

E finalizando, viu-se como as atitudes que fazem parte de Jesus profeta e que ele exterioriza no seu proceder em bem do povo sofrido, são profundamente reveladoras para o agir profético: a compaixão, a acolhida e a presença, todas elas expressam o modo próprio de Deus ser e proceder no mundo. Modo que Jesus profeta assumiu e que pode ser assumido por todos e cada um, hoje e sempre.

CONCLUSÃO

Refletir sobre Jesus profeta na dinâmica narrativa do terceiro Evangelho como proposta fundamental desta dissertação foi muito significativo e importante, pois possibilitou conhecer em profundidade o modo próprio de Jesus de Nazaré ser profeta e proceder profeticamente, segundo a visão e o plano proposto pelo evangelista Lucas.

A identidade profética de Jesus foi sendo revelada ao longo da macronarrativa de modo muito dinâmico e integrada. Em cada gesto e em cada ação realizada em benefício das pessoas mais necessitadas, excluídas e marginalizadas pela sociedade, Jesus profeta possibilitava a cada pessoa o reconhecimento não somente de sua identidade profética, mas principalmente de sua identidade messiânica. Pois a revelação de Jesus profeta está em perfeita sintonia com a revelação de Jesus como o Messias prometido e a salvação na história.

Entre afirmações, dúvidas e autoidentificação o evangelista foi apresentando para a sua comunidade a pessoa de Jesus profeta. Pois, é no encontro pessoal de cada interlocutor com Jesus e de modo muito livre que cada um acolhe ou não a pessoa dele e a sua mensagem. O importante é destacar que toda a vida e a missão de Jesus profeta estiveram sob a guia do Espírito de Deus que o ungiu e conduziu, assim, como a seus seguidores e seguidoras.

Quando se fala e se pensa na pessoa do profeta e no seu profetismo, logo vem à mente e ao coração os aspectos do anúncio e da denúncia. Com Jesus profeta esses aspectos também se fazem presentes, mas de um modo tão dinâmico e na concretude da vida, que pode se considerar um jeito novo de anunciar e denunciar. Ao mesmo tempo em que ele anunciava para as pessoas e setores da sociedade mais marginalizados, o amor, a acolhida, o perdão e a salvação, ele denunciava para outras as suas atitudes de fechamento ao projeto de Deus, seus egoísmos e enganos.

Viu-se que alguns aspectos da atuação do profeta foram reafirmados no modo próprio de Jesus profeta ser e de proceder. Como por exemplo: o profeta e a sua atuação enraizados na história, numa realidade e situações concretas

que afetavam a vida humana. E ter como destaque na atuação profética de Jesus, a realidade das mulheres, dos discípulos e do próprio Jesus foi muito significativo e até novidoso, pois são realidades que no hoje da sociedade humana instigam o agir profético de cada homem e de cada mulher.

As situações de exclusão, marginalização e sofrimento em que as mulheres são submetidas dia a dia, em todos os tempos pedem implicação efetiva e concreta de todas as pessoas que acreditam na valorização da vida. Os desânimos, desolação e desesperança como situações vividas pelos discípulos e discípulas de Jesus profeta, são cada vez mais atuais, causando em muitas pessoas a perda de sentido pela vida. E a situação de incompreensão e perseguição vivida por Jesus profeta é profundamente atual. Muitos profetas e profetisas continuam sendo perseguidos por defenderem a vida e se manterem fiéis ao projeto de defesa da vida ao estilo de Jesus profeta. Jesus profeta e a sua missão foram totalmente encarnadas e enraizadas na história concreta do seu povo.

E na dinâmica da vida, na realização da missão recebida do Pai, Jesus profeta revelou as características profundas que são expressões do seu ser no mundo. Instigando assim, a cada pessoa a descobrir em si, suas características profundas, marcantes e representativas do seu ser pessoa no mundo. Sendo que as atitudes internas que Jesus profeta exteriorizou enquanto realizava a sua missão são atitudes necessárias demais para todos os tempos: a compaixão, a acolhida e a presença. E ao mesmo tempo em que essas atitudes se encontram em sintonia com a missão do profeta ao longo da história, pelo modo como foram reveladas na pessoa de Jesus é possível reconhecer que se apresentam como algo de novidade.

A compaixão, como atitude característica dos profetas, ganha em Jesus profeta uma tonalidade mais intensa, pois é a compaixão segundo o modelo do seu Pai, a quem ele motiva a todas as pessoas a imitarem. A acolhida e a presença são novidades muito expressivas do modo próprio de Jesus ser e proceder como profeta. E para a sociedade de hoje, ser profeta e profetisa que acolhe a todas as pessoas sem distinção e discriminação é muito importante e um verdadeiro gesto profético. Ser presença comprometida na vida das pessoas, estar ao seu lado, trilhar caminho com elas faz toda a diferença e transforma realidades.

Assim, conclui-se reafirmando o quanto foi válido e importante refletir sobre Jesus profeta na dinâmica narrativa do terceiro Evangelho. E mesmo reconhecendo o tanto de conhecimento e aprofundamento que essa reflexão trouxe, é possível reconhecer que também há limites. Pois, muitos outros elementos sobre o modo próprio de Jesus ser e proceder no mundo poderiam ser aprofundados. Elementos que enriqueceriam mais e mais a reflexão, como por exemplo: a oração que alimentava a relação entre Jesus e o Pai, a fraternidade que essa relação filial convoca, entre outros. Mas, o tempo e a abrangência da temática pediam uma delimitação, por isso, optou-se por tomar as narrativas que expressam de modo mais direto a identidade profética de Jesus como condutoras deste processo. Que cada pessoa desejosa de uma sociedade mais justa e humana possa encontrar em Jesus profeta a inspiração e o ânimo necessários para seguir adiante sem desanimar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro; LIMA, Maria Nivaneide. A. Teologia do Evangelho de Lucas: um caminho sempre atual. Revista Vida Pastoral. Março-Abril de 2019, ano 60, número 326, p. 31-38.

ASURMENDI, Jesus. **Profetismo: das origens à Época Moderna**. São Paulo: Paulinas, 1988.

BIBLIA DE JERUSALÉM. Português. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus. 2002 (13ª imp. 2019).

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso**. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2008. – (Coleção libros básicos de teologia; 8).

BOVON, François. **El Evangelio Según San Lucas: Lc 1,1—9,50**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.

BOVON, François. **El Evangelio Según San Lucas II: Lc 9,51—14,35**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002.

BOVON, François. **El Evangelio Según San Lucas III: Lc 15,1—19,27**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004.

BOVON, François. **El Evangelio Según San Lucas IV: Lc 19,28—24,53**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

CASALEGNO, Alberto. Lucas: **A Caminho Com Jesus Missionário**. São Paulo: Loyola, 2003.

CHAVE BÍBLICA CATÓLICA. Organizado pela Equipe Editorial Ave-Maria. São Paulo, Ave-Maria, 2012, p. 373-375.

CODINA, Victor. **No Extingáis el Espíritu (1Ts 5,19). Una Iniciación a la Pneumatología**. Santander: Sal Terrae, 2008.

COMBLIN, José. **O caminho: Ensaio sobre o seguimento de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 71-75.

COMBLIN, José. **Evangelizar**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 53-75 (Coleção Espiritualidade bíblica).

COMBLIN, José. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Paulus, 2010 (Coleção Espiritualidade bíblica).

CONSTITUIÇÕES DO INSTITUTO DAS FILHAS DE JESUS. Roma, 1985.

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS. Escritos de Santo Inácio. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2013.

LACOSTE, Jean Yves. Dicionário Crítico de Teologia 2ª ed. Tradução de Paulo Meneses... [et al]. São Paulo: Loyola: Paulinas, 2014, p. 1432-1436.

DUFOUR, Xavier Léon. Vocabulário de Teologia Bíblica 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p.824-830.

FABRIS, Rinaldo. **O Evangelho de Lucas**. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. Os Evangelhos II. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 11-247.

FITZMYER, Joseph Augustine. **A Bíblia na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1997.

FITZMYER, Joseph Augustine. **El Evangelio Segun San Lucas I: Introduccion General**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986.

FITZMYER, Joseph Augustine. **El Evangelio Segun San Lucas II: Traduccion y Comentario. Capítulos 1—8,21**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987a.

FITZMYER, Joseph Augustine. **El Evangelio Segun San Lucas III: Traduccion y Comentario. Capítulos 8,22—18,14**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987b.

FITZMYER, Joseph Augustine. **El Evangelio Según San Lucas IV: Traducción y Comentario. Capítulos 18,15—24, 53**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2005.

GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo testamento**. São Paulo: Paulus, p. 493-511.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Para ler as narrativas bíblicas- iniciação à análise narrativa**. São Paulo: Loyola, 2009.

MARQUES, Christopher; PARO, Thiago Faccini. **Quando a Vontade de Viver vai Embora**. São Paulo: Paulus, 2019.

MENDONÇA, José Tolentino. **A Leitura Infinita: A Bíblia e a sua interpretação**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 209-233.

MORACHO, Félix. **Como Ler os Evangelhos Para Entender o que Jesus Fazia e Dizia**. São Paulo: Paulus, 1994.

MOSCONI, Luis. **Evangelho de Jesus Cristo Segundo Lucas: Para Cristãos e Cristãs Rumo ao Novo Milênio**. São Paulo: Loyola, 1997.

NOLAN, Albert. **Jesus Antes do Cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 1987.

PAPA FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*– A alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAPA FRANCISCO. Carta encíclica *Fratelli Tutti*– Sobre a Fraternidade e a Amizade Social. São Paulo: Paulus, 2020.

PAGOLA, José Antônio. **Jesus: Aproximação Histórica**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PAGOLA, José Antônio. **Recuperar o Projeto de Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

PAGOLA, José Antônio. **O Caminho Aberto Por Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RETAMALES, Santiago Silva. **Discípulo de Jesus e Discipulado Segundo a Obra de São Lucas**. São Paulo: Paulus, 2005. –Coleção Quinta conferência Bíblia.

SICRE DÍAZ, José Luiz. **Introdução ao Profetismo Bíblico**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SOBRINO, Jon. **Jesus, O Libertador**. São Paulo: Vozes, 1994.